



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DE GÊNERO E FEMINISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES
SOBRE MULHERES, GÊNEROS E FEMINISMO – PPGNEIM/UFBA

Flávia Dias

**MERGULHANDO NAS ÁGUAS DAS EMOÇÕES: A DINÂMICA DO CICLO
DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NAS RELAÇÕES AFETIVO-AMOROSAS DE
MULHERES NEGRAS**

Salvador - BA

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DE GÊNERO E FEMINISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES
SOBRE MULHERES, GÊNEROS E FEMINISMO – PPGNEIM/UFBA

Flávia Dias

**MERGULHANDO NAS ÁGUAS DAS EMOÇÕES: A DINÂMICA DO
CICLO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NAS RELAÇÕES AFETIVO-
AMOROSAS DE MULHERES NEGRAS**

Dissertação apresentada ao Mestrado em
Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres,
Gênero e Feminismo da Universidade
Federal da Bahia, na linha de pesquisa
Gênero, Alteridade(s) e Desigualdades, sob
orientação da professora Dra. Darlane Silva
Vieira Andrade

Salvador - BA

2021

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D541 Dias, Flávia D.
nas Mergulhando nas águas das emoções: a dinâmica do ciclo da violência doméstica nas relações afetivo-amorosas de mulheres negras / Flávia D. Dias. – 2021.
149 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Darlane Silva Vieira Andrade
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2021.

1. Raça. 2. Mulheres. 3. Emoções. 4. Violência contra as mulheres. I. Andrade, Darlane Silva Vieira. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 305.4

FLÁVIA DAMASCENO DIAS

**MERGULHANDO NAS ÁGUAS DAS EMOÇÕES: A DINÂMICA DO
CICLO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NAS RELAÇÕES AFETIVO-
AMOROSAS DE MULHERES NEGRAS**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.

Salvador, 06 de dezembro de 2021

BANCA EXAMINADORA



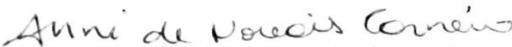
Profa. Dra. Darlane Silva Vieira Andrade - Orientadora

Doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo pela Universidade Federal da Bahia. Professora do Departamento de Estudos de Gênero e Feminismo e da Pós-Graduação de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia.



Profa. Dra. Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

Doutora em Humanidades pela Universidade de Leon. Professora do Programa de Pós-Graduação de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia e Integrante do Instituto de Sociologia da Universidade de Porto.



Profa. Dra. Anni de Novais Carneiro

Doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo pela Universidade Federal da Bahia. Professora de Psicologia da Universidade Salvador

Dedico este trabalho a todas as mulheres negras em diáspora, especialmente no Brasil, que seguem os dias lutando pelo direito de existir e viver dignamente. A todas vocês meu máximo respeito! Nós merecemos o amor.

AGRADECIMENTOS

“Viver é partir, voltar e repatir” (Emicida)

E nesse caminho de volta para casa é preciso agradecer sempre! Primeiramente aos meus orixás que me puseram no sankofa e abriram caminhos pelas estradas onde cheguei até as mulheres do campo e lá pude me (re)encontrar não apenas no trabalho, mas também nas memórias da infância ao lado dos meus ancestrais que vieram antes e que graças a eles recebi a herança tão honrosa de puder ser hoje uma mulher de axé! A meu avô Leonele a minha avó Sofia (in memoriam) minha profunda e eterna gratidão.

A todas as mulheres do campo! Margaridas que seguem na luta diária por uma vida mais digna e com amor. A vocês todo o meu respeito e gratidão!

A toda a minha família do Ilê Axé Giberu, sem o amor e acolhimento de vocês tudo seria mais difícil. Vocês me deram o maior presente: uma família! Agradeço a todas as minhas irmãs e irmãos em nome da nossa yalorixá Maria Bárbara. Gratidão eterna aos nossos pais Omolu e Xangô!

A minha primeira morada no qual tive a honra de receber a gota sanguínea ancestral, minha mãe Girlene pelo amor, cuidado, inspiração e luta de toda uma vida para que eu hoje pudesse hoje fazer minhas escolhas com maior autonomia e respeitando todo o legado que recebi e que sigo sendo continuidade, este trabalho também é seu! Te amo!

Ao meu padrasto Antônio Joselito pela construção musical, respeitosa e amorosa de uma convivência regadas pelo cuidado e afeto de um pai. Te amo!

A minha prima Sílvia e seu companheiro Élvio pela oportunidade de trabalho nas Unidades Móveis, pelo acolhimento em Salvador nos primeiros meses de estrada e por todo carinho, atenção e cuidados de irmãos comigo sempre! Amo vocês!

A toda a família Damasceno, especialmente, as mulheres. Obrigada pela oportunidade de ser continuidade e de alguma maneira colaborar para que as nossas dores não tenham sido em vão. Nós somos “os sonhos de nossos ancestrais”.

Ao meu pai Sérgio, minha madrastra Selma e meu irmão Arthur pelo acolhimento, amor e cuidado. Pelos almoços de domingo em família, pela alegria e privilégio de poder

conviver e participar da educação desse menino lindo, doce e especial que é meu irmãozinho. Amo vocês!

A minha irmã Karla Geyb pelas partilhas, incentivo, parceria e presença constante. Que felicidade nossas águas terem se encontrado! Sigamos sempre nos aquilombando. Minha gratidão a você hoje e sempre, te amo!

Ao meu irmão Rafael, pelas trocas, incentivo e acolhimento, especialmente, nos caminhos acadêmicos desde os tempos da graduação e agora de pós-graduação. Mesmo em programas de mestrado distintos seguimos juntos. Te Amo!

A toda família Queiroz, em nome da minha irmã Kamila pelas acolhidas em sua casa na ilha onde podia “dar um tempo” de Salvador, relaxar, respirar e me sentir aconchegada. Gratidão a vocês sempre!

A minha irmã Marli pelo cuidado, carinho e incentivo, especialmente, na reta final da escrita. Amo você!

A Fabiane e Aldinete pela amizade que nasceu nas estradas, na lida diária com as mulheres nas Unidades Móveis. Agradeço todo o afeto, aprendizado e parceria! O incentivo e trocas com vocês foram muito importantes para que eu estivesse aqui hoje.

A Leandro Bulhões por todo o carinho, incentivo e acolhimento. Agradeço também, as partilhas de referências sobre estudos africanos. Esse nosso (re)encontro mudou o rumo da minha discussão acadêmica e também colaborou para meu processo de autoconhecimento. Muito obrigada irmão!

A Daniel dos Santos (DanDan) pelo encontro valioso com o feminismo negro! Seu afeto e incentivo foram fundamentais para que eu fosse em busca das produções teóricas de nossas autoras negras. Você foi um dos faróis que iluminaram meus caminhos na direção do fortalecimento da minha identidade racial. Te admiro muito!

A minha orientadora Darlane Viera, pelo respeito, atenção e afeto durante todo o processo! Sua compreensão, incentivo a autonomia e cuidado na lida com as dores e amores que vivi durante esse tempo foram fundamentais para que tudo fluísse a contento. Muito obrigada pela confiança e parceria!

A toda a turma de 2019 do mestrado acadêmico do PPG-NEIM, pelo afeto, sorrisos e acolhidas constantes, nossa turma fez bonito!

Agradeço especialmente ao meu trio “Taguieff” Ana Livia e Ramayana por esses dois anos de muitas partilhas, vinhos, risos e amor.

Agradeço também a minhas amigas e colegas Neim Andreza e Daiane pelo encontro feliz, pelos afetos e sorrisos!

A todo o PPG-NEIM, pela oportunidade e confiança na minha proposição de estudo, por ser esse espaço de luta e resistência dentro de um universo extremamente sexista. Por poder escrever em primeira pessoa. A todas vocês minha gratidão, carinho e respeito!

A professora Evenice Chaves, pela honra de ter sido aluna durante a graduação na UFRB, pela amizade para além do espaço acadêmico, por todo o aprendizado e incentivo! Agradeço por enxergar meu potencial quando eu não enxergava! Que este estudo colabore para que seu nome seja sempre lembrado. Amo você!

A Laura Augusta, pela acolhida e partilha potentes dentro do espaço terapêutico! Obrigada por todo o fortalecimento, cuidado e afeto neste encontro comigo e com os nossos. Axé para nós sempre!

A Secretaria de Políticas para as mulheres do Estado da Bahia (SPM-BA) pela oportunidade de poder trabalhar com o que sou apaixonada!

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia pelo financiamento deste estudo sem qual seria mais difícil seguir. Obrigada!

“é tudo pra ontem!”

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(“Vozes Mulheres” – Conceição Evaristo)

DIAS, Flávia Damasceno. **Mergulhando nas águas das emoções: a dinâmica do ciclo da violência doméstica nas relações afetivo-amorosas de mulheres negras.** Orientadora: Darlane Andrade. 2021. 148 f. il. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

RESUMO

Neste estudo são apresentadas reflexões a respeito das implicações entre raça, gênero e emoções no processo de permanência de mulheres negras em situação de violência doméstica. De metodologia qualitativa, o estudo partiu da epistemologia qualitativa para construir e interpretar as informações, também se utilizou das teorias feministas de gênero e raça, estudos sobre raça e da teoria da subjetividade da psicologia histórico-cultural para fazer uma leitura interdisciplinar sobre o fenômeno. Realizou-se conversações com duas mulheres negras, cisgênero, sem filhas/os com o ex-parceiro da relação em que viveu violência doméstica, independentes financeiramente, que residiam no interior do Estado da Bahia. Os dados foram analisados a partir do método construtivo-interpretativo, através dos instrumentos "sistemas conversacionais" e "complemento de frases", que foram elaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. O ciclo da violência pode ser visto como importante ferramenta para evidenciar os aspectos emocionais envolvidos na dinâmica dos relacionamentos com violência doméstica, que aliados aos conceitos de raça e gênero possivelmente constituem os vínculos afetivos dentro destas relações. Ressalta-se que dentre as mulheres, as negras estão em situação de maior vulnerabilidade em função da intersecção do sexismo e racismo ainda presentes em nossa sociedade. A literatura aponta que a permanência no ciclo da violência afeta negativamente a vida das mulheres e sua saúde mental, denunciando a situação de extrema vulnerabilidade social e emocional onde as mesmas se encontram. Concluiu-se que a difícil decisão de romper o ciclo envolve uma diversidade de aspectos que constituem a violência doméstica, onde há uma busca por acolhimento e afeto por parte dessas mulheres, já que em suas vidas há pouca ou nenhuma oferta de amor, o que as torna mais vulneráveis. Romper com a lógica do amor branco romântico-burguês e construir maneiras de amar e formar comunidade pautadas em valores africanos é um caminho possível para o combate a vivência desta violência na vida de mulheres negras.

Palavras-chave: Raça; Gênero; Emoções; Ciclo da Violência

DIAS, Flavia Damasceno. **Diving into the waters of emotions: the dynamics of the cycle of domestic violence in the affective-love relationships of black women.** Advisor: Darlane Andrade. 2021. 148 f. il. Dissertation (Master's in Interdisciplinary Studies on Women, Gender and Feminism) – Faculty of Philosophy and Human Sciences, Federal University of Bahia, Salvador, 2021.

ABSTRACT

This study presents reflections on the implications between race, gender and emotions in the process of permanence of black women in situations of domestic violence. With a qualitative methodology, the study started with qualitative epistemology to construct and interpret the information, it also used feminist theories of gender and race, studies on race and the theory of subjectivity of cultural-historical psychology to make an interdisciplinary reading of the phenomenon. Conversations were held with two black women, cisgender, without children with the ex-partner of the relationship in which they lived domestic violence, financially independent, who resided in the interior of the State of Bahia. The data were analyzed from the constructive-interpretative method, through the instruments "conversational systems" and "sentence complement", which were elaborated according to the research objectives. The cycle of violence can be seen as an important tool to highlight the emotional aspects involved in the dynamics of relationships with domestic violence, which together with the concepts of race and gender possibly constitute the affective bonds within these relationships. It is noteworthy that among women, black women are in a situation of greater vulnerability due to the intersection of sexism and racism still present in our society. The literature points out that remaining in the cycle of violence negatively affects women's lives and their mental health, denouncing the situation of extreme social and emotional vulnerability in which they find themselves. It was concluded that the difficult decision to break the cycle involves a diversity of aspects that constitute domestic violence, where there is a search for reception and affection on the part of these women, since in their lives there is little or no offer of love, which makes them more vulnerable. Breaking with the logic of white romantic-bourgeois love and building ways to love and form community based on African values is a possible way to combat the experience of this violence in the lives of black women.

Keywords: Race; Gender; Emotions; Cycle of Violence

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	1
-------------------	---

CAPÍTULO 1

Sobre a construção do objeto: mulheres negras em situação de violência doméstica no Brasil	4
---	----------

CAPÍTULO 2

Raça, gênero e emoções na constituição subjetiva de mulheres negras em situação de violência doméstica no Brasil.....	15
Subjetividade, cultura e colonização	15
Subjetividades negras	18
A emergência da violência doméstica nas famílias negras	19
As mulheres negras brasileiras	21

CAPÍTULO 3

O ciclo da violência doméstica: articulações entre raça, gênero e emoções	28
O ciclo da violência doméstica	32
E para as mulheres negras?	35

CAPÍTULO 4

Construindo o caminho: a trajetória teórico-metodológica.....	40
O percurso teórico	40
O percurso metodológico	42
Técnicas e Instrumentos	43
O contexto para a execução do estudo	45
Apresentação das participantes	48
Conhecendo as participantes	48

CAPÍTULO 5

Um mergulho nas emoções: raça e gênero e as implicações no processo de permanência de mulheres negras no ciclo da violência doméstica.....	50
A fase da lua de mel - tempo de maré alta: os caminhos do entrelace amoroso	51
A fase da tensão - tempo de maré vazante é tempo de recolhimento: a vivência das tensões	72
A fase da explosão - tempo de maré baixa e praia seca: os grandes conflitos	101
Tempo de águas calmas, a lua volta a brilhar e mar encher.....	120

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 125

REFERÊNCIAS..... 129

APÊNDICE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) 134

Temário de Conversações 136

Complemento de Frases 136

APRESENTAÇÃO

O desejo de trabalhar com a temática violência contra mulheres e as políticas públicas nesta área foi gerado ao longo das experiências na Universidade como estudante de psicologia, em paralelo ao envolvimento nas lutas do movimento feminista e de mulheres, e participação no Conselho Municipal dos Direitos das Mulheres da cidade de Santo Antônio de Jesus, Bahia.

Finalizada a graduação, em 2015, atuei como psicóloga da equipe técnica de atendimento das Unidades Móveis de Acolhimento às Mulheres em situação de Violência Doméstica e Familiar nas áreas rurais, de todo o estado da Bahia, e a partir desta atuação nasceram inquietações que me incentivaram a realizar pesquisas sobre o tema mulheres em situação de violência.

As Unidades Móveis de Acolhimento às Mulheres compõem um projeto criado pelo Governo Federal na gestão da presidenta Dilma Rousseff, em 2011, após reivindicações feitas pelo movimento de mulheres do campo e floresta através da “Marcha das Margaridas”, onde as mesmas exigiam um serviço especializado sobre esta temática que chegasse até as mulheres, já que estes equipamentos quase sempre se concentravam nos centros urbanos, fora do contexto das mulheres do campo. Na Bahia o projeto foi executado pelo Governo do Estado através da Secretaria de Políticas para as Mulheres em parceria com ONGs.

Durante a minha trajetória de atuação nas Unidades Móveis ouvia diariamente relatos dolorosos de mulheres em situação de violência doméstica e familiar. Esta experiência foi fundamental para que inquietações emergissem sobre a compreensão da dinâmica das emoções nas relações cisheterossexuais com violência doméstica vivenciadas por aquelas mulheres, especialmente as mulheres negras, que eram a maioria acolhida pelo serviço.

Neste trabalho, também ficaram mais evidentes os limites impostos pela atuação profissional em psicologia com relação à maneira de enxergar os fenômenos que compõem a violência doméstica e as possíveis técnicas e instrumentos utilizados para interpretar e colaborar estrategicamente para a elaboração de novos caminhos para o fim da violência na vida das mulheres, sobretudo das mulheres negras, e para o fortalecimento dos seus autoconceitos e autonomias.

A fim de obter compreensões mais substanciais e não universalistas sobre a complexidade destes fenômenos é que se reconhece a importância e necessidade de uma

discussão interdisciplinar envolvendo a psicologia e as teorias de raça e gênero. Aqui busco olhar para a violência doméstica contra as mulheres negras por serem, entre as mulheres, as mais vulneráveis às violências, justamente pela articulação do racismo e sexismo em suas vidas, por serem as que mais buscam os serviços que operacionalizam as políticas públicas para as mulheres como os serviços da Unidade Móvel.

Escolhi estudar o tema, principalmente, pelo compromisso que tenho com as minhas origens, com a minha ancestralidade negra que sempre me convoca para uma vivência pessoal e profissional pautadas na ética e política para com o meu povo e aqui, especialmente, com as mulheres negras pois é deste lugar que também falo e foram destes ventres que (re)nasci.

Honrar a minha existência, trajetória de vida e todo o cuidado, compromisso, respeito e amor a mim ofertados nesse tempo por todas as mulheres negras que me acolheram e acolhem nesta caminhada, e aqui destaco todas as que acolhi e, sobretudo, aprendi na época em que atuei como psicóloga das Unidades Móveis, é o mínimo que poderia fazer! E esta dissertação é mais uma expressão desta honra. Que as palavras aqui ofertadas possam ecoar e fortalecer o nosso movimento de volta para casa, o nosso sankofa!

Neste estudo tenho como objetivo compreender as implicações das emoções forjadas a partir do racismo e do sexismo nas subjetividades de mulheres negras para a permanência destas em relações afetivo-amorosas com violência doméstica.

Para trilhar este caminho teórico e metodologicamente, trago as discussões das teorias feministas, estudos sobre raça e a teoria da psicologia histórico-cultural em diálogo com o método construtivo-interpretativo.

Este estudo está organizado em quatro capítulos. Nos capítulos 1 e 2 estão as bases teóricas do estudo. No capítulo 1, discuto sobre o racismo e o sexismo como estruturas culturais que constituem as subjetividades sociais e individuais no Brasil, a partir do processo da colonização, e que reverberam na constituição das configurações subjetivas das mulheres negras em situação violência doméstica.

No capítulo 2, trago os desdobramentos das articulações entre raça, gênero e emoções na dinâmica das relações afetivo-amorosas perpassadas pelo ciclo da violência, bem como a construção cultural do amor. Nos capítulos 3 e 4, apresento o olhar teórico e metodológico a partir das teorias feministas e, dos estudos de raça em articulação com a discussão da psicologia histórico-cultural através da teoria da subjetividade e do método de pesquisa qualitativa construtivo-interpretativo, propostos pelo autor Fernando

González Rey e pela autora Albertina Mitjans Martín. Apresento também nestes capítulos a análise e discussão sobre os dados coletados.

Por último, as considerações finais que versam sobre o processo de autoria, escrita e elaboração do estudo, bem como os limites e possibilidades por ele apresentados.

CAPÍTULO 1

SOBRE A CONSTRUÇÃO DO OBJETO: MULHERES NEGRAS EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO BRASIL

Configura-se como violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial, nos âmbitos da unidade doméstica e da família, compreendidas como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar e de relação íntima de afeto, inclusive as esporadicamente agregadas, sendo este fenômeno considerado uma violação aos direitos humanos (BRASIL, 2006).

A violência doméstica e familiar é considerada um problema de saúde pública segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) (Mariana PEDROSA; Valeska ZANELLO, 2016) com frequente repercussão entre as mídias nacionais e internacionais sendo também, tema de grande interesse para a área de estudos interdisciplinares.

Neste estudo, a violência doméstica será interpretada através da articulação entre os olhares do feminismo negro, feminismo decolonial, teorias de gênero e raça, mulherismo africana e a teoria da subjetividade da psicologia histórico-cultural, para buscar compreender o que motiva mulheres negras que sofrem violência nas suas relações amorosas, a permanecerem nestas.

Destaco a posição dos estudos da psicologia culturalista, como caminho possível para uma interpretação que articule mecanismos psicossociais, culturais e ideológicos, explanando a conexão entre manifestações sociais da subjetividade e situações humanas constituintes dos fenômenos sociais (Evenice CHAVES, 2006 apud Ovidio HERNANDÉZ, 2005).

A partir destas perspectivas, a violência doméstica contra mulheres negras no Brasil pode ser lida como uma expressão cultural e subjetiva das desigualdades produzidas pelos fenômenos do racismo e sexismo nas relações familiares e amorosas. Sendo a subjetividade, a partir da perspectiva da psicologia histórico-cultural do autor Fernando Rey e da autora Albertina Martínéz, (2017) conceituada como:

um sistema simbólico-emocional orientado à criação de uma realidade peculiarmente humana, a cultura, da qual a própria subjetividade é condição de seu desenvolvimento e dentro da qual tem a sua gênese, socialmente institucionalizada e historicamente situada. (Fernando REY e Albertina MARTINÉZ, 2017, p.27)

Neste sentido faz-se necessário uma profunda compreensão sobre a constituição subjetiva da violência doméstica contra mulheres negras na cultura e história brasileira, e

as articulações emocionais que surgem a partir desse movimento para a manutenção e reconfiguração deste fenômeno até os dias atuais. Como pode ser destacado na afirmação da autora Sueli Carneiro (2011):

No Brasil e na América Latina, a violação colonial perpetrada pelos senhores brancos contra as mulheres negras e indígenas e a miscigenação daí resultante está na origem de todas as construções de nossa identidade nacional, estruturando o decantado mito da democracia racial latino-americana, que no Brasil chegou até as últimas consequências. Essa violência sexual colonial é, também, o “cimento” de todas as hierarquias de gênero e raça presentes em nossas sociedades, configurando aquilo que Ângela Gilliam define como “a grande teoria do esperma em nossa formação nacional”, através da qual, segundo Gilliam: “O papel da mulher negra é negado na formação da cultura nacional; a desigualdade entre homens e mulheres é erotizada; e a violência sexual contra as mulheres negras foi convertida em um romance”. (Sueli CARNEIRO, 2011, *n.p.*)

Esta violação colonial contra as mulheres negras se expressa coletivamente nas subjetividades e colabora para a organização do nosso contexto histórico-cultural, através da subjetividade social que “representa a complexa rede de configurações subjetivas sociais dentro das quais todo funcionamento social tem lugar” (Fernando REY e Albertina MARTÍNEZ, 2017, p.85), emergindo como parte das subjetividades individuais de modo tão camuflado que não é possível inferi-la diretamente nos comportamentos ou linguagens explícitas nos sujeitos.

Viver sob os efeitos desta violação colonial nesse contexto histórico-cultural, é viver sob sérios danos à saúde mental e física. Tão significativos que nas configurações subjetivas individuais dessas mulheres, passam a se articular, em sentidos subjetivos, emoções como vergonha, medo, culpa, insegurança, entre outras, gerando autoconceitos negativos e baixa autoestima. Sobre os sentidos subjetivos e configurações subjetivas, Fernando Rey e Albertina Martínez (2017) afirmam que:

Os sentidos subjetivos emergem no curso da experiência, definindo o que a pessoa sente e gera nesse processo, definindo a natureza subjetiva das experiências humanas. Esse novo tipo de processo emerge na vida social culturalmente organizada (...) trata-se de um atributo fundamental da configuração subjetiva que é uma formação autogeradora, que surge do fluxo diverso dos sentidos subjetivos, produzindo, de seu caráter gerador, grupos convergentes de sentidos subjetivos que se expressam nos estados subjetivos mais estáveis dos indivíduos no curso de uma experiência (Fernando REY e Albertina MARTÍNEZ, 2017, p. 63).

Portanto, nas configurações subjetivas se expressam emoções organizadas em sentidos subjetivos que forjam o ser/estar dos sujeitos, entendidos aqui como ativos e implicados com o espaço social em que atuam (Fernando REY, 2007), seus modos de vida e as interações que estabelecem em sociedade. E para a compreensão desse complexo

sistema que é a subjetividade e sua relação com o fenômeno da violência doméstica no Brasil, é que se torna fundamental o entendimento dos conceitos de sexismo, patriarcado, gênero, “raça” e racismo.

O sexismo é um fenômeno exclusivamente anti-mulher que, diferentemente do preconceito, é atemporal, universal e transversal (Carlos MOORE, 2010). A partir do sexismo surge o patriarcado que, segundo Heleieth Saffioti (2004, p. 47), seria “o regime de dominação-exploração das mulheres pelos homens”, instituindo-se no Brasil a partir da colonização europeia tendo como parte de sua estrutura os valores do cristianismo. De acordo com Mary del Priore, (2011):

A Igreja apropriou-se também da mentalidade patriarcal presente no caráter colonial e explorou relações de dominação que presidiam o encontro entre os sexos. A relação de poder já implícita no escravismo, presente entre nós desde o século XVI, reproduzia-se nas relações mais íntimas entre maridos, condenando a esposa a ser uma “escrava” doméstica exemplarmente obediente e submissa. Sua existência justificava-se por cuidar da casa, cozinhar, lavar a roupa e servir ao chefe da família com seu sexo. (Mary DEL PRIORE, 2011, p.22).

Deste modo, a Igreja reforçou o poder de tutela e decisão dos homens brancos sob a vida de todas as mulheres nas colônias do Ocidente, através das figuras de autoridades representadas pelos pais, maridos, senhores de engenho, padres, entre outros, que em sua instância máxima de poder poderiam até mesmo matar as mulheres, a exemplo das que feriam o pacto monogâmico do casamento, onde “a condição social da mulher adúltera não se revestia de menor importância. Tanto podia ser morta pelo marido a plebéia como a nobre.” (Mary DEL PRIORE, 2011, p.58).

Este poder seguiu em constante transformação e permanece até hoje, se constituindo enquanto uma estrutura cultural que sustenta a lógica da violência contra as mulheres sendo o feminicídio a expressão destas mortes autorizadas na atualidade.

A feminista negra, bell hooks, em seu livro “E não sou eu uma mulher, mulheres negras e feminismo” (1981), afirmou a existência de um “patriarcado branco” onde a autora define como o sexismo foi institucionalizado dentro de um imperialismo branco.

O patriarcado branco foi então, no entendimento deste estudo, utilizado por e para os homens brancos, não havendo o compartilhamento deste poder com os homens negros. Sendo o sexismo uma subcultura similar implementada estrategicamente, no trabalho e relações íntimas, pelos homens europeus entre as/os africanas/os escravizadas/os para desarticulá-los enquanto povo e intensificar as violações aos corpos das mulheres negras. bell hooks (1991), em seu livro discorre que:

A área que mais claramente revela a diferenciação entre o status dos escravos homens e as mulheres escravas é a área do trabalho. O homem negro foi inicialmente explorado como um trabalhador dos campos; a mulher negra foi explorada como uma trabalhadora dos campos, uma trabalhadora das tarefas domésticas, uma criadora de animais e como um objeto dos assaltos sexuais dos homens brancos. (bell hooks, 1981, p.18)

A partir deste contexto, sobre a definição de patriarcado branco, Grada Kilomba (2019) afirmou:

Nesse ponto, feministas *negras* divergem de feministas brancas, ao insistirem que não veem necessariamente homens *negros* como antagonistas patriarcais, mas sentem que sua opressão racial é compartilhada por homens *negros*. Isso sugere, obviamente, uma nova definição de patriarcado que inclua as complexas estruturas de “raça” e gênero. (Grada KILOMBA, 2019, p.106).

Portanto, sob a égide desta estrutura patriarcal branca, são moldadas as relações de gênero, que segundo Joan Scott (1995, p. 86) seria “um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, atuando nas subjetividades como um regulador social das relações entre homens e mulheres, homens e homens, mulheres e mulheres (Heleieth SAFFIOTI, 2004). Tais definições constituem estruturas que organizam relações de poder desiguais entre homens e mulheres em nossa cultura (Helena Miranda dos SANTOS, 2013).

Outros dois conceitos fundamentais para a compreensão da produção da violência doméstica contra as mulheres negras, é o de “raça”¹ que seria a “crença racista de uma herança genética definidora de atributos morais, psicológicos e intelectuais de uma pessoa ou grupo social” (Antônio GUIMARÃES, 1999 apud Evenice CHAVES, 2006, p.12).

A partir desta crença surge a discriminação das diferenças biológicas entre os corpos, que por sua vez, estão relacionadas as diferenças sociais atribuídas a estes culturalmente. Essa discriminação se concretiza através do fenômeno social do racismo que é conceituado por Evenice Chaves, (2006) como:

Modalidade de violência construída socialmente na história da humanidade, atrelada à formação econômica, à ideologia e à etnicidade, manifestada, de múltiplas formas, nas relações sociais nas quais os atores sociais orientam suas ações interativas a partir de crenças, constituídas de conteúdos referentes às diferenças étnicas entre pessoas e grupos sociais, tendo-se como resultante a emergência de diversos processos psicológicos. (Evenice CHAVES, 2006, p.34)

¹ Refere-se a um conceito sociológico e não biológico, e racismo.

Através desse conceito, esta mesma autora afirma que o racismo contra o negro se expressa como uma violência estrutural que produz um processo de inclusão social excludente (Evenice CHAVES, 2006), já que no Brasil a população negra foi submetida por meio da opressão aos padrões culturais do colonizador. Sendo esta incluída, para a manutenção da posição social de inferiorização e exploração do trabalho derivados da escravidão, e excluída dos espaços de poder e decisão, bem como usurpadas dos direitos fundamentais para viver dignamente neste território.

Semelhante ao sexismo, o racismo é um fenômeno fundamentalmente antinegro, sendo também atemporal, universal e transversal, mas englobando o sexismo quando passa a produzir desigualdades e violências de homens e mulheres brancos/as em relação a homens e mulheres negros/as, predominando sob os papéis femininos negros, incluindo a comunidade LGBTQIA+, uma sistemática opressão por parte todos estes grupos. (Carlos MOORE, 2010).

Todos estes conceitos e definições articulados, dentro da trajetória histórica e cultural brasileira, são base e expressam-se social e psicologicamente no fenômeno da violência doméstica contra as mulheres negras no país. Sendo estas as maiores vítimas desta violência, somando-se em 59,71%, enquanto as mulheres brancas somam-se em 39,28% (BRASIL, 2016).

De acordo com a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLASCO), em 2015 houve no Brasil um aumento de 54% da violência entre as mulheres negras e uma redução de 10% entre as mulheres brancas. No ano de 2018, outra pesquisa intitulada “Atlas da Violência” realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), expôs uma diferença de 71% entre as taxas de homicídios de mulheres negras em relação às mulheres não-negras.

Em 2019, o “Atlas da Violência” (IPEA) revelou que 60,5% das mulheres que foram assassinadas no país eram negras, enquanto a porcentagem de não-negras foi de 1,7. Em versão mais atual afirmou que 68% das mulheres mortas no Brasil em 2018 eram negras (IPEA, 2020). Todas estas pesquisas apontam para o maior número de violência e vulnerabilidade das mulheres negras no Brasil. Portanto é fundamental e urgente discutir as violências contra estas mulheres, que de acordo com Sueli Carneiro, (2011):

(...) tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras (Sueli CARNEIRO, 2011, *n.p.*).

Buscando maior compreensão a respeito da manifestação e manutenção da violência dentro dos relacionamentos afetivo-amorosos vivenciados pelas mulheres, destacando aqui as negras, é que se pode fazer uso do modelo explicativo criado pela psicóloga Lenore Walker, na década de 70, denominado “Ciclo da Violência” que é descrito em três fases: (1) fase da tensão, (2) fase da agressão e (3) fase da lua-de-mel.

Na primeira fase acontecem os insultos, ameaças e acúmulos de tensão; na segunda, o descontrole de toda tensão acumulada e explosão violenta podendo ocorrer as agressões físicas; na terceira, os pedidos de desculpa, consentimento do perdão, promessas de mudanças e troca de afetos. Este ciclo repete-se em situações de violência cada vez mais graves e em intervalos menores de tempo, que podem levar à morte da mulher (BRASIL, 2015).

Para além de um modelo explicativo, o ciclo da violência pode ser compreendido como uma importante ferramenta para tornar mais visíveis os aspectos psicológicos e/ou emocionais envolvidos nesta dinâmica. Sendo as emoções, de acordo com a teoria da subjetividade, processos que se desenvolvem de maneira simultânea, no âmbito intrapsíquico e interativo, em um plano subjetivo que não substitui seu caráter biológico, mas que o integra num novo nível (Fernando REY, 2004).

O ciclo demonstra uma maneira de enxergar a dinâmica dos relacionamentos abusivos e apresenta como possibilidades motivacionais para a permanência das mulheres, a dependência econômica, familiar e afetiva (CORTÊS, 2012 apud Denire Holanda de FONSECA; Cristiane Galvão RIBEIRO; Noêmia Soares Barbosa LEAL, 2012). Destacando-se na literatura as duas primeiras formas de permanência como as mais reconhecidas e conceituadas.

Sobre a dependência afetiva e os processos emocionais envolvidos, esta dinâmica relacional abusiva evidencia, em especial, a maneira de amar constituída na cultura ocidental e brasileira, assim como a importância do amor para as mulheres, que será discutido adiante. Expõe também, outras emoções existentes no ciclo como a culpa, que está fundamentalmente ligada às bases euro-cristãs do patriarcado sendo de grande relevância para a compreensão da manutenção e ocorrência do fenômeno da violência nas relações amorosas.

O processo social de culpabilização da mulher pela violência sofrida colabora para a permanência da mesma no ciclo, transformando-a em cúmplice da violência a que fora submetida, como afirma Ana Maria Zuwick (2001, p. 89 apud Martha Giudice NARVAZ; Sílvia Helena KOLLER, 2006) ao enfatizar que “a vergonha de que deveria ser portador

aquele que a agrediu volta-se contra a mulher e a silencia, tornando-a parte da rede que sustenta a dominação”.

A culpabilização da mulher torna ainda mais engessado e cruel o lugar ocupado por ela dentro da relação e mais privilegiado o do agressor, sabendo-se que em 67,63% dos casos as violências são cometidas por homens com quem as mulheres têm ou tiveram algum vínculo afetivo (BRASIL, 2016). Estas relações constituem o maior interesse deste estudo.

Outro aspecto colaborador para a manutenção do ciclo da violência é a família. Instituição, no Ocidente, constituída pelo patriarcado-branco e que se configura como um espaço de extrema relevância na cultura brasileira, assim como o lugar de responsabilidade pela manutenção ocupado pela mulher dentro dela, onde é a figura responsável pela educação e cuidado com as/os filhas/os; por administrar a casa e executar o trabalho doméstico sem remuneração.

Este lugar contrapõe, por vezes, à figura do homem cuja responsabilidade comumente é prover financeiramente a família e que é visto socialmente como um lugar de poder e privilégio. Esta desigualdade de gênero na dinâmica das relações familiares transforma a família num grande obstáculo na trajetória de mulheres que sofrem violência.

Também é no espaço da família, o doméstico, que se fomenta a ideia de segurança e conforto. Porém há diferenças para mulheres brancas e negras: enquanto para 78,7% das brancas o espaço doméstico e da família é sinônimo de segurança, somente 75,7% das negras declaram o mesmo. Esta diferença, embora seja percentualmente pequena, sugere que as mulheres negras se sentem menos seguras em seus lares do que as mulheres brancas (GELEDÉS; CRIOLA, 2015).

A dependência financeira e a pobreza apresentam-se como outro importante elemento para a manutenção da mulher dentro do ciclo, sendo vistas como grandes aliadas da estrutura que sustenta a violência doméstica, de acordo com as ideias de Maria Cecilia de Souza Minayo (1994 apud Martha Giudice NARVAZ; Sílvia Helena KOLLER, 2006).

Em uma sociedade que a condição de classe está relacionada à de raça, são as mulheres negras as menos favorecidas social e economicamente no Brasil, sendo a pobreza um fator que dificulta estas mulheres a romperem o ciclo da violência doméstica. Como pode ser destacado pelo instituto Geledés e pela ONG Crioula, (2005):

As mulheres negras representam o principal grupo em situação de pobreza. Somente 26,3% das mulheres negras viviam entre os não pobres, enquanto que 52,5% das mulheres brancas e 52,8% dos homens

brancos estavam na mesma condição (IPEA, 2011). A maioria das mulheres negras reside nas regiões com menor acesso a água encanada, esgotamento sanitário e coleta regular de lixo. (GELEDÉS; CRIOULA, 2015, p. 11).

De acordo o “Balanço 180” do ano de 2016, das mulheres em situação de violência, 62,68% não dependem financeiramente dos seus agressores. E 53,6% das famílias chefiadas por mulheres no país, são lideradas por mulheres negras (IPEA, 2013). Estes dados contradizem a crença de que a dependência financeira seria o maior aspecto mantenedor das mulheres no ciclo da violência, tornando a compreensão das relações onde há violência doméstica ainda mais complexa e desafiadora.

A difícil decisão de romper o ciclo da violência, configura-se numa diversidade de emoções balizadas pelo racismo e sexismo nas configurações subjetivas dessas relações, onde há uma repetição de padrões de comportamentos que geram na vida das mulheres envolvidas na relação, oscilações entre momentos alegres e tristes, alimentando-se a expectativa de mais momentos gratificantes em detrimento aos de crise (Denire Holanda de FONSECA; Cristiane Galvão RIBEIRO; Noêmia Soares Barbosa LEAL, 2012).

De acordo com Sueli Carneiro, (2011) uma relação de coisificação dos negros em geral e das mulheres negras em particular foi construída historicamente nas Américas, o que colaborou para o surgimento de uma série de sentidos subjetivos organizados de maneira negativa nas configurações subjetivas sociais e individuais, a respeito destas mulheres e os lugares que as mesmas ocupam neste território.

Atualmente, mesmo não vivendo mais em um contexto de escravidão, as mulheres negras sentem os impactos históricos destas produções subjetivas na cultura brasileira, graças aos novos sentidos que o racismo organizado dentro da estrutura do patriarcado branco foi ganhando ao longo do tempo, e que também impactou na vivência amorosa destas mulheres. Segundo Ana Cláudia Lemos Pacheco, (2013):

As mulheres negras e mestiças estariam fora do “mercado afetivo” e naturalizadas no “mercado do sexo”, da erotização, do trabalho doméstico, feminilizado e “escravizado”; em contraposição, as mulheres brancas que seriam, nessas elaborações, pertencentes “à cultura do afetivo”, do casamento, da união estável. (Ana Cláudia Lemos PACHECO, 2013, p. 25)

Esta localização fora do mercado afetivo, às margens ou melhor dizendo *à beira do precipício* (Aza NJERI, 2020) conceito que explicarei mais adiante, é mais uma expressão perversa do racismo e do sexismo com relação aos processos íntimos de

autoconstrução das mulheres negras (Winnie BUENO, 2020), impactando na constituição das suas configurações subjetivas, sendo geradora de sofrimento.

Constituir a si mesmas a partir dos atravessamentos culturais de raça e gênero, bem como as suas relações amorosas fora deste mercado afetivo, está associado a situações, necessidades e aspirações que devem ser analisadas sob parâmetros históricos (Benjamin BARBER, 1975, apud bell hooks, 2000).

Análises que podem ser feitas a partir da leitura do ciclo da violência como um denunciador e expositor de processos de colonização afetiva ou pedagogia dos afetos (Valeska ZANELLO, 2018) constituídos na cultura brasileira. Considero ser a colonização afetiva compreendida como a matriz da permanência de mulheres negras em situação de violência doméstica e familiar.

O amor emerge aqui, como uma emoção indispensável para o entendimento desta manutenção, bem como sobre a articulação entre o racismo e o sexismo na constituição do fenômeno/problema da violência doméstica no Brasil.

Tendo sua origem no mito bíblico de “Adão e Eva”, e reestruturação no pós-revolução Francesa (Renato NOGUERA, 2020) o “amor burguês e romântico”, advindo da burguesia europeia balizada por valores judaico-cristãos, se configura na moral, e se apoia na heterossexualidade e matrimônio entre homens e mulheres, onde a elas é exigida monogamia e dedicação intensa a relação, e a eles, a não-monogamia e pouca dedicação a relação (Marcela LAGARDE, 2001 apud Valeska ZANELLO, 2018).

Desta maneira, o amor romântico-burguês se expressa nas relações afetivo-amorosas fomentando o privilégio e domínio racista e sexista dos homens brancos, o sexismo reproduzido pelos homens negros, a dependência psicológica e sentimento de propriedade masculina das mulheres brancas e a reprodução destes padrões pelas mulheres negras, configurando-se como, corroborando com as ideias de Shulamith FIRESTONE, (1976) apud Valeska ZANELLO, (2018) um sentimento corrompido pelas relações de poder.

De acordo com Valeska Zanello, (2018) o amor romântico-burguês gerou para as mulheres uma construção de identidade através do “dispositivo amoroso” que:

significa dizer que as mulheres se subjetivam, na relação consigo mesmas, mediadas pelo olhar de um homem que as “escolha”. Isto é, o amor, ser escolhida por um homem, é um fator identitário para elas. (Valeska ZANELLO, 2018, p. 84)

O dispositivo amoroso se expressa metaforicamente nas subjetividades das mulheres como uma “prateleira do amor”, metáfora criada pela autora, que mostra como

os ideais de beleza e atratividade socialmente construídos influenciam nas performances de gênero e construções de subjetividades para as mulheres. A prateleira do amor é profundamente desigual e marcada por um ideal estético branco, louro, magro e jovem.

Pode-se afirmar que o dispositivo amoroso é subjetivado culturalmente por todas as mulheres, mas a expressão do mesmo não é igual para mulheres brancas e negras. Enquanto para as mulheres brancas existe o privilégio do ideal gendrado e racializado de “mulher para casar”, onde há uma soma de características estéticas, como já foi citado, e também de características subjetivas do modo de ser, como ser doce e devota (Valeska ZANELLO, 2018), para as mulheres negras não há correspondência com este ideal estético e modo de ser mulher.

Neste sentido, o amor romântico-burguês, para as mulheres negras, é mais um elemento potencializador de sofrimento e mantenedor de relações com violência, já que essa noção de viver o amor possivelmente nasce e se assenta na contradição gendrada e racializada entre o que foi aprendido sobre o amor e como senti-lo enquanto mulheres sob a égide do dispositivo amoroso de gênero, e ao mesmo tempo a pouca frequência ou total ausência deste amor em suas vidas enquanto negras, sob a égide do racismo. Esta ideia corrobora com Ana Cláudia Pacheco, (2013) quando afirma que:

É sobre o ato de amar e ser amada que se alojam as hierarquias sociais prescritas e as representações elaboradas a respeito do corpo da negra/mestiça, estruturando suas escolhas e sua afetividade. (Ana Cláudia PACHECO, 2013, p. 28)

A partir das ideias apresentadas deve-se questionar o manejo das emoções, enquanto ferramentas colonizadoras do amor branco romântico-burguês nas configurações subjetivas de mulheres negras em situação de violência doméstica. E todos os dados apresentados até aqui concordam com as observações que tenho feito a partir dos atendimentos psicológicos a estas mulheres.

Para além das necessidades financeiras, materiais e familiares existem outros elementos constitutivos das subjetividades de mulheres negras que permanecem em situação de violência, e a literatura também os traz. Assim, torna-se fundamental maior atenção aos aspectos psicológicos que perpassam toda a dinâmica destes relacionamentos.

E as mulheres negras que não dependem financeiramente, não constituíram patrimônio e família com o homem que a agrediu? De que maneira as articulações emocionais entre raça e gênero colaboram para que permaneçam no ciclo da violência? – são perguntas centrais neste estudo.

O tema das emoções, especialmente o amor branco romântico-burguês, fica bastante evidente em casos como estes, revelando que, possivelmente, há questões que fazem referência às bases que fundamentam as relações interpessoais e, neste caso, as relações afetivo-amorosas. Mas, pergunto: O que há de produções científicas que auxiliem na compreensão da dinâmica emocional dessas mulheres e dos sentidos atribuídos por elas aos seus relacionamentos?

No levantamento prévio para a construção deste estudo, houve dificuldades para encontrar na literatura, especificamente da psicologia, trabalhos que se atentassem a esta discussão, e fui buscar nos estudos feministas de raça e gênero, os quais aqui são centrais. Chamo a atenção para a necessidade de mais produções teóricas sobre este tema, numa direção interdisciplinar entre as áreas da psicologia, os estudos sobre emoções e as discussões feministas sobre gênero e raça.

É urgente no entendimento deste estudo, priorizar o olhar para as vivências da população negra brasileira, em especial das mulheres, já que estas percorreram uma trajetória marcada pela negação de direitos, desigualdades e violências cunhadas pelo racismo e sexismo, encontrando-se em situação de extrema vulnerabilidade dentro da nossa sociedade.

Diante de todo o exposto, busco neste estudo compreender as implicações das emoções, articuladas pelo amor branco romântico-burguês, nas configurações subjetivas de mulheres negras no processo de permanência destas em relações afetivo-amorosas com violência doméstica.

Neste estudo as interpretações serão fundamentadas, especialmente, nas discussões teóricas de mulheres negras. Haverá também, o olhar interpretativo da psicologia histórico-cultural, através da teoria da subjetividade bem como a trilha metodológica percorrida pela através da epistemologia qualitativa e de proposição construtivo-interpretativa.

CAPÍTULO 2

RAÇA, GÊNERO E EMOÇÕES NA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DE MULHERES NEGRAS EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO BRASIL

Na visão deste estudo, é indispensável compreender a violência doméstica como um fenômeno que expressa as raízes racistas e sexistas da cultura Brasileira e Ocidental, e que colabora para a constituição de subjetividades ou dos modos de “ser uma pessoa” neste contexto.

Esta compreensão se configura como um exercício complexo e desafiador, já que são muitos os arranjos possíveis dentro de uma dinâmica subjetiva e emocional que por si é sinônimo de movimento, mas que também se localiza num tempo histórico.

Sendo assim, é importante caracterizar e conceituar com mais profundidade esta trajetória histórica, bem como a maneira como a mesma foi forjando cultura, subjetividades e relações, especialmente, relacionado às mulheres negras.

Subjetividade, cultura e colonização

O processo de colonização praticado pelos povos europeus no Ocidente, gerou prejuízos imensuráveis aos povos indígenas nas Américas e aos povos vindos de África, na condição de escravizados/as. Sendo a colonização, aqui compreendida como “todos os processos etnocêntricos de invasão, expropriação, etnocídio, subjugação e até de substituição de uma cultura pela outra, independentemente do território físico geográfico em que essa cultura se encontra.” (Antônio BISPO, 2015, p. 47-48).

A partir da colonização, uma característica da cultura dos europeus aqui entendidos como colonizadores e que de acordo com o filósofo quilombola Antônio Bispo, (2015) são "povos que vieram da Europa, independentemente de serem senhores ou colonos" (Antônio BISPO, 2015, p.48), gerou-se no Brasil e no Ocidente uma constituição subjetiva socialmente estruturada na universalidade cultural e centralidade dos modos de ser europeu.

Com base nesta centralidade, os colonizadores não só negaram, como roubaram, assimilaram, embranqueceram e por muitas vezes destruíram outras possibilidades de existências (Aza NJERI, 2020), transformando o território e a cultura que passou a vigorar

aqui no Ocidente, na verdadeira expressão do genocídio dos povos indígenas e africanos, e que segue em curso até os dias atuais.

Para a manutenção desta centralidade nos modos de ser europeu, é prática comum o apagamento dos fatos históricos que levam ao desvelamento da mesma e dos fenômenos sociais que a estrutura, bem como todos os prejuízos que produz para as existências (maioria) não-europeias no Ocidente. Sobre esta centralidade ou “propaganda única”, o historiador John Henrik Clarke, (1992, p.15) afirma que:

O que o Europeu se esqueceu e fez suas vítimas esquecerem é que mais da metade da história humana já tinha passado antes que a maioria das pessoas da África e da Ásia soubessem que um Europeu estava no mundo. A emergência dos Europeus ou pessoas brancas [white people] como os manipuladores do poder mundial e sua capacidade para convencer milhões de pessoas que esta é a maneira como as coisas devem ser é o maior milagre de propaganda única na história. (John Henrik CLARKE, 1992, apud Marimba ANI, 1994, p.15)

É possível relacionar este poder de manipulação e convencimento, aos processos psicológicos humanos que emergem na interação entre as pessoas em suas relações e dos seus modos de ser individuais, constituindo subjetividades fundamentadas em emoções forjadas nesse contexto e que estruturam tais processos. Sendo as emoções compreendidas como um “aspecto constitutivo essencial da subjetividade humana” (Fernando REY, 2004, p.84), e que, portanto, também foram geradas e organizadas no processo da colonização.

Durante esse período, as emoções foram pejorativamente associadas aos povos africanos, colaborando para o status de inferiores atribuídos pelos colonizadores, sendo utilizadas pelos mesmos como justificativa para a bárbara execução da colonização nas Américas, o que coaduna com a afirmação de Lélia Gonzalez, (1988):

A África é o continente “obscuro”, sem história própria (Hegel); por isso a Razão é branca, enquanto a Emoção é negra. Assim dado a sua natureza “sub-humana” a exploração sócio-econômica dos amefricanos por todo o continente é considerada “natural”. (Lélia GONZALEZ, 1988, p. 77).

Desta referência universalista e não-emocional do modo de ser europeu, expressam-se no Ocidente, subjetividades que irão dialogar com esse mesmo modo de ser, sendo suas três grandes características: a racionalidade, a autodeterminação e a responsabilidade (Agneta FISCHER e Jeroen JANZ, 1995, p. 4.).

A racionalidade, versa sobre uma padronização de comportamentos das pessoas; a autodeterminação, sobre o poder que as pessoas têm de planejar ações independente do contexto em que estão inseridas. E a responsabilidade, intimamente ligada à autodeterminação, seria a responsabilização individual das pessoas pelo que dizem e fazem (Agneta FISCHER e Jeroen JANZ, 1995).

Desse modo, as emoções são vistas como opostas à razão. Colocadas como desorganizadoras da razão e involuntárias, operando numa dicotomia entre razão x paixão (Agneta FISCHER e Jeroen JANSZ, 1995). Segundo esses mesmos autores por meio desta visão foi construído um ideal de subjetividade na cultura ocidental que é:

a de que a pessoa é um agente racional; que é responsável por sua própria vida e suas ações; que é afirmativa e segura. Emoções, com sua reconhecida irracionalidade, podem ser vistas como seriamente debilitadoras deste ideal cultural de personalidade. (Agneta FISCHER e Jeroen JANZ, 1995, p. 4)

Porém, o modo de ser pessoa no Ocidente não seria desprovido de emoções, havendo o estabelecimento de restrições sob as suas expressões, regulando-as e interpretando-as ao modo racional como se houvesse sempre uma situação, um tempo e um antecedente “correto” para a provocação de certas emoções, sendo as que ultrapassam esses limites consideradas como desviantes (Agneta FISCHER e Jeroen JANSZ, 1995).

Não por acaso, estas subjetividades constituídas ao modo de ser europeu no Ocidente, estruturadas pelo racismo e sexismo, expressam-se em performances brancas, masculinas e universais. Gerando implicações morais que capacitam uma elite de homens brancos a exercer o poder através de seus próprios padrões de ser uma pessoa.

O mesmo não aconteceu com as subjetividades femininas, que aqui também são brancas, e assim como os povos africanos foram associadas às emoções a partir das opressões de gênero criadas pelo patriarcado euro-cristão, fenômeno da cultura as quais fazem parte, sendo estas subjetividades sinônimos do irracional, irresponsável, dependente dos outros (Agneta FISHER e Jeroen JANSZ, 1995) e, portanto, não merecedoras da ocupação do mesmo lugar de poder masculino branco.

Desta maneira, raça e gênero são fenômenos sociais geradores de emoções que organizam as subjetividades sociais na cultura Ocidental, bem como as configurações subjetivas individuais de homens e mulheres deste território, expressando-se “no organismo humano, como um ponto de interseção entre o funcionamento psicofisiológico, subjetivo e social” (Fernando REY, 2004, p. 84).

Partindo desta explicação, vivemos no Brasil sob a égide de uma cultura violentamente forjada pelo povo europeu durante o período da colonização. Sendo esta cultura balizada pelo modo de ser deste povo, que é racista, sexista e universalista, e que nega ou por vezes restringe a expressão das emoções, assim como a expressão de outras culturas e existências, criando mecanismos para controlá-las e mantê-las sob o seu domínio.

Subjetividades negras

Para além de relacionar negativamente a África às emoções, os europeus também criaram outras formas de justificar a colonização relacionando o continente africano com base nos valores do patriarcado cristão, a imagem do “diabo”, a selvageria e bestialidade, bem como o uso da cor da pele, esta última como o fator principal, para a desqualificação e dezumanização do povo africano (Karla QUEIROZ, 2015).

No passado, durante a escravidão, todos os negros e negras vindos de África quando aqui desembarcavam, eram separados, espalhados por diferentes territórios e proibidos de se comunicarem. Também foram proibidos de expressarem sua cultura, viverem relações amorosas, bem como constituir família e comunidade (Antônio Marcos CHAVES, 1998 apud Evenice CHAVES, 2006).

A vivência da escravidão foi extremamente violenta e danosa para os povos africanos nas Américas, gerando sofrimento e morte para estes e seus/suas descendentes até os dias atuais. Esta vivência é parte constitutiva do que a antropóloga Marimba Ani (1994) intitulou de “*maafa*”, um termo kiswahili, que significa grande desastre ou desgraça, o holocausto africano.

A partir da *maafa*, a autora Aza Njeri (2020), cunhou o conceito de “presságio do abismo” que corresponderia a “uma fenda abissal na consciência” (Aza NJERI, 2020, p. 50), numa alusão a fraturas emocionais e materiais geradas pelo processo de escravização e sua política genocida, na vida dos/as africanos/as em diáspora no Ocidente.

De acordo com a conceituação da autora Aza Njeri (2020), por presságio do abismo compreende-se a geração de precipícios/fraturas entre o povo negro e o seu passado, relacionadas a memória e conexão com o continente mãe, a África. Fraturas no presente, onde o cotidiano deste povo é perpassado por uma série de práticas violentas que levam as mortes física, emocional e material, e estas, por sua vez, geram fraturas para

o futuro comprometendo a visão e as expectativas da população negra por possibilidades reais de existir, viver e sonhar.

Desta maneira, como consequência da *maafa* os/as africanos/as em diáspora foram esquecendo dos valores e modos de vida da sua cultura de origem (Aza NJERI, 2020), sendo este esquecimento estruturado por essa fenda abissal organizadora das emoções e subjetividades, gerada pela imposição violenta da cultura do colonizador europeu sob estes povos e seus descendentes nas Américas.

Como parte desse processo, constituiu-se para a população negra um ideal de subjetividade referenciado como “pessoa forte”, uma performance de ser pessoa fundamentada na repressão das emoções em nome da sobrevivência. Sendo a pessoa negra que “contém” as emoções e dá pouca importância aos sentimentos, bem vista pela sua comunidade (bell hooks, 2010).

Este referencial de subjetividade à beira do abismo, configura-se numa grande dificuldade dentro da comunidade negra, de amar, desenvolver relacionamentos amorosos, expressar afetos e formar famílias, sendo a instituição família, segundo o psicólogo Na'im Akbar (1996), a mais afetada pelo processo violento da escravidão. Definindo-a como:

a própria fundação de uma vida comunitária e pessoal, saudável e construtiva. Sem uma família forte, é provável que a vida individual e a comunidade se tornem muito instáveis. A destruição ou dano ao afro-americano foi realizada destruindo o casamento, a paternidade e a maternidade. (Na'im AKBAR, 1996, p.20)

A emergência da violência doméstica nas famílias negras

É no seio íntimo e familiar que a violência doméstica contra a mulher se expressa e, portanto, é sobre a maneira como a sua estrutura sexista foi constituída pela cultura do patriarcado branco, que reside a opressão de gênero sobre as mulheres. A este respeito, a socióloga africana Oyèrónké Oyèwúmi (2004) afirma existir no Ocidente uma configuração familiar generificada, conceituando-a como:

(...) uma família generificada por excelência. Como uma casa unifamiliar, é centrada em uma mulher subordinada, um marido patriarcal, e as filhas e filhos. A estrutura da família, concebida como tendo uma unidade conjugal no centro, presta-se à promoção do gênero como categoria natural e inevitável, porque dentro desta família não existem categorias transversais desprovidas dela. Em uma família generificada, encabeçada pelo macho e com dois genitores, o homem chefe é concebido como ganhador do pão, e o feminino está associado ao doméstico e ao cuidado (Oyèrónké OYÈWÚMI, 2004, p. 4)

Esta mesma autora, discorre que este modelo de família nuclear centralizada no gênero não é uma realidade universal, sendo uma referência própria da cultura euro-americana. Havendo em África diversos sistemas familiares não-generificados, a exemplo da família tradicional Iorubá que se organiza a partir da categoria antiguidade, classificando as pessoas com base em suas idades cronológicas e também, a partir da linhagem materna, característica da matrifocalidade presente em muitas famílias africanas (Oyèrónké OYEWUMI, 2004).

É fundamental, na visão deste estudo, compreender a família como uma instituição inteiramente conectada a cultura em que se organiza, onde a mesma é “uma expressão dos processos essenciais indispensáveis que ocorrem em cada sociedade” (Fernando REY, 2004, p.34), sendo um espaço de produção subjetiva constante e também promotor de saúde, havendo o comprometimento dessa constituição de espaço saudável com a ocorrência da violência doméstica.

Como consequência do esquecimento promovido pela *maafa*, através da imposição cultural do colonizador, os/as africanos/as em diáspora passaram a constituir suas famílias neste território, com base nos valores euro-cristãos. E assim, as configurações subjetivas destas famílias foram se organizando a partir da estrutura nuclear e centrada no gênero, da família branca patriarcal.

Isto é ilustrado pela autora bell hooks (1981), quando afirmou que homens e mulheres negras ao longo do processo de escravização, foram incorporando a lógica sexista de se relacionar e com isso as mulheres negras passaram a performar o lugar de “esposas submissas e donas de casa” e os homens negros o lugar dos “homens viris e provedores do lar”.

Infelizmente os homens negros passaram também a violentar suas companheiras negras, trazendo para dentro de suas famílias a violência doméstica. Nesta direção, o autor Na'im Akbar discorre que “tal irresponsabilidade com a família não ocorre entre os povos africanos que nunca passaram pela devastação da escravidão ou que foram capazes de preservar a sua integridade cultural, apesar da escravidão” (Na'im AKBAR, 1996, p.19).

A origem da violência doméstica dentro das famílias negras em diáspora, para bell hooks (2010) teria relação direta e profunda com o processo de escravidão e as consequências que trouxe para a comunidade negra, como o aprendizado de reprodução das práticas violentas dos colonizadores, a repressão das emoções e a dificuldade de expressar afeto. Sobre isto a autora afirmou:

Essa talvez seja a razão pela qual muitos negros estabeleceram relações familiares espelhadas na brutalidade que conheceram na época da escravidão. Seguindo o mesmo modelo hierárquico, criaram espaços domésticos onde conflitos de poder levavam os homens a espancarem as mulheres e os adultos a baterem nas crianças como que para provar seu controle e dominação. Estavam assim se utilizando dos mesmos métodos brutais que os senhores de engenho usaram contra eles. (bell hooks, 2010, p. 2)

Esta reprodução de violência colonial juntamente com a dificuldade de amar, dialoga diretamente com a vivência do ódio que o racismo dos colonizadores europeus e seus descendentes, produziu na vida de pessoas negras. Segundo Carlos Moore (2010) o racismo corresponderia a uma forma específica de expressão da emoção do ódio, que para o mesmo seria “uma recuperação cultural de um conjunto de comportamentos agressivos, violentos e egoístas” (Carlos MOORE, 2010, p. 283).

A emoção do ódio racista branco contra a população negra começou a ser incorporada por ela mesma, convertendo-se em “auto-ódio”. Forjada sob a lógica violenta promovida pelas fendas abissais da *maafa*, a emoção do auto-ódio assume uma função reguladora nas configurações subjetivas de pessoas negras, o que para o psicólogo Lucas Veiga (2020 apud Aza Njeri, 2020) afeta a maneira como estas pessoas amam a si mesmas e as relações que estabelecem a partir desse amor.

A partir da emoção do ódio que constitui o racismo anti-negro e da misoginia, (ódio às mulheres), nas configurações subjetivas sociais e individuais dos sujeitos no Brasil e no Ocidente, houve a construção de uma cultura que produziu no passado e mantém até os dias atuais, uma série de violências psicológicas, físicas, sexuais e materiais contra as mulheres negras.

As mulheres negras brasileiras

Sobre estas construções históricas e constituições subjetivas na cultura brasileira, a respeito da imagem e dos valores atribuídos às mulheres negras nos tempos da colonização, a autora Mary Del Priore, (2011) explana que:

Degradadas e desejadas ao mesmo tempo, as negras da terra seriam o mesmo que as soldadeiras de Lisboa no imaginário de nossos colonos: mulheres “aptas a fornicção”, em troca de alguma paga (...) inferiorizadas por sua condição feminina, racial e servil no imaginário colonial. Mais desonradas que as solteiras do Reino, pois além de “putas” eram de cor, entre outros adjetivos depreciativos como “anca de vaca”, “peito derribado”, “horível odre”, “vaso atroz”, “puta canalha”. (Mary DEL PRIORE, 2011, p.61).

Estas experiências de violências produzidas pela cultura do colonizador europeu passaram a constituir as emoções e subjetividades das mulheres negras brasileiras. Subjetividades configuradas à beira do abismo e que são reguladas pela contenção das emoções, pelo auto-ódio, baixa autoestima e pelo dispositivo amoroso, que tem sua raiz na cultura e vivência das mulheres brancas europeias e suas descendentes, e que se expressa nas relações afetivo-amorosas, gerando experiências afetivas colonizadas.

Desse modo, as mulheres negras esquecidas de suas referências culturais africanas, passaram a performar subjetividades femininas brancas e ao mesmo tempo subjetividades negras constituídas a partir das fendas abissais promovidas pela cultura ocidental através das articulações emocionais estabelecidas pelo entrelaçamento do racismo anti-negro e sexismo.

Uma das possíveis interpretações sobre a constituição destas subjetividades articuladas emocionalmente por raça e gênero, seria a expressão do que a socióloga e feminista negra Patrícia Hill Collins intitulou de “imagens de controle”. De acordo com a advogada e teórica Winnie Bueno, (2020) estas imagens são dimensões ideológicas constituídas culturalmente pelos colonizadores para a manutenção da violência e poder que construíram historicamente.

Segundo esta mesma autora, as imagens de controle são constitutivas das subjetividades das mulheres negras, quando afirma que atribuem significados às vidas das mesmas, solidificando a matriz de dominação. Essas imagens foram constituídas durante o período escravocrata, e foram se reconfigurando ao longo do tempo com o objetivo de manter na sociedade contemporânea as justificativas que estruturam o sistema de vigilância e violência que atravessam o cotidiano das mulheres negras (Winnie BUENO, 2020).

Tais imagens se diferenciam de representações e estereótipos, a partir das reformulações possíveis de acordo com as mudanças de contexto e da maneira como são manipuladas dentro de sistemas de poder articulados por raça, classe, sexo e gênero, (Winnie BUENO, 2020), evidenciando a função do sexismo e do racismo como fenômenos relacionais que entrelaçados são geradores de processos psicológicos (Evenice CHAVES, 2006).

Estes processos expressam-se por meio das subjetividades sociais e individuais nos contextos culturais de interação entre os sujeitos estruturando pensamentos, imagens, gestos e ações no cotidiano das sociedades ocidentais. A esta maneira de expressão a psicóloga Grada Kilomba (2019) nomeou de “racismo cotidiano”.

Assim, as imagens de controle vão se afirmando e reformulando de acordo com os cenários culturais as quais foram forjadas, ganhando novos sentidos e mantendo suas expressões nas subjetividades e relações entre as pessoas no cotidiano.

Para compreender melhor a origem destas imagens e do racismo anti-negro no cotidiano, especialmente contra as mulheres negras, é preciso saber mais sobre a complexa articulação entre o racismo e o sexismo na constituição da cultura brasileira.

Segundo Lélia Gonzalez (1983) vivemos nas Américas duas experiências de racismo que colaboram para a alienação do povo negro: o racismo aberto, como ocorre nos EUA e o racismo disfarçado ou por denegação, como ocorre no Brasil.

O racismo aberto se estrutura pela lógica da segregação, onde não deixaram de acontecer estupros contra as mulheres negras por parte dos colonizadores europeus, mas se sustentou o ideal da “não-miscigenação”, sob a justificativa da superioridade branca e, portanto, da separação deste grupo do de pessoas não-brancas.

No racismo disfarçado ou por denegação, prevaleceu o ideal da miscigenação onde as mulheres negras, especialmente as da América Latina, carregam a herança dos estupros praticados pelos europeus, entre outras violências, que marcam simbólica e concretamente o que fundamenta o mito da “democracia racial”, sobretudo no Brasil (Lélia GONZALEZ, 1988).

O racismo por denegação, é a expressão do modo como o processo de colonização estruturou subjetividades no Brasil. Dessa maneira, constitui as configurações subjetivas sociais e individuais desta população, promovendo o apagamento das identidades étnicas existentes no país, através da “ideologia do branqueamento” que por meio da miscigenação simboliza a negação da própria raça e cultura africana existentes neste território (Lélia GONZALEZ, 1988).

A partir deste contexto cultural racista e misógino, é que as mulheres negras brasileiras passam a ser os principais alvos da violência doméstica. Sendo a permanência no ciclo, símbolo dos efeitos da colonização sob as dificuldades encontradas pelas mesmas, em vislumbrar outras possibilidades de relacionamentos afetivo-amorosos.

Para melhor compreensão destas subjetividades constituídas à beira do abismo, Lélia Gonzalez, (1983) cunhou as noções de “mulata”, “empregada doméstica” e “mãe preta”. Tais noções podem dialogar com as imagens de controle criadas por Patricia Hill Collins e com a expressão cotidiana do racismo apresentada por Grada Kilomba.

Partindo destas interpretações, as mulheres negras brasileiras são vistas socialmente e se auto-regulam enquanto “mulatas” a partir da produção de emoções de

erotização em suas configurações subjetivas, onde as mesmas incorporam valores racistas-sexistas sobre seus corpos e suas subjetividades, desencadeando um processo de desumanização onde serão vistas e se enxergarão como sexualizadas e com um apetite sexual violento: a prostituta, a erótica, a exótica (Grada KILOMBA, 2019).

Numa relação amorosa com violência doméstica a imagem da “mulata” pode ser experienciada por mulheres negras quando, através da expressão do auto-ódio e do dispositivo amoroso em suas configurações subjetivas, emergem emoções relacionadas a estética e baixa autoestima, como sentimentos de feiura, inferioridade e hiperssexualização.

Vivenciando através da “mulata”, processos emocionais de desumanização/animalização, assujeitamento do corpo e objetificação sexual, sendo portanto, um corpo não merecedor de amor, cuidado e afeto, mas sim de ações agressivas e violentas.

Já a imagem da “empregada doméstica” se expressaria emocionalmente através dos processos de infantilização, onde a mulher negra torna-se a personificação da dependente, a serva assexuada que não pode sobreviver sem o senhor (Grada KILOMBA, 2019).

Lélia Gonzalez, (1983) chama a atenção para a “mulata” e a “empregada doméstica” serem versões de uma mesma mulher, ora vista para o sexo, ora vista para o trabalho, destacando que: “a doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas” (Lélia GONZALEZ, 1983, p. 230).

Podemos aqui, estar diante da expressão subjetiva das mulheres negras em situação de violência doméstica que mantém financeiramente e materialmente, a relação e a família. Mobilizadas pelas fendas abissais geradas pelo dispositivo amoroso, performarão emoções de inferioridade e desvalorização do corpo, terão um olhar de desimportância para si mesmas negligenciando a saúde mental e física em nome do trabalho e bem-estar familiar, sendo a representação das chefes de família no país.

Finalmente, a imagem da “mãe preta” que além de ser integrado emocionalmente pelo processo de infantilização, também é integrado pela primitivização, onde as mulheres negras são personificadas como as incivilizadas, atrasadas, as básicas (Grada KILOMBA, 2019). Aqui, também vale destacar que Lélia Gonzalez (1983) buscou um novo sentido para esta noção de sujeito relacionado às mulheres negras, agregando a esta imagem o valor de mãe:

o que a gente quer dizer é que ela não é esse exemplo extraordinário de amor e dedicação totais como querem os brancos e nem tampouco essa entreguista, essa traidora da raça como querem alguns negros muito apressados em seu julgamento. Ela, simplesmente, é a mãe. (Lélia GONZALEZ, p. 235)

Com relação às mulheres negras em situação de violência doméstica, a “mãe preta” pode se configurar em suas subjetividades através de emoções conectadas a uma trajetória ancestral e também atual, que traz a consciência todo um histórico de dor e sofrimento relacionado aos tempos da escravidão e de como isto impacta até hoje em suas vivências e nas de seu povo.

O que desta maneira, pode gerar uma sensibilidade para com os seus agressores diante da possibilidade de poder puni-los, já que atualmente a política do encarceramento é uma reformulação de uma marca colonial que expõe o elitismo e o racismo por trás da Lei Maria da Penha (Carla AKOTIRENE, 2019).

Outro aspecto potencializador da imagem da “mãe preta” na experiência de mulheres negras em situação de violência doméstica é a não confiança na polícia e órgãos de justiça. As mulheres negras com frequência dizem que são expostas e que sentem medo, segundo o IPEA (2013), há também, uma dificuldade das mesmas em se reconhecerem enquanto vítimas e dessa maneira acabam por não enxergar o Estado (branco) como o grande responsável pela reparação dos seus problemas.

Todas estas e outras possibilidades emocionais podem integrar as configurações subjetivas de mulheres negras brasileiras em situação de violência doméstica. Cabendo atenção às singularidades e as atribuições de sentidos que cada uma dará às suas experiências nos âmbitos individuais e coletivos. Relembrando que:

As barreiras realizadas pelo racismo e pela pobreza fazem com que mulheres negras vivenciem no seu cotidiano múltiplas formas de violências e estresses, como nas dificuldades de acesso aos serviços de saúde e na baixa atenção às especificidades da saúde das mulheres negras; pela reificação de estereótipos das mulheres negras; pela desvalorização da cultura e religiosidade africana; pelas violências produzidas pelas forças de segurança do Estado, do crime organizado e de milícias, sofrendo maior exposição às drogas; por serem as principais vítimas do tráfico de mulheres, entre outras violações. (Suelaine CARNEIRO, 2017, p.19)

Diante destas interpretações e de tudo que foi discutido até aqui, mais uma vez se confirma a situação de vulnerabilidade das mulheres negras no Brasil, constituídas emocionalmente por experiências fraturadas pelo racismo e sexismo brancos em suas vidas, e pela necessidade da busca por soluções para estas vivências dolorosas.

Com relação a violência doméstica contra estas mulheres e os dados já apresentados, em pesquisa feita para o Instituto Geledés houve a constatação de que estes dados, “comparados com o quadro da evolução histórica da violência contra as mulheres indicam que o Estado, por meio das políticas públicas, não tem conseguido coibir a violência doméstica e familiar, especialmente, no que diz respeito às mulheres negras” (Suelaine CARNEIRO, 2017, p. 22).

Apontando para caminhos de resolução dos problemas das mulheres negras em diáspora, e aqui em destaque o problema da violência doméstica e familiar, bell hooks expõe que a experiência da escravidão desenvolveu entre as mulheres negras um senso de coletividade, onde a autora diz não ter conhecido uma vida em que as mulheres negras não estivessem juntas, se ajudando, protegendo e amando profundamente (bell hooks, 2000).

Esta mesma autora afirma também, ser essencial que as mulheres negras enxerguem o lugar da marginalidade um ponto de vista especial que possibilita “criticar a hegemonia racista, classista e sexista dominante, e vislumbrar e criar uma contra-hegemonia.” (hooks, 2000, p.16).

Dessa maneira, bell hooks inspira as mulheres negras a transformarem estrategicamente os seus legados históricos de dor e sofrimento em fontes de fortalecimento individual e coletivo, afirmação identitária e construção de espaços de resistência e luta.

Estratégico também, foi a imagem da “mãe preta”, que para Lélia Gonzalez (1983) foi a maneira encontrada pelas mulheres negras de sobreviver e preservar a cultura africana (Cláudia Pons CARDOSO, 2014), dando um novo sentido sobre os arranjos que compõem a formação das subjetividades dessas mulheres. Atribuindo a “mãe preta” valorações afetivas como a determinação, inteligência e perspicácia, atuando como verdadeiros símbolos de resistência contra o processo de escravização.

Outra composição de configuração subjetiva possível foi o lugar marginalizado ocupado pelas empregadas domésticas, que para Luiza Bairros (1995) possibilitou um ponto de vista especial para as mulheres negras, permitindo que as mesmas enxergassem de maneira distinta as contradições nas ações e ideologias do grupo dominante.

As estratégias de resistência que emergiram e emergem da dinâmica emocional de mulheres negras, a partir das violações de raça e gênero sofridas no Ocidente, possibilitam-nas atribuições de novos sentidos às experiências com violência,

promovendo mudanças em suas subjetividades e modos de vida, fazendo com que as mesmas se movimentem em busca de soluções para os seus problemas e de seu povo.

Como afirma Jurema Werneck, (2010):

sabemos que tem sido a partir de condições profundamente desvantajosas em diferentes esferas que nós mulheres negras desenvolvemos nossas estratégias cotidianas de disputa com os diferentes segmentos sociais em torno de possibilidades de (auto)definição. Ou seja, de representação a partir dos nossos próprios termos, a partir do que projetamos novos horizontes de luta. Estratégias que devem ser capazes de recolocar e valorizar nosso papel de agentes importantes na constituição do tecido social e de projetos de transformação. (Jurema WERNECK, 2010, p.15)

Por fim, a busca por novas possibilidades de amar que se configurem como um ato “político-poético” (Aza NJERI, 2020) de resistência ao genocídio do povo negro nas Américas, que destruam as estruturas da colonização organizadas pelas fendas abissais nas configurações subjetivas de mulheres e homens negros, e que passem a ser referenciadas a partir da cultura e vivência de origens africanas, pode ser uma solução para os modos de viver as relações amorosas e organizações familiares para toda a comunidade negra em diáspora no Ocidente.

CAPÍTULO 3

O CICLO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: ARTICULAÇÕES ENTRE RAÇA, GÊNERO E EMOÇÕES

Da cultura do colonizador europeu, derivou a maneira de amar e se relacionar afetivo-amorosamente no Ocidente. É desse amor branco, que se estrutura a violência doméstica e o ciclo que a mantém viva emocionalmente nas relações.

O ciclo da violência doméstica, já apresentado, é um modelo explicativo que auxilia na interpretação subjetiva da lógica da cultura patriarcal branca na manutenção deste fenômeno dentro das relações afetiva-amorosas e dos casamentos. Sobre amor, subjetividade e cultura a autora Mari Luz Esteban (2011, p. 62) afirma que:

os sentimentos não são naturais, mas configurados culturalmente, na interpessoalidade, em certo momento histórico e em certa sociedade.[...] O amor não foge a essa regra. Não é um fato natural, nem a-histórico, mas configuração de possibilidade afetiva mediada pela cultura. (Mari Luz ESTEBAN, 2011 apud Valeska ZANELLO, 2019, p.62)

Para compreender melhor o fenômeno da violência doméstica e o ciclo dentro das relações amorosas, sobretudo nos casamentos, é preciso conhecer mais a fundo as configurações subjetivas da maneira branca de amar na sua íntima relação com os percursos da colonização europeia no Ocidente.

O amor branco e o processo de colonização dos afetos no Ocidente

Neste estudo, afirma-se que houve uma violenta imposição cultural praticada pelos europeus nas Américas, através do processo de colonização estruturado pela escravização e genocídio dos povos nativos da terra, os indígenas, e dos povos africanos em diáspora. Esta imposição aqui no Ocidente, ditou regras morais e éticas, maneiras de ser e sentir, centralizadas nos valores e modo de vida do colonizador europeu e seus descendentes.

Para esta imposição se consolidar, os europeus utilizaram-se de ferramentas colonizadoras das subjetividades, através de instituições que correspondem ao seu modo centralizador de ser, sendo algumas destas a Igreja, a família e o casamento. Tais instituições foram concebidas a partir do seu principal referencial religioso: o cristianismo. Sobre o cristianismo e a concepção de um Deus único como ferramenta da colonização europeia, o historiador John Henrik Clarke (1992, p. 15) discorreu que:

Nos séculos 15 e 16 os Europeus não apenas colonizaram a maior parte do mundo, eles colonizaram a informação sobre o mundo. Eles desenvolveram controle monopolista sobre conceitos e imagens. A marca registrada de sua colonização nesse sentido foi a colonização da imagem de Deus. Após uma série de anos sob dominação Europeia, os escravos e os subordinados coloniais dos Europeus não se atreveriam a mencionar a palavra Deus em uma linguagem de sua própria criação ou a visualizar Deus através da lente de sua cultura. (John Henrik CLARKE, 1992 apud Marimba ANI, 1994, p.15)

O cristianismo europeu através da Igreja Católica, foi o grande responsável pela concepção cultural do patriarcado branco no Ocidente. Em nome de Deus, a partir do mito bíblico cristão de “Adão e Eva”, o colonizador e sua Igreja foram constituindo modos de ser e sentir para homens e mulheres em suas configurações subjetivas.

Adão é o homem, esposo, comandante e dominador, e Eva a esposa, “auxiliadora”, coadjuvante, pecadora e culpada porque desobedeceu, passando a ser submissa a Adão como castigo (Renato NOGUERA, 2020). Adão é o sinônimo do masculino universal branco e da razão, e Eva a representação do feminino universal branco e da emoção.

Através deste mito, fortaleceu-se a cultura do racismo, sexismo e racionalismo como expressão máxima do poder do colonizador europeu no Ocidente. E que segundo o filósofo Renato Nogueira (2020) este mito fundou a cultura judaico-cristã e revelou o machismo, o sexismo e a misoginia que permeiam a visão que temos ainda hoje sobre o amor.

Na lógica branca da razão x paixão, a emoção do amor foi associada à paixão e ao feminino universal, ou seja, às mulheres brancas e os seus modos de serem pessoas. Por isso, esse amor seria identitário para estas mulheres (Valeska ZANELLO, 2019) e por consequência da imposição cultural europeia, através das fendas abissais, passou a ser também para as mulheres africanas em diáspora.

A expressão subjetiva dessa maneira de amar se configura através do dispositivo amoroso de gênero, sendo este a tradução do amor branco como o “pivô da opressão das mulheres” (Shulamith FIRESTONE, 1976 apud Valeska ZANELLO, 2019 p.83) e tendo no casamento uma das maiores fontes desta opressão.

A princípio, guiado pela lógica da razão, o casamento foi a instituição idealizada pela Igreja Católica para serem vivenciadas relações afetivo-sexuais entre homens e mulheres brancos/as sem a presença do amor-paixão. Foi, também, idealizado para ser um negócio entre famílias com a finalidade de conceber herdeiros/as através da

procriação, que receberiam e manteriam as riquezas materiais acumuladas antes e durante o período da colonização europeia.

“Casamento bom era casamento racional” (Mary Del PRIORE, 2011, p.107) ou como disse o moralista Francisco de Souza Nunes (2011):

Negócios grandes, grandes conselhos requerem; e como sejam dos maiores negócios para a vida (a mulher não deve escolher por gosto); não seja o amor quem nos aconselha nesta matéria, seja antes a razão que nos dirija neste negócio. [...] O recado é um só: a racionalidade devia marginalizar a paixão ou a atração física” (Mary Del PRIORE, 2011, p.27).

Outra questão fundamental para a realização dos casamentos, no caso especial das colônias europeias, era a manutenção do poder centralizador dos seus modos de ser e cultura. Portanto, os colonizadores, via de regra, deveriam se casar com suas semelhantes, ou seja, mulheres europeias e suas descendentes. “O princípio básico que norteava tal escolha era o da igualdade, claramente enunciado nos tais provérbios: se queres bem casar, casa com o teu igual” (Mary Del PRIORE, 2011, p. 24).

Num contexto histórico e cultural onde a economia e política também eram estruturadas por meio do casamento e da procriação, as mulheres europeias e suas descendentes passaram a ser fundamentais para a manutenção desse modo de organização social, onde apesar do critério por semelhança para casar, foi necessário também, gerar a despotencialização da figura feminina branca, através do mito de Eva e a associação desta com as emoções, surgindo para estas mulheres o ideal de “mulher para casar”.

Este ideal corresponderia a mulher pura, generosa, fiel e assexuada, sendo a sua “moeda de troca” para o casamento o recato, a virgindade, a submissão e um amor que mantivesse a família unida, sendo esta instituição centro divulgador da fé cristã (Valeska ZANELLO, 2019). Casamento, família e um amor domesticado para as mulheres brancas, onde “qualquer pequeno dano ao casamento idealizado só acentua a submissão feminina, pois o ‘erro’ é sempre da mulher” (Mary Del PRIORE, 2011, p. 36).

Assim nasce a violência doméstica e a família generificada. Sob a justificativa euro-cristã, as mulheres passam a serem as grandes responsáveis pela manutenção do casamento e da família, e como herdeiras de Eva, tendem ao pecado e ao erro, devendo sempre que necessário serem punidas por seus maridos por isso. “Afagos e deleites não dão margem a ilusões, pois as tensões e os conflitos estão bem presentes. Temperadas por

violência real ou simbólica, as relações eram vincadas por maus-tratos de todo tipo” (Mary Del PRIORE, 2011, p. 60)

Passa-se o tempo e com a transição cultural da economia europeia, de sistema escravista para o sistema capitalista industrial, entres os séculos XIX e XX a Igreja Católica perde a força para a ciência e com o advento da Revolução Francesa, e a ascensão da burguesia na Europa, o colonizador passa a valorizar ainda mais a razão, sendo este momento da história branca conhecido como “século das luzes”. O discurso nestes tempos era “amor, sexo e felicidade devem estar presentes em um casamento” (Jean- Jacques ROUSSEAU, apud Renato NOGUERA, 2020, p.119).

A herança de riquezas materiais e a procriação de herdeiros/as através do casamento passa a ser associada pelo homem europeu e seus descendentes ao amor-paixão, surgindo assim a necessidade do cortejo, da conquista, da idealização e sedução da mulher branca escolhida para se relacionar e casar.

Surge então, o amor branco romântico-burguês que nada mais é que a versão atualizada da vivência amorosa, que nasceu com o mito euro-cristão de Adão e Eva. O amor, aqui, mais que uma ideia romântica, agora é o “cimento” de uma relação (Mary Del PRIORE, 2011).

Com a consolidação do capitalismo industrial já no século XX, houve um deslocamento do lugar social das mulheres brancas, para além de donas de casa, agora poderiam ser trabalhadoras assalariadas, e mesmo com uma aparente liberdade para viverem sua vida afetiva, ainda se manteve o ideal cultural branco de serem elas as maiores responsáveis pela união da família e estabilidade do casamento.

Em relação ao exercício das sexualidades destas mulheres a autora Valeska Zanello, (2019) afirmou que:

houve uma classificação das mulheres em relação ao exercício de sua sexualidade: de um lado, a da prostituta (“perdida”, doente pelo excesso da sexualidade), de outro, a malsucedida, a não escolhida, a imagem da celibatária, cada vez mais entendida como “solteirona” (vista como fracassada, mutilada, incapaz de amar, doente por não cumprir seu destino de mulher, pela falta de sexo e da maternidade. [...] tanto a construção discursiva contra a luxúria abominável das putas, quanto a ironia e o sarcasmo contra as solteironas faziam parte e reforçavam a desejabilidade do casamento para todas as mulheres. (Valeska ZANELLO, 2019, p.68)

Neste contexto, fortaleceu-se a lógica capitalista branca do público x privado estruturando subjetivamente as relações amorosas e o casamento. As mulheres caberiam o lugar do privado, aos homens o lugar do público (Valeska ZANELLO, 2019).

Com a imagem da mulher associada à ideia de amor e de responsabilidade pelo casamento e família, nas configurações subjetivas sociais e individuais no Ocidente, esta noção de privado passou a ser também, uma noção de silêncio, “aparência” e não exposição de conflitos, tornando o lugar da intimidade e da família, o lugar do doméstico, do amor e da mulher branca domesticada (Mary Del PRIORE, 2011).

Esta nova configuração subjetiva sobre as mulheres e a família foi transformando o espaço familiar, o interior do lar, o doméstico, em terreno fértil para a manutenção das violências e opressões contra as mulheres dentro dos casamentos nos dias atuais.

O ciclo da violência doméstica

A violência doméstica branca é uma realidade no Ocidente, especialmente aqui no Brasil, que atualmente, lidera rankings mundiais vergonhosos com altos índices de violência doméstica e feminicídios contra mulheres, sobretudo as negras, sendo considerada um problema de Saúde Pública e de Estado, que teve através da Lei Maria da Penha de 2006 (LMP) maior visibilidade e popularização no país.

A partir da LMP se tipificou a violência doméstica em: física, psicológica, moral, patrimonial e sexual (BRASIL, 2006). Por violência física se compreende qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher; a violência psicológica se configura como qualquer conduta que prejudique a saúde psicológica e à autodeterminação, diminuição da autoestima, ameaças, controle, manipulação, violação da intimidade e direito de ir e vir da mulher (BRASIL, 2006).

Por violência moral entende-se ações de calúnia, injúria e difamação contra a mulher. A violência patrimonial como qualquer comportamento que retenha, subtraia, destrua parcial ou totalmente objetos e documentos pessoais, instrumentos de trabalho, bens, valores, direitos ou recursos econômicos para sobrevivência e satisfação das necessidades da mulher.

E por violência sexual compreende-se condutas que constrojam, ameacem, coajam ou usem da força para a manutenção de relação sexual, foçar ao aborto, a gravidez

ou a prostituição, bem como controlar ou impedir o acesso aos direitos sexuais e reprodutivos da mulher (BRASIL, 2006).

Estas violências dentro dos relacionamentos amorosos e casamentos, geralmente ocorrem numa dinâmica cíclica aqui chamada de ciclo da violência que se organiza em três fases: lua de mel, tensão e explosão.

Das referências sobre o mito de Adão e Eva descritas pelo filósofo Renato Nogueira (2020) e a concepção africana sobre relacionamentos no Ocidente, a partir das ideias da filósofa Sobonfu Somé (1997) far-se-á neste capítulo, um esforço interpretativo sobre as fases do ciclo da violência doméstica.

A fase da lua de mel, é o momento em que o amor branco romântico-burguês atua fortemente nas configurações subjetivas dos casais a respeito das idealizações sobre a imagem de Eva, que corresponderia subjetivamente ao feminino branco universal e emocional de ser uma mulher: a doce, devota e do lar. E a imagem de Adão, correspondente ao masculino branco universal e racional do modo de ser homem: o dominador, sedutor, viril e provedor do lar.

Nesta fase, a mediação do amor branco romântico-burguês é fundamental para que se criem expectativas e idealizações a respeito do/a outro/a com quem se relaciona, o que a autora africana Sobonfu Somé nomeou de “o alto da colina”, a sensação gostosa de estar apaixonado (Sobonfu SOMÉ, 1997, p. 64). Esta fase é a expressão do início dos relacionamentos, das máscaras, do “delírio da paixão” e do amor narcísico entre Adão e Eva, onde “o sujeito que ama projeta seus desejos no objeto amado” (Renato NOGUEIRA, 2020, p.89)

A fase da tensão, sucede a lua de mel e passa a ser o momento que o ideal de Adão e Eva constituídos nas configurações subjetivas do casal começa a ser rompido, ou seja, as performances de ser homens e mulheres brancos universais como ideais de pessoas “perfeitas” vão se deteriorando, ou rolando para baixo da colina (Sobonfu SOMÉ, 1997). Aqui, geralmente, iniciam as violências psicológica, moral e até mesmo sexual contra as mulheres nos relacionamentos ou casamentos, onde os homens passam a impor o poder do masculino branco dominador.

Nesta fase começa a desvelar-se as subjetividades reais que constituem as pessoas envolvidas dentro da relação amorosa, o que está por trás das máscaras da paixão, a luz e

a sombra de uma mesma pessoa. Adão e Eva aqui, passaram a ter consciência de si próprios, sendo reflexos nos espelhos um do outro, assim tomados pela vergonha e coberto suas partes íntimas tendo que agora lidar com a dura realidade de se entenderem como seres individuais (Renato NOGUERA, 2020).

Sobre as fases da lua de mel e tensão no ciclo da violência, articuladas às ideias da autora Sobonfu Somé a respeito do amor branco romântico-burguês, pode-se afirmar:

da forma como entendo, o romance é esse caminho de união que leva a uma lua-de-mel. Durante a loucura da lua-de-mel, absurdas promessas são feitas. Quando volta pra casa, o casal descobre que não há a menor chance de essas promessas serem cumpridas. Então, ele se assusta e reza para tudo funcionar. Aí as coisas começam a desmoronar. A isso eu chamo de suicídio da lua-de-mel (Sobonfu SOMÉ, 1997, p.109)

A última fase do ciclo, a explosão, corresponderia ao rompimento total das idealizações românticas sobre as pessoas dentro das relações amorosas, sendo acionadas nas configurações subjetivas, especialmente as dos homens, a performance do colonizador europeu que invade e destrói vidas, territórios e culturas. É o momento da fúria pelas frustrações sexistas geradas pelos ideais de ser pessoa, através dos estereótipos brancos de Adão e Eva.

Nesta fase destrói-se a ideia de relacionamento ou casamento com o “senhor e senhora perfeitos” (Sobonfu SOMÉ, 1997), o paraíso para Adão e Eva acabou, não há retorno possível e ambos foram condenados à morte (Renato NOGUERA, 2020). Esta é a fase onde todas as violências podem ocorrer, especialmente a física, que muitas vezes pode levar à morte da mulher, configurando assim o crime de feminicídio.

Após a fase da explosão, na metáfora que simboliza o movimento circular do ciclo, o casal retorna a fase da lua de mel; é o momento da reconciliação e nova tentativa de investimento afetivo na relação o “tentar mais uma vez!”, sendo este o momento que reflete a lógica euro-cristã do perdão de Deus a Adão e Eva, que por culpa dela pecaram, mas que agora podem retornar ao paraíso. Sobre a figura mítica de Eva, a autora Melin Stone (1976) apud Nah Dove (1998) discorreu que:

a depreciação da mulher é mitificada através da estória de Eva, a mãe da criação. Eva é responsável pela queda da humanidade a partir da graça de Deus e do Jardim do Éden. É ela quem trabalha contra Deus e tenta o homem, Adão, a comer do fruto proibido. Desta forma, a humanidade nasce no pecado perpétuo. (Merlin STONE, 1976 apud Nah DOVE, 1998, p.9)

Assim, podemos enxergar a dinâmica emocional que estrutura o ciclo da violência: nas configurações subjetivas de cada sujeito envolvido na relação, a emoção do amor-romântico e da paixão constituem a idealização de perfeição dos/as parceiros/as, configuradas nos modos de ser europeus. A partir daí, geram-se processos de projeção de si mesmos/as sobre o outro da relação e, após um tempo de convivência, o rompimento dessa idealização e projeção. Emergindo emoções de frustração e vergonha que darão novos sentidos à visão do casal sobre o relacionamento.

As emoções de vergonha e frustração serão associadas, dentro das configurações subjetivas do casal, às emoções de culpa, raiva e arrependimento, dentre outras possibilidades de sentir, por ter escolhido aquela pessoa para se relacionar. Sendo dada a responsabilidade maior por este arrependimento à mulher, já que a mesma é a responsável pela manutenção da relação e também, pela tendência do homem a falhar numa alusão metafórica aos lugares ocupados por Adão e Eva no mito euro-cristão.

A mulher, através da incorporação da imagem de Eva, passa a sentir a emoção da culpa e responsabilidade fundamentada na mais moderna ideia neoliberal de sucesso ou insucesso do relacionamento ou casamento. Sendo estas emoções organizadas em sua subjetividade a partir do dispositivo amoroso de gênero, que simboliza a constituição deste feminino branco, onde o amor, o casamento e as relações afetivo-amorosas passam a ser estruturantes do seu “ser pessoa”. Conforme aponta Valeska Zanello (2019):

para as mulheres, o amor diz respeito à sua identidade, como uma experiência vital. O amor, em nossa cultura, se apresenta como a maior forma (e a mais invisível) de apropriação e desempoderamento das mulheres. Como nos diz Swain (2011), o amor está para as mulheres como o sexo está para os homens. A autora aponta que o dispositivo amoroso constrói corpos-em-mulher, prontos a se sacrificarem por amor a outrem.[...] é a reprodução de antigas fórmulas que caracteriza as mulheres: doces, devotas, amáveis e, sobretudo, amantes. (Valeska ZANELLO, 2019, p.83- 84)

E para as mulheres negras?

Amar e se relacionar sob a perspectiva colonizadora branca para a população negra em diáspora no Ocidente, especialmente no Brasil, como é possível? E para as mulheres negras? Como amar e se constituir subjetivamente enquanto mulheres sob uma lógica universal de feminino e dispositivo amoroso brancos?

Amar a beira do abismo! Esta foi a maneira como mulheres e homens negros aprenderam a se relacionar afetivo-amorosamente no contexto de *maafa*.

Constituir-se identitariamente enquanto mulheres, a partir de um dispositivo amoroso de feminino branco, para as mulheres negras em diáspora foi e é uma violência que produz diversas vulnerabilidades. Através do rompimento subjetivo com sua cultura de origem, a partir do esquecimento produzido pelas fendas abissais na *maafa*, as mulheres negras passaram a não se compreenderem mais enquanto potências africanas a serem reverenciadas (Nah DOVE, 1998).

Sobre o papel das mulheres nas sociedades africanas a autora Nah Dove, (1998, p.8) afirmou que “a mulher é reverenciada em seu papel como a mãe, que é a portadora da vida, a condutora para a regeneração espiritual dos antepassados, a portadora da cultura, e o centro da organização social”. Com o processo de diáspora forçada, as mulheres africanas no Ocidente passaram a viver sob a cultura patriarcal do colonizador europeu que enxergava as mulheres como “um fardo que o homem arrastou atrás de si” (Cheikh Anta DIOP, apud Nah DOVE, p.8)

Com o racismo anti-negro e o sexismo, estruturantes da cultura do colonizador, as mulheres africanas e suas descendentes durante o período da escravidão foram completamente desumanizadas e animalizadas em um status diferente dos homens africanos. Seus corpos serviam para o trabalho no campo, mas especialmente, para a violação sexual dos europeus como expôs bell hooks (1981):

A exploração racista das mulheres negras como trabalhadoras quer nos campos ou como domésticas na casa grande não era tão desumanizada e desmoralizante como a exploração sexual. O sexismo colonial dos homens brancos patriarcais poupou os homens negros escravos da humilhação da violação homossexual e outras formas de assalto sexual. (bell hooks, 1981, p.19)

No Brasil, no passado colonial, as mulheres negras eram associadas subjetivamente as imagens da crioula e da mucama, que no pós-escravidão se desdobrariam para mulata, empregada doméstica e mãe preta (Lélia GONZALEZ, 1983).

Estas mulheres, tinham tratamento diferenciado das mulheres brancas, especialmente, no que dizia respeito a vivência sexual sendo base para o surgimento do ditado popular racista, endossado por Gilberto Freyre: “Branca para casar, mulata para foder e negra para trabalhar”. Sobre isto, Mary Del Priore (2011) expõe que:

estudos comprovam que os gestos mais diretos, a linguagem mais chula era reservada as negras escravas e forras ou mulatas; às brancas se reservavam galanteios e palavras amorosas. Os convites diretos para a fornicção são feitos predominantemente às negras e às pardas, sejam

elas escravas ou forras. Afinal, a misoginia racista da sociedade colonial as classificava como mulheres fáceis, alvos naturais de investidas sexuais. (Mary Del PRIORE, 2011, p.60)

Mesmo após o fim da escravidão, perpetuou-se o lugar desumanizado e animalizado que o racismo anti-negro europeu produziu na vida das mulheres negras no Ocidente. Diferentemente das mulheres brancas europeias e suas descendentes que correspondem a imagem casta, pura e pecadora de Eva, para as mulheres negras e suas descendentes, pela não-correspondência com esta imagem, permaneceu o lugar da prostituta, da babá e da trabalhadora braçal (Lélia GONZALEZ, 1983).

Com a nova roupagem do amor na cultura branca, agora estruturado pela lógica capitalista, a liberdade de escolha para se relacionar passou a se constituir subjetivamente, a partir do “mercado afetivo” onde as mulheres seriam “produtos” expostos na prateleira para a escolha afetivo-sexual ou afetivo-amorosa dos homens, sendo esta, a representação da “prateleira do amor” (Valeska ZANELLO, 2019).

A autora afirma que nesta prateleira, quanto mais distante a mulher estiver do ideal de beleza branco, louro, dos cabelos lisos, jovem e magro, menos chances de ser “escolhida” por um homem. Portanto, as mulheres negras mesmo que presentes nesta prateleira, ocupam simbolicamente um “não-lugar” que para além da pouca ou nenhuma correspondência com tais características estéticas, levando em consideração os processos de miscigenação, não correspondem também, ao ideal de ser pessoa feminino branco.

Desse modo, as mulheres negras por uma questão de não pertença étnica e cultural aos valores do berço cultural europeu (Cheick Anta DIOP, 1990 apud Nah DOVE, 1998) não integram emocionalmente lugares nesta prateleira, performando em seus relacionamentos o dispositivo amoroso de gênero branco, a beira do precipício, sendo nestas relações a mulata/hiperssexualizada, a empregada doméstica/trabalhadora inferiorizada, que mantém materialmente a relação, e a mãe preta/que cuida, educa e luta pelo relacionamento.

Adicionado a isto, o não-lugar na prateleira do amor articulado ao ideal estético e modos de ser da mulher branca, faz com que as mulheres negras busquem em suas subjetividades e trajetórias de vida corresponder a este ideal. Gerando processos de sofrimento, adoecimentos físicos e psicológicos, para além das vulnerabilidades materiais.

A partir do esquecimento e negação cultural, escassez afetiva e material produzidas pelo racismo dentro da comunidade negra no Brasil, e das referências da cultura do colonizador, fenômenos sociais como a violência doméstica passaram a ser maiores e mais latentes dentro desta população, expondo uma grande contradição de valores e berços culturais, já que África antes da *maafa* e mesmo depois, apesar das sequelas da colonização, se estrutura de modo matriarcal. Sobre isto, a autora Nah Dove, (1998) afirma que:

O conceito de matriarcado destaca o aspecto da complementaridade na relação feminino-masculino ou a natureza do feminino e masculino em todas as formas de vida, que é entendida como não hierárquica. Tanto a mulher e o homem trabalham juntos em todas as áreas de organização social. (Nah DOVE, 1998, p.8)

Com a desconexão do passado promovida pelas estratégias da violência colonial configuradas subjetivamente no presságio do abismo, a memória do povo africano em diáspora foi por eles e elas esquecida, dando lugar ao auto-ódio e a reprodução emocional dos valores do colonizador.

Esta realidade violenta estruturada pela *maafa*, passou a ser o motor das relações dentro da comunidade negra, afetando principalmente as relações afetivo-amorosas e construções de família, que são expressadas nas violações de gênero, etárias, abusos e violências contra crianças, o vício em álcool e outras drogas, etc.

Noticiários sangrentos estampados com corpos negros, onde a violência doméstica é uma das estrelas principais. Como que a família e o poder das mulheres negras, tão centrais na cultura africana foram violados a ponto de hoje sermos a população com os maiores índices desta violência originária da cultura do colonizador?

O projeto de destruição dos colonizadores europeus e seus descendentes, para as populações negras e indígenas podem dar respostas. Uma delas é a compreensão deste modo genocida de amar.

Do que precisamos? De uma prática de amor que seja um “ato político-poético de sobrevivência” (Aza NJERI, 2020, p. 60), agregando novos sentidos à experiência das mulheres e homens negros, tornando-se um ponto de virada em suas travessias e sendo mola propulsora para novas vivências amorosas e construções afetivas de comunidades, pois o “amor cura”. Como já dizem as palavras inspiradoras de bell hooks (2010):

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura. (bell hooks, 2010, p. 12)

CAPÍTULO 4

CONSTRUINDO O CAMINHO: A TRAJETÓRIA TEÓRICO-METODOLÓGICA

O percurso teórico

Para fundamentar ainda mais o estudo em termos teóricos e metodológicos, utilizo a teoria da subjetividade do psicólogo Fernando González Rey e da psicóloga Albertina Mitjás Martínez, sob a perspectiva da psicologia histórico-cultural bem como estudos de raça, teorias africanas e feministas sobre gênero e raça.

A subjetividade se configura como a “qualidade de um processo, seja social ou individual, específico do desenvolvimento humano nas condições da cultura” Fernando Rey e Albertina Martínez (2017, p. 27), sendo um construto fundamental para a compreensão das ações dos sujeitos.

A partir desta concepção a subjetividade pode ser entendida como um sistema aberto “constituído por processos simbólicos e emocionais, que se desenvolve na experiência humana caracterizado pela multideterminalidade, contradição, diferencialidade e pelo desenvolvimento constante” (Karla Geyb QUEIROZ, 2015 p.55).

Individualmente a subjetividade se expressa por meio dos sentidos subjetivos através das configurações subjetivas. Os sentidos subjetivos surgem no processo de toda atividade humana, sendo os responsáveis pela conotação subjetiva dessa atividade.

As configurações subjetivas seriam "as verdadeiras unidades da subjetividade humana, pois representam os momentos de convergência e articulação da mobilidade dos sentidos subjetivos que emergem na ação” (Fernando REY, 2011, p. 34), sendo a representação da unidade do histórico e do atual na organização da subjetividade, segundo o autor.

Por subjetividade social, compreende-se a organização subjetiva dos diversos espaços sociais que constituem um sistema múltiplo de produções que, numa sociedade específica, é parte da composição diferenciada e parcial dos distintos espaços sociais nela coexistentes, podendo apenas ser compreendida a partir do contexto histórico e cultural ao qual foi produzida e não de maneira isolada (Fernando REY, 2007).

Outra noção importante é a de sujeito, pois é este que constitui a cultura e que por sua vez, é constituído por ela. Sujeitos são pessoas aptas a “implicar sua ação no

compromisso tenso e contraditório de sua subjetividade individual e da subjetividade social dominante” (Fernando REY, 2007, p.144).

A história aqui não é vista como a soma de acontecimentos objetivos, mas como a configuração subjetiva singular das experiências dos sujeitos em seus espaços sociais (Fernando REY, 2011). E a cultura, compreendida como matriz estruturante dos fenômenos sociais como é o caso do racismo e sexismo, sendo estes geradores de relações assimétricas entre sujeitos/as nas sociedades ocidentais.

O contexto histórico-cultural torna-se fundamental na proposição deste estudo, sendo visto como “espaços de construção de subjetividades, elaborados e reelaborados pelas vivências dos distintos sujeitos sociais” (Karla Geyb QUEIROZ, 2015, p.52).

Estes conceitos ampliam as possibilidades de interpretação sobre os aspectos psicológicos que fundamentam as ações humanas e as produções culturais que emergem a partir delas.

Desse modo, raça e gênero expressam-se nas configurações subjetivas dos/as sujeitos/as envolvidos/as em relações interpessoais, institucionais e íntimas, através de produções simbólicas e emocionais a respeito dos lugares ocupados concretamente pelos mesmos nas sociedades ocidentais, promovendo desigualdades e violências, dentre elas a violência doméstica.

Sobre a dinâmica subjetiva que estrutura a violência doméstica e o ciclo, compreende-se como as interações existentes entre as emoções estruturadas pelo racismo e sexismo dentro das configurações subjetivas de cada sujeita/o envolvida/o na relação afetivo-amorosa, levando a geração de novas emoções e necessidades a partir da relação estabelecida entre ambos (Fernando REY, 2004).

Esta dinâmica subjetiva leva ao estabelecimento de ações violentas dentro dos relacionamentos, evidenciando o papel fundamental que as emoções desempenham como geradoras de necessidades nos sujeitos, balizadas pelo racismo e sexismo, dentro das relações afetivo-amorosas.

Pensando na estruturação das configurações subjetivas das mulheres negras com relação ao gênero, é que se faz uso do recurso teórico “dispositivo amoroso”, para auxiliar na compreensão da emoção do amor como fator identitário para as mulheres.

O amor branco romântico-burguês é visto como o principal colaborador para o processo de anulação da autonomia das mulheres em suas relações, onde esta emoção gera nas mesmas uma disposição “ao sacrifício e ao esquecimento de si por amor” (Tania

SWAIN, 2012 apud Valeska ZANELLO, 2018, p. 84), tornando-as vulneráveis e favorecendo a manifestação da violência em seus relacionamentos.

E na mesma direção, pensar as configurações subjetivas das mulheres negras relacionadas à raça a partir do conceito de presságio do abismo da autora Aza Njeri, (2020), como a ação da fenda abissal gerada pela *maafa* nas subjetividades dessas mulheres, levando-as ao esquecimento do lugar central e potencializador das mulheres africanas antes do processo da colonização.

As imagens de controle da teórica Patrícia Hill Collins, apresentadas aqui a partir da autora Winnie Bueno (2020), relacionadas às noções de ser mulher negra no Brasil numa íntima ligação com as ideias da autora Lélia Gonzalez (1983), que levam a discussão para a compreensão da constituição das subjetividades das mulheres negras a partir das fendas abissais experienciadas no território brasileiro, e de como esta vivência fincada no gênero e na raça se expressa no cotidiano, em um diálogo promovido pela discussão da autora Grada Kilomba (2019).

Todas essas discussões articuladas fortalecem a compreensão de que o racismo e o sexismo na vida das mulheres negras gera processos psicológicos atravessados pela opressão e desvalorização da auto-imagem, autoestima e identidade étnica. (Evenice CHAVES, 2006).

Outras leituras sobre raça e gênero, também fundamentam a interpretação sobre o contexto histórico e cultural do Brasil e do Ocidente, e o processo de constituição das subjetividades sociais e individuais nestes territórios, bem como das configurações subjetivas das relações afetivo-amorosas, especialmente, as com violência doméstica, sob a ótica de autoras e autores negra/os brasileiras/os, norte-americanas/os e africanas/os.

O percurso metodológico

A abordagem deste estudo é qualitativa, tendo como fundamento para o seu processo a “epistemologia qualitativa”, desenvolvida pelo autor Fernando González Rey (2005). Este autor a define como:

um esforço na busca de formas diferentes de produção do conhecimento em psicologia que permitam a criação teórica acerca da realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica, que representa a subjetividade humana. [...]sendo uma alternativa de pesquisa qualitativa comprometida de forma explícita com uma epistemologia e uma representação teórica do objeto de estudo (Fernando REY, 2005, p. 29).

A epistemologia qualitativa se assenta em três princípios básicos: a) a categoria epistemológica “sujeito” enquanto produtor de conhecimento durante o processo de pesquisa; b) o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento a respeito da subjetividade; c) a compreensão de pesquisa como um processo de comunicação dialógica (Fernando REY e Albertina MARTÍNEZ, 2017).

O caráter construtivo-interpretativo que “define a ação de pesquisa como simultaneamente teórica e dialógica” (Fernando REY, 2017, p.87), objetivando que todas as participantes envolvidas tornem-se sujeitas da pesquisa, posicionando-se criticamente e reflexivamente a todo o tempo, mantendo um diálogo constante com a pesquisadora (Fernando REY, 2011).

Nesta proposição, “o pesquisador é um sujeito criativo e a pesquisa um processo de produção do pensamento que define seu caráter teórico.” (Albertina MARTÍNEZ, 2014 apud Fernando REY; Albertina MARTÍNEZ, 2017).

Desse modo, a ação da pesquisa é simultaneamente teórica e dialógica, pressupondo um nível de envolvimento das participantes com suas próprias experiências e com o processo de relação que estão vivendo no decorrer do estudo, o que colabora para que esta experiência se torne relevante na vida delas (Fernando González REY, 2017).

Técnicas e Instrumentos

Retomo os principais objetivos do estudo para apresentar as escolhas metodológicas. O objetivo principal foi compreender as configurações subjetivas implicadas no processo de permanência de mulheres negras baianas em situação de violência doméstica. Foram objetivos específicos:

a) Identificar as emoções relacionadas à permanência de mulheres negras que já estiveram ou estão em relações com violência doméstica; **b)** Compreender as configurações subjetivas sobre o amor para mulheres negras que já estiveram ou estão em situação de violência doméstica; **c)** Compreender as configurações subjetivas sobre o amor articulado a raça e o gênero na permanência de mulheres negras que estiveram ou estão em situação de violência doméstica e familiar.

Os processos e significados pelos quais buscou-se dar visibilidade neste estudo, não foram fragmentados na utilização de instrumentos, mas sim integrados em um sistema cuja inteligibilidade foi produzida pela pesquisadora (Fernando REY, 2017).

Neste sentido, os instrumentos escolhidos são utilizados como indutores da expressão das participantes:

Os instrumentos na pesquisa qualitativa assumem a função de indutores da expressão dos participantes, visando sua estimulação e atuando como recursos de informações, que relacionadas entre si, favorecem a construção de hipóteses desenvolvidas pelo pesquisador. (Karla Geyb QUEIROZ, 2015, p.71)

Os instrumentos tornaram-se dialógicos pela constante abertura que proporcionaram para novas indagações, reflexões e posições da pesquisadora e das participantes.

Este processo favoreceu o amadurecimento de expressões subjetivamente configuradas por diferentes experiências de vida que foram surgindo ao longo do diálogo no trabalho de pesquisa, favorecendo também a emergência da subjetividade da pesquisadora, além da das participantes, o que tornou a todas agentes da pesquisa (Fernando González REY, 2017).

Os “Sistemas Conversacionais”, “Complemento de Frases” e “Questionário sócio-demográfico” foram os instrumentos escolhidos para o desenvolvimento do caráter dialógico deste estudo, sendo os sistemas conversacionais ou a conversação a possibilidade de um contexto de pesquisa com maior abertura para o diálogo conduzindo

a pesquisa de uma epistemologia de resposta a uma epistemologia da construção, onde o objetivo é que os participantes se envolvam em conversações nas quais suas expressões não sejam unicamente respostas isoladas a estímulos apresentados pelo pesquisador, mas verdadeiras reflexões e construções que se articulam como um sistema no curso da conversação. (REY, 2011, p. 51)

Na conversação para esta pesquisa, propus um diálogo sobre tópicos gerais de acordo com o tema da pesquisa, procurando o envolvimento das participantes, acompanhando as reflexões que estas foram fazendo e seus diferentes desdobramentos. A espontaneidade, reflexividade e envolvimento afetivo representam a qualidade das informações que interessam à pesquisa (Fernando González REY, 2011).

Neste contexto, as configurações subjetivas não aparecem no dizer, mas na organização e nas formas em que as coisas são ditas, estão sempre além da consciência e da representação da pessoa que fala, sendo o único caminho para a produção de conhecimento sobre eles as construções da pesquisadora (Fernando González REY, 2011).

Outro instrumento utilizado foi o complemento de frases, que permitiu as participantes do estudo a experiência com a escrita como um canal de expressão que

facilita a emergência de indutores diversos com base no que for relevante para os sujeitos da pesquisa, pois cada frase incompleta pode conduzir a múltiplas situações vividas por eles.

De acordo Fernando Rey e Albertina Martínéz (1989) apud Evenice Chaves (2006, p.104), “tal instrumento permite ao participante elaborar, de forma reflexiva e não imediata, os conteúdos para completar as frases propostas pelo(a) pesquisador(a)”.

Este instrumento favoreceu o surgimento de conteúdos novos e agregou valor aos diálogos ocorridos durante as conversações, bem como possibilitou para as participantes um espaço onde puderam se expressar com maior intimidade, já que os responderam sem a presença da pesquisadora.

Já o “questionário sócio demográfico” que segundo Martins e Lintz (2000) apud Evenice Chaves (2006, p.103) é “um conjunto ordenado e consistente de perguntas a respeito de variáveis, e situações, que se deseja medir, ou descrever”, possibilitando traçar o perfil social e econômico das participantes, entre outras informações relacionadas ao tema do estudo como tempo de duração do relacionamento e convivência na mesma residência.

As configurações subjetivas que emergiram nas conversações foram organizadas em indicadores que se constituíram, fundamentalmente, das expressões das participantes em momentos diversos dos diálogos, configurando-se como o início da “trilha” do pensamento sobre as informações que surgiram no curso do estudo. Sendo estes indicadores vistos, como abertura de caminhos hipotéticos sobre os quais a construção teórica deve avançar. (Fernando REY; Albertina MARTINÉZ, 2017).

O contexto para a execução do estudo

O que dizer sobre as condições para a execução deste estudo em meio a um contexto de pandemia viral? Pouco mais de cem anos após a última pandemia registrada na história da humanidade estamos, em pleno século XXI, vivendo uma pandemia em decorrência de um vírus respiratório letal, a COVID-19.

A pandemia foi decretada oficialmente pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no dia 11 de março de 2020, e quase um ano depois as primeiras vacinas começam a surgir. Uma produção em tempo recorde na história, e mais do que necessária, urgente! São milhões de mortos por todo mundo, tendo o Brasil seiscentos e dez mil casos de

óbitos desde o início da pandemia até o dia dez de novembro de 2021, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS)

Em meio ao contexto de dor e luto, assistimos e vivemos o caos na saúde no Brasil: falta de vagas nas UTI's, profissionais da saúde sendo infectados e perdendo suas vidas, sucateamento do SUS – sistema único de saúde, o não cumprimento de medidas indicadas pela OMS como o isolamento e distanciamento social, o precário uso de máscaras, das quarentenas e "*lockdowns*", que se somam a queda na economia, alta de desempregos. E em contexto de crise, aumenta a desigualdade social e violências.

Desde o início da pandemia, a ONU Mulheres tem alertado para a tendência a aumentar a violência contra mulheres e meninas no mundo inteiro, por serem (sermos) um grupo social em vulnerabilidade. No Brasil acompanhamos o aumento do número de denúncias de mulheres em situação de violência e alta de feminicídios neste período que segundo a ONU- Mulheres (2020) aumentou cerca de 22% para a violência doméstica e 27% para feminicídios, dados que refletem os efeitos do confinamento forçado pelo contexto da pandemia viral do COVID-19.

Tivemos que seguir também, com o cenário de guerra, que segue em curso desde os tempos da colonização, contra as populações indígenas e negras. Assim como, contra toda a população brasileira, através do próprio vírus que aqui neste território ganhou espaço para se transmutar e proliferar, graças a gestão política genocida do governo federal que desde de 2018 tem no poder um líder supremacista.

Em meio a todo esse contexto, um respiro possível! Felizmente tive poucos prejuízos com relação a ida a campo, já que foi pude ter acesso às participantes de modo virtual e criar, dentro dos limites impostos, um, “cenário social de pesquisa”, que seria a construção do tecido relacional que permite o caráter dialógico da pesquisa (Fernando REY e Albertina MARTINÉZ, 2017).

Na perspectiva construtivo-interpretativa, a ida a campo exige uma imersão completa do pesquisador, uma estadia longa (Fernando REY, Albertina MARTINÉZ, 2017), no caso deste estudo essa imersão advém da trajetória do meu trabalho como pesquisadora e como psicóloga que atua no acolhimento às mulheres em situação de violência doméstica e familiar, há cerca de sete anos. Foi desta atuação e através das redes de contato da autora, que houve o acesso às participantes deste estudo.

Destaca-se a relevância desta atuação e trajetória junto às mulheres em situação de violência doméstica, como fundamental para que houvesse maior confiança e

intimidade das participantes, diante da delicadeza e complexidade que permeia o tema deste estudo.

Foi garantido as participantes o sigilo em relação a suas identidades, com preservação dos seus nomes ou outros dados pessoais que pudessem identifica-las, como prevê normativas sobre ética em estudo com seres humanos (Resolução 466°, CNS). Para apresentação do estudo e autorização do uso dos dados para fins científicos, todas receberam e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que lhes foi entregue antes da execução dos instrumentos previstos neste estudo de maneira virtual.

Nos documentos recolhidos virtualmente, havia os números de CPFs e as assinaturas digitalizadas da orientadora e da autora deste estudo, entregues via rede social de comunicação segura e com criptografia, o WhatsApp. Houve o retorno das participantes com suas assinaturas e números de CPFs através da mesma rede, sendo permitido apenas a divulgação dos conteúdos para fins científicos em publicações acadêmicas.

Após a entrega dos termos, foi enviado para cada participante o questionário sócio-demográfico via rede social *WhatsApp* e após o preenchimento e devolução deste instrumento, foram agendadas as conversações de acordo com os dias e horários disponíveis das participantes.

Foram realizados dois encontros de conversação com cada participante, duas horas com uma e três horas com a outra, somando-se cinco horas de conversação. Estas foram realizadas e registradas em áudio e vídeo, através da plataforma digital para a execução de reuniões on-line, o *Zoom-meeting*.

O instrumento complemento de frases foi utilizado após as conversações, de acordo com a disponibilidade das participantes, sendo entregues também, via rede social *WhatsApp* e posteriormente devolvido por elas por meio desta mesma rede.

As conversações foram transcritas e analisadas em articulação com o complemento de frases, sendo este material posteriormente, interpretado com foco nos objetivos do estudo, à luz da teoria da subjetividade da psicologia histórico-cultural e das teorias feministas sobre raça e gênero, bem como teorias africanas e outros estudos sobre raça que fundamentaram o estudo até aqui.

Apresentação das participantes

Devido a compreensão da epistemologia qualitativa a respeito da importância que deve ser dada ao “objeto de estudo” ou aos sujeitos no processo de pesquisa, em sua qualidade, ou seja, profundidade, é que foram escolhidas duas participantes para a realização deste estudo corroborando com o pensamento de Fernando Rey e Albertina Martínéz (2017, p.108) quando afirmam que “o que dá unidade à pesquisa construtivo-interpretativa não é o número de participantes, mas as necessidades de construção teórica do problema estudado.”

Em concordância com o tema e objetivo do estudo, os critérios de escolha para serem participantes do mesmo, foram: serem mulheres negras, baianas, cisgênero, sem filhas/os, independentes financeiramente e que vivenciaram relações com violência doméstica.

Conhecendo as participantes

Para preservar as identidades das participantes, solicitei que elas escolhessem nomes fictícios que, preferencialmente, fossem de origem africana por dialogar com o tema do estudo no que tange as referências sobre a ancestralidade africana. A proposição foi muito bem acolhida e, então, ambas escolheram seus nomes: Ada, de origem nigeriana que significa: “a mais velha” e Nyathera, de origem queniana que significa: “a sobrevivente”.

Ada tem 38 anos, autodeclara-se negra, do sexo feminino e cis-heterossexual. É adepta da religião evangélica, possui ensino superior completo, é estudante bolsista de pós-graduação, reside e provém a casa sozinha com renda de R\$ 1.500 (um mil e quinhentos reais), não possui filhos/as, é divorciada, separou-se a cerca de sete meses, natural do Recôncavo da Bahia. Conviveu com ex-parceiro durante 14 anos.

Nyathera tem 44 anos, autodeclara-se negra, do sexo feminino e cis-heterossexual. É adepta da religião candomblé, possui ensino superior completo, trabalha como professora universitária, reside e provém a casa sozinha com renda de R\$ 3.000 (três mil reais), não possui filhos/as, atualmente está solteira. É natural do Recôncavo da Bahia. Conviveu com ex-parceiro durante 4 anos e 7 meses e está separada há 6 anos.

Salienta-se que a escolha para o nome dos ex-parceiros também se deu a partir de referenciais africanos, já que ambos são homens negros de acordo com a declaração das participantes do estudo. Fiz a escolha destes nomes com base no que pude observar de

cada um ao longo dos relatos das mesmas, então decidi que o ex-parceiro de Ada se chamaria Danso, que significa “confiante e seguro” e que o ex-parceiro de Nyathera se chamaria Aren, que significa “águia”.

Devidamente apresentadas, seguiremos agora para o que juntas construímos em um diálogo afetivo e profundo sobre as vivências com a violência doméstica em suas antigas relações afetivo-amorosas.

CAPÍTULO 5

UM MERGULHO NAS EMOÇÕES: RAÇA E GÊNERO E AS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE PERMANÊNCIA DE MULHERES NEGRAS NO CICLO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Neste capítulo peço licença, reverencio e com todo o respeito às águas e as trajetórias amorosas das mulheres negras participantes deste estudo, te convido a entrar e conhecer o profundo da relação construída por elas e seus ex-parceiros no tempo em que foram casadas. Trago estas trajetórias melodiadas ao som das águas salgadas referenciadas na música “Prece de Pescador” dos autores Joviniano Barretto e Roque Ferreira cantada na voz poderosa da artista baiana Mariene de Castro.

A partir dos movimentos cíclicos do mar farei uma relação entre os momentos das relações destas mulheres e as fases do ciclo da violência. Em quatro blocos temáticos promoverei a discussão e análise deste estudo a partir dos instrumentos metodológicos das conversações e complemento de frases.

É importante salientar que esta organização foi possível graças aos relatos das participantes que ao contarem as histórias de seus casamentos permitiram que eu enxergasse em seus discursos a metáfora proposta pela ferramenta analítica do ciclo da violência e pudesse interpretar os conteúdos apresentados a partir dela, já que a teoria da subjetividade e o método construtivo-interpretativo versam sobre a espontaneidade e criatividade possíveis de serem investidas no processo de interpretação das informações construídas durante todo o processo de pesquisa, a partir das configurações subjetivas das participantes e as minhas como pesquisadora.

O primeiro bloco apresentará a fase inicial dos relacionamentos e o intitulei de “Tempo de maré cheia: os caminhos do entrelace amoroso”. Aqui apresentarei o estabelecimento dos vínculos afetivos, o namoro e os primeiros anos dos casamentos, configurando-se como a primeira fase do ciclo da violência: a lua de mel.

No segundo bloco intitulado de “Tempo de maré vazante é tempo de recolhimento: a vivência das tensões”, discutirei a segunda fase do ciclo: a tensão. Este é o momento do surgimento dos conflitos, das primeiras manifestações de violência e do surgimento do ciclo dentro da relação.

No terceiro bloco, nomeado de “Tempo de maré baixa e praia seca: os grandes conflitos”, apresentarei a terceira fase do ciclo: a explosão. Aqui o ciclo já faz parte da estrutura dos casamentos das participantes, os conflitos mais intensos e é quando surgem outras tipificações de violência com base na lei Maria da Penha e a decisão das participantes pelo rompimento dos seus casamentos.

No quarto e último bloco, intitulado “Tempo de águas calmas, a lua volta a brilhar e a maré a encher...” onde apresento um pouco das emoções das participantes após o término de seus casamentos, bem como uma breve discussão sobre a relação da violência doméstica com o amor branco-romântico burguês e outras possibilidades de amar, constituir relações íntimas de afeto e família.

Além da organização em blocos decidi apresentar separadamente a história de cada participante, para que ficasse mais evidente a constituição das configurações subjetivas individuais, prezando a singularidade de cada uma, mas tecendo relações entre as duas em certos momentos. Por ordem alfabética, em cada bloco trago as trajetórias de Ada e Nyathera em seus casamentos.

A FASE DA LUA DE MEL

Tempo de maré alta: os caminhos do entrelace amoroso

“Eu pedi à mamãe que fizesse

Do nosso amor uma prece de pescador

Pra que nas esquinas da vida

Você seja saída pro meu amor”

(“Prece de Pescador” – Joviniano Barretto e Roque Ferreira)

As primeiras aproximações...

Os caminhos de Ada e Nyathera para o início de suas relações afetivo-amorosas foram bem distintos. Enquanto Ada, a princípio, não desejava e não gostava da maneira como Danso se aproximava, chegando até mesmo a recusá-lo, Nyathera tinha uma amizade e admiração por Aren, que foram impulsionadoras para o despertar do seu interesse amoroso.

Ada e Danso conheciam-se desde a infância pois cresceram na mesma comunidade rural do município em que nasceram. Sobre como se deu a aproximação entre os dois, Ada relatou:

sempre o conheci ele e a família, e assim, a gente se conhece desde criança, mas eu nunca tive intimidade com ele falava “oi, oi” como um conhecido qualquer e aí quando já éramos adultos ele começou a me paquerar, mas eu nunca gostei do jeito que ele me abordava, eu não gosto de pessoas que ficam, tipo assim, no meu pé! Eu não gosto disso! (risos) Aí, às vezes quando eu ia pra algum lugar ele ficava me olhando, um dia ele chegou até a ir na minha casa! E assim, eu não tinha intimidade nenhuma pra ele chegar lá e me pedir em namoro, e ele chegou e “ah eu quero namorar como você” e eu disse “mas eu não quero namorar com você!” (risos) disse mesmo com todas as letras! “Você é uma pessoa gente boa, eu conheço sua família, mas eu não quero namorar com você!” E ele disse “tudo bem!”.

A aproximação de Danso, ao chegar sem avisar na casa de Ada para pedi-la em namoro, se configurou como um modo invasivo e gerador de incômodo para a mesma. O uso repetido da palavra "intimidade", dentro deste contexto, aparece como um indicador que enfatiza o quanto feri-la é desgostoso para Ada. Além disso, o namoro dos dois se constituiu a partir do desejo e incentivo da família da participante, bem como da preocupação da mesma em corresponder a tais expectativas, como pode ser observado em sua fala:

A minha família toda “ah Ada, mas ele é aquele carinha gente boa, ele é uma pessoa de família todo mundo conhece”, e eu sou um tipo de pessoa assim Flávia, que gosta muito de ouvir conselhos sabe? E aí, as minhas tias e a minha avó ficaram, né? No meu ouvido aí eu disse “é vou dar uma chance né?” Aí a gente começou a namorar, mas com aquela coisa ah! Não é porque eu estava apaixonada, porque eu amava, era aquela coisa de minha família ficar no meu pé “ah namora com ele, namora com ele!” e eu quis dar essa chance pra ele e aí desse namoro eu também não pretendia é..., eu não sonhava em “ah eu sonhava em me casar com ele! Vou ter filhos!”, as coisas aconteceram naturalmente...

Pode-se observar aqui uma contradição entre o não desejo amoroso de Ada por Danso e o sacrifício que a mesma faz da sua necessidade interior em nome da correspondência ao desejo da família, destacando-se que esta é uma contradição geradora de tensão e novos sentidos nas configurações subjetivas de Ada impulsionando-a enquanto sujeito a mudança de ação, e, portanto, a se relacionar com Danso.

Sobre a contradição enquanto geradora de tensão a partir de conteúdos subjetivos dos sujeitos, Evenice Chaves (2006) apud Ana Bock e Maria da Graça Gonçalves (2005) afirmou que tais conteúdos são nas experiências humanas “expressões dos lugares e das

posições contraditórias, nos quais a pessoa experiencia a realidade e usa as suas capacidades” (Evenice CHAVES, 2006 apud Ana BOCK e Maria da Graça GONÇALVES, 2005, p.11).

Chama a atenção também neste trecho, o aprendizado cultural à beira do abismo, (Aza NJERI, 2020) sobre amar e se relacionar para as mulheres negras, que sem a memória do que foram antes da *maafa*, se constituem num aprendizado balizado pelo auto-ódio, e com isso dão pouca importância às suas necessidades interiores. Sobre isto bell hooks (2010, p.9) afirmou que “numa sociedade racista e machista, a mulher negra não aprende a reconhecer que sua vida interior é importante.”

Conciliado a este aprendizado, também existe nas configurações subjetivas das mulheres negras a constituição de sentidos a partir da imagem de controle da “empregada doméstica” (Lélia GONZALEZ, 1984) onde estas mulheres são identificadas socialmente no lugar de quem está a serviço do outro.

Há também aí a personificação da dependente a partir da percepção social de infantilização expressada pelo racismo no cotidiano (Grada KILOMBA, 2019), como pode ser observado nesta frase “eu sou um tipo de pessoa assim Flávia, que gosta muito de ouvir conselhos sabe?”, nesta frase “ouvir conselhos”, tornar-se um indicador que expressa indiretamente, o modo sutil e singular deste aprendizado nas configurações subjetivas de Ada.

Já as primeiras aproximações de Nyathera caminharam por outras direções. Sobre este momento da relação, a mesma relatou que:

Nos conhecemos na universidade, através de um amigo em comum do mesmo curso que fazíamos, no início eu achava ele estranho, muito sério, usava umas roupas formais (risos), mas depois ficamos muito amigos! A gente tinha altos papos, levávamos horas às vezes, né? Quando não tinha aula e assim que se deu essa aproximação, bem por essa via da amizade, do diálogo né? Do compartilhamento de uma série de coisas que a gente acabava percebendo muitas afinidades, então a gente tinha muitas afinidades! Principalmente a arte e o curso de graduação. Ele mandava muitas mensagens pra mim em uma rede social, me mandava poesias que ele fazia, pedia minha avaliação, ele escrevia muito bem, a gente trocava músicas, mas assim tudo muito no âmbito da amizade né? E aí que eu comecei a perceber que eu estava ficando interessada nele, mas sem muito manejo.

Para Nyathera houve um processo de encantamento por via da amizade e admiração, a partir do que a mesma identificava de características em comum e compartilhamentos com Aren, “a gente acabava percebendo muitas afinidades, então a

gente tinha muitas afinidades!”, o uso da palavra “afinidades” é um indicador que sinaliza para um possível encontro a partir da estruturação emocional do amor branco romântico-burguês nas configurações subjetivas de Nyathera, onde há um processo de interesse a partir do que se enxerga de si mesmo no outro, a imagem narcísica do espelho, como no mito de Adão e Eva.

Outro destaque possível, é sobre este encantamento inicial que o amor branco romântico-burguês promove a partir dessa lógica narcísica, alimentada na fase da lua de mel, onde acontece o acesso apenas às potencialidades do outro, as qualidades e aquilo que é agradável. Nyathera nitidamente encontra-se encantada por Aren pela via da arte, que a mesma considerou um ponto em comum entre os dois, aqui pode ser visto um forte processo de sedução e atração a partir dos compartilhamentos de poesias e músicas entre ela e Aren.

Quando Nyathera afirmou ao final do trecho que não tinha “manejo”, possivelmente estava se referindo ao que sentia e a como performava naquele momento de sua vida, onde a mesma havia saído de um outro relacionamento e identificava que esta relação tinha impactado negativamente a sua autoestima e que inclusive havia sido uma relação abusiva. Sobre isto ela afirmou “eu consigo entender que era bastante abusivo” e como consequência desse relacionamento Nyathera relatou:

Assim... quando eu me interessava por alguém eu simplesmente chegava, paquerava e ponto né? Não tinha muita cerimônia, mas com Aren não! Acho até que pela fragilidade mesmo da relação anterior eu também não me sentia tão digamos assim, preparada né? Segura, não estava digamos, nos melhores momentos estava me sentindo muito estranha, feia, enfim várias coisas assim. E ninguém se aproximava de mim, sexualmente falando, nesse período.

Nyathera descreve com nitidez as emoções que passou a constituir suas configurações subjetivas no pós-término da antiga relação, quando se referiu a fragilidade, falta de preparo e segurança para agir de acordo com o que sentia. O que também revela-se contraditório ao seu modo de organização subjetiva habitual, já que antes dessa relação, Nyathera descrevia-se como alguém que tinha costume de tomar iniciativa, “quando eu me interessava por alguém eu simplesmente chegava paquerava e ponto né? Não tinha muita cerimônia”.

Além disso, havia emoções relacionadas a sua estética quando relatou que sentia-se “estranha” e “feia”, e que os homens não se aproximavam dela com interesse afetivo-

sexual. Somando-se a isso havia também, a visão das pessoas a respeito dela, sobre isso Nyathera disse:

As pessoas tinham muita reserva comigo, muito medo assim de se aproximar, os colegas falavam sobre isso, né? Que nenhum homem ia ter coragem de se aproximar porque eu era muito cheia de opinião, muito firme nas minhas decisões e eu reiterava né? “É melhor que não chegue mesmo, já que nem consegue falar comigo normalmente, então é melhor que nem venha”, e aí beleza, e aí foi assim!

É possível identificar a imagem na mulher negra “forte” na constituição subjetiva de Nyathera, que passa a performar à beira do precipício o exercício da repressão das emoções, que por sua vez a conduz a negligenciar seus reais desejos interiores, assim como Ada. Esta repressão também reverberou na constituição da sua auto-imagem impactando negativamente a sua autoestima.

A este respeito bell hooks (2010, p.11) afirma existir um processo de autodestruição que surge na socialização das mulheres negras, onde as mesmas foram “socializadas para cuidar dos outros e ignorar suas necessidades, como também mostra como a autodestruição nos faz abandonar aqueles que nos querem”. Isto fica evidente quando Nyathera relatou afirmar para as pessoas “é melhor que não chegue mesmo”, “é melhor que nem venha!”.

Outra contradição possível de ser identificada em Nyathera, com relação ao processo de repressão das suas emoções, é que ao passo que ela reforçou a imagem da “forte” de difícil trato em seu discurso, também deu seguimento à relação de interesse em Aren, quando disse “e aí beleza, e aí foi assim!”.

É como se estivesse dando o recado sobre si, nesta dinâmica subjetiva de luta contra o sentimento de interesse por Aren e ao mesmo tempo o medo da dor decorrente da relação abusiva anterior e da trajetória pressagiada no abismo enquanto mulher negra: “Eu sou mesmo essa mulher forte está avisado, vai encarar?”.

Aqui também pode-se observar o “não-lugar” da mulher negra na prateleira do amor como não correspondente ao ideal branco de mulher para casar que é recatada, doce e devota (Valeska ZANELLO, 2018). Nyathera descreve-se como uma mulher que sempre tomou iniciativa demonstrando autonomia e independência com relação aos seus envoltimentos afetivo-sexuais, o que culturalmente em se tratando de uma mulher negra,

é associado com a imagem da prostituta ou da “mucama” (Lélia GONZALEZ, 1984) constituída desde os tempos da colonização.

Sobre essa posição simbólica e concreta na vivência sócio-cultural da mulher negra em diáspora no Ocidente, bell hooks (1981) afirmou:

Enquanto os colonizadores brancos adotaram uma identidade moralista para si mesmos, ficaram ainda mais ávidos de rotular o povo negro de pagãos sexuais. Como a mulher foi designada como a causadora do pecado original, as mulheres negras eram naturalmente vistas como a personificação da maldade e da luxúria sexual. Elas foram rotuladas de Jezebeis, sedutoras sexuais e acusadas de levar os homens brancos para longe da sua pureza espiritual em direção ao pecado. (bell hooks, 1981, p. 25)

Percebe-se que desde o início dos vínculos amorosos de Ada e Nyathera, já havia tensão e contradição com relação aos seus desejos interiores e suas ações, no que se refere a expressão das emoções nas subjetividades e as performances desempenhadas por cada uma nos primeiros momentos de aproximação com seus futuros parceiros.

Compreende-se como fase da lua de mel todo o processo que vai desde as primeiras aproximações até a constituição do status de namoro e casamento, ou seja, neste momento temos a expressão da primeira fase do ciclo da violência. Esta é a fase do auge da paixão promovida pelo amor branco romântico-burguês nas configurações subjetivas dos casais no início das relações amorosas, os levando direto ao “alto da colina” (Sobonfu SOMÉ, 1997). Aqui a lua está cheia e a maré alta, tudo é abundante, lindo e prazeroso...

O namoro...

Ada e Danso namoraram por um ano antes de decidirem se casar, a respeito deste primeiro ano de namoro, Ada relatou que:

Assim Flávia, eu gostava quando a gente namorava, eu gostava da nossa relação. Eu acho que eu sou uma pessoa muito dependente e eu comecei a me apegar a ele, né? Comecei a me apegar a ele, as vezes que ele ia lá em casa era mais no final de semana, as vezes que ele não ia eu sentia muita falta né? Dele. Eu comecei mesmo a me apegar. Eu achava uma época boa, ele era uma pessoa carinhosa, uma pessoa que me tratava bem né? Ele tratava a mim e a minha família bem, foi uma época boa, eu gostava da minha época de namoro. Ele era uma pessoa que gostava muito de me dar presentes.

Destaca-se aqui a qualificação que Ada atribui a si mesma quando diz “eu acho que sou uma pessoa muito dependente eu comecei a me apegar a ele, né?”, dessa vez é possível observar um indicador direto sobre a constituição subjetiva de Ada, quando a

mesma usa a palavra “dependente” e quando diz ter se apegado a Danso, num desdobramento da personificação, à beira do abismo, da mulher negra em processo de infantilização, como a menina dependente e serva “que não pode sobreviver sem o seu senhor” (Grada KILOMBA, 2019, p.79).

É possível notar que a construção do afeto de Ada por Danso se dá a partir do que a mesma identifica como tratar bem a ela e sua família, dar carinho e presentear. Tais ações de Danso se configuraram como modos de ação afetivas o suficiente para que Ada se encantasse, mesmo quando se enxergava enquanto alguém que se apegava e dependia do outro, como fez ao aceitá-lo como parceiro pelo desejo da família. O que para além do abrir mão de si em nome do outro, também se articula subjetivamente a pouca ou nenhuma presença de amor na vida das mulheres negras (bell hooks, 2010).

Quando perguntei a ela sobre o que sentia nesse momento da relação, Ada respondeu que:

Eu me sentia bem, eu me sentia tão bem que eu disse “não, ele é uma pessoa que eu posso até quem sabe, morar e quem sabe a gente pode ter um futuro juntos, não sei, ter filhos, alguma coisa assim”, foi a partir disso que eu fui vendo né? Como era a pessoa e eu disse “não, eu decidi e eu vou morar com ele, vamos ver no que vai dar” acho que foi mais por isso também sabe? Eu gostava dele, ele me passou essa confiança, ele me falava “a Ada nós vamos trabalhar, a gente vai construir uma família, fazer a nossa casa”.

Flávia: Você se sentia amada por ele?

Ada: Eu me sentia Flávia! Nesse tempo eu me sentia amada por ele.

Chamou-me a atenção a afirmação de Ada sobre sentir-se amada por Danso na íntima relação com a palavra “confiança”, o que indica que a emoção da insegurança é parte constitutiva da configuração subjetiva de Ada, bem como esta mesma emoção pode estar relacionada ao que ela identificava como dependência.

Essa insegurança e dependência em articulação com as noções de Eva e da “serva dependente”, também podem ser indicadores sobre a visão de Ada a respeito do é ser amada. Em resposta ao complemento de frases sobre o indutor “ser amada”, Ada respondeu:

Ser amada é quando alguém sabe de todas as nossas imperfeições, mas escolhe olhar para as nossas qualidades decidindo nos amar, nos respeitar, nos apoiar e se dispor a estar conosco nos momentos bons ou ruins da vida.

Iniciar a resposta citando primeiro as “imperfeições”, já indica a existência de uma baixa autoestima e insegurança relacionadas ao seu autoconceito, bem como a visão racionalista branca sobre uma constituição de sujeito não-integral, da razão x emoção, da qualidade x defeito e não sobre uma possibilidade existencial onde todas essas características estejam integradas.

Além disso ao dizer sobre “escolher” olhar para as qualidades e assim “decidir” amar alguém e assumir estar com ela “nos momentos bons e ruins” é mais uma expressão cristã do amor branco romântico-burguês nas configurações subjetivas de Ada. Este olhar para as qualidades pode estar fortemente ligado à subida para o alto da colina, para a idealização das relações perfeitas.

A escassez afetiva na vida das mulheres negras constrói terrenos férteis para quem chega com alguma oferta de carinho e atenção. É possível enxergar que a subjetividade de Ada vai se constituindo através dessa necessidade de ser amada que a leva a tomar decisões que ferem seus próprios desejos, bem como a confiar no desconhecido com muita intensidade ao receber o mínimo de afeto. Ada caminha da rejeição inicial por Danso ao desejo de casar-se com ele após o primeiro ano de namoro onde ela apenas se sentia bem e confiante no discurso dele.

Pode-se identificar que no primeiro ano do namoro de Ada há forte presença do amor branco romântico-burguês levando ao alto da colina em suas configurações subjetivas, quando a mesma não expõe problemas ou conflitos, mas apenas os prazeres relacionados ao modo como Danso tratava a ela e a sua família.

Além disso, para Ada enquanto uma mulher cristã e que traz muito forte em seu discurso a importância da família, que aqui se configura como mais um indicador dos sentidos que constituem suas configurações subjetivas, é interessante observar o quanto tratar bem a sua família é significativo e também, o quanto este pertencimento religioso diz sobre sua concepção sobre o amor, como pode ser observado em sua resposta ao complemento quando discorreu sobre o indutor “amar”:

amar primeiramente é querer estar bem consigo mesma, se amar. A partir disso, amar o outro (a) procurando fazê-lo (la) feliz. Esse amar deve ser incondicional, reconhecendo-nos que somos sujeitos passíveis de erros e acertos e juntos caminharíamos aprendendo, ensinando e nos ajudando.

Enquanto uma mulher negra que possivelmente não aprendeu a priorizar o seu interior e a se amar, Ada expõe uma contradição no seu modo de organização subjetiva, ao afirmar ser importante primeiramente amar a si mesma, quando na verdade ela fere esse amor por si ao escolher viver uma relação amorosa com alguém que ela não desejava, mas sim a sua família, sendo esta também a expressão do sacrifício cristão da mulher por amor, a partir da lógica do dispositivo amoroso de gênero.

Esta também é uma perspectiva sobre o amor perpassada pela vivência a beira do abismo, já que faz referência a uma experiência amorosa que se finca nas raízes do berço cultural europeu. Sendo esta resposta de Ada um indicador da expressão do amor branco romântico-burguês e cristão em suas configurações subjetivas, quando afirmou que amar é procurar fazer alguém feliz e que este amor deve ser incondicional.

Esta visão é muito relacionada à questão de gênero, já que geralmente nas relações amorosas por conta da concepção sexista e patriarcal de que as mulheres são emocionais e as grandes responsáveis pela condução do relacionamento, seja esperado delas essa postura compreensiva descrita na resposta de Ada sobre o lidar com os erros e acertos para seguir aprendendo, se ajudando e com caminhos unidos, sendo essa também uma expressão do dispositivo amoroso em sua subjetividade.

Outra expressão deste dispositivo articulado ao racismo nas configurações subjetivas de Ada é a confiança que a mesma afirmou sentir em Danso, performando a beira do abismo, a face de Eva, da mulher branca que precisa confiar no homem para ser salva e a face infantilizada da mulher negra serva e dependente do senhor.

Aqui Danso performa, a beira do abismo, a imagem de Adão, do homem branco salvador e provedor, porém a questão racial também implica posições diferenciadas na construção da configuração subjetiva desta relação, quando o trabalho entra como uma ferramenta de emancipação em parceria e isto pode ser visto na fala de Ada sobre o que Danso lhe afirmava no início da relação, “a Ada nós vamos trabalhar, a gente vai construir uma família, fazer a nossa casa”.

Fundamental compreender que a realidade atravessada pela dinâmica do trabalho precarizado e da pobreza dentro da comunidade negra, como era a realidade de Ada e Danso, acaba por se tornar um fator em comum entre parceiros afetivos negros o que pode

se configurar, muitas vezes, como um elemento fortalecedor da relação amorosa dentro dessa população.

Ada, inicialmente, não se interessava por Danso, sentia sua intimidade invadida por ele e também não gostava do modo como o mesmo a abordava afetivamente. Com a decisão de namorá-lo, passa a conviver e a desenvolver um afeto, a partir do que via de positivo e do prazer que Danso lhe proporcionava. Então, este afeto transmuta-se, subjetivamente, no desejo de Ada por casar e constituir família com o mesmo.

Já Nyathera, a princípio, enxergava Aren apenas como um amigo e mesmo depois do despertar amoroso não intencionava, ou pelo menos não imaginava que iria desenvolver um compromisso. O desinteresse inicial presente na trajetória de ambas, bem como a prática da repressão das emoções é um ponto em comum entre Ada e Nyathera até aqui.

Sobre o início do seu namoro Nyathera relatou:

eu tava numa fase meio fechada mesmo, não tava muito disponível assim pra festas, não saía com muita frequência, saía com algumas amigas, mas nada de muito auê né? Eu acho que assim, algo mudou no caminho mesmo antes da gente ficar, porque havia muito compartilhamento, muito! Eram muitos diálogos e na verdade eu acho que a gente já tava namorando sem se tocar, entendeu? Então eu acho que quando chegou o momento mesmo da gente ficar, eu percebi que não era só uma coisa de ah! Vou dar só uns beijos! E eu vou dar conta né? Tipo eu nunca tive problemas com isso de dar só uns beijos, mas eu vi ali que não, que eu ia ficar muito na bad se no dia seguinte fosse assim “ô foi uma transa casual e tá tudo certo né?” Então eu falei, eu fui honesta! Eu disse “ói, vamo parar esse negócio aqui agora que eu não sei se eu vou ter condições de lidar com isso de um modo tranquilo! Então, vamo vê isso aí direito”... Ele disse que não, que ele tava muito envolvido também pá, e aí foi, foi, fomos.

Nyathera conseguia identificar uma admiração por Aren, que para ela sempre passou pelo âmbito da amizade, porém com o processo de apaixonamento ela passa a qualificar a relação dos dois em um novo nível, o namoro, “na verdade eu acho que a gente já estava namorando sem se tocar, entendeu?”.

Ao mesmo tempo, havia um receio por parte dela de um novo envolvimento amoroso, por conta das feridas provocadas pela relação anterior, e isto pode ser acessado indiretamente através dos indicadores “fechada” e da negação do estar “disponível” que ganham este sentido quando vistos dentro da frase “eu tava numa fase meio fechada mesmo, num tava muito disponível”.

A consciência deste receio e ao mesmo tempo o intenso desejo por Aren eram tão reais para Nythera que a mesma reconhecia que poderia não “dar conta” e que ficaria na “bad” caso os dois não viessem a desenvolver algo depois, “mas eu vi ali que não, que eu ia ficar muito na bad se no dia seguinte fosse assim ‘ó foi uma transa casual e tá tudo certo né?’”.

Aqui é possível inferir que há um rompimento com um padrão de organização subjetiva de Nythera quando ela descreve-se como alguém que geralmente não esperava estabelecer compromisso e que nunca teve problemas em apenas “dar uns beijos” e não seguir adiante na relação, indicando sobre a existência de um padrão que evitava ou resistia ao compromisso, para um novo modo onde há uma busca por segurança e o medo da rejeição quando a mesma expõe em seu discurso o receio de ser apenas uma “transa casual” e que não daria conta disso.

Entre as tensões sobre evitar o envolvimento amoroso e ao mesmo tempo desejar num espaço seguro, Nythera foi construindo sua relação com Aren. Como fica exposto em seu relato:

mas é isso não assumimos nada né? No sentido assim de “somos namorados”, nada do gênero, não havia esse tipo de nomeação, mas havia essa coisa do estar juntos, do compartilhar, do saber onde tava, do se ligar com frequência, eu não fiquei com ninguém nesse período, e foi isso, e foi indo né? E nesse período eu ainda achava que eu não queria nada sério (risos).

Além disso, Nythera também afirmou nunca ter tido o desejo de casar-se, “eu nunca quis me casar, nunca pretendi ter uma relação estável com ninguém, nem dividir com ninguém o convívio diário”, tanto existe um rompimento com um padrão de sentimentos e comportamentos com relação a namorar e casar, como com o ideal feminino branco organizado pelo dispositivo amoroso, da mulher que se subjetiva a partir do amor e busca pela validação masculina, por ser escolhida por um homem.

Isto fica ainda mais evidente na resposta de Nythera ao complemento de frases sobre o indutor amar, “Amar... é uma potência, é revolucionário, é troca, é cuidado e, justamente por isso, é bem complicado.” Ao mesmo tempo em que qualifica o amor como uma “potência” e “revolução”, também o coloca na posição de “complicado”. Expondo que em suas configurações subjetivas, o amor ocupa um lugar complexo, amplo e cheio

de potencial, mas onde a sua existência é difícil de ser concretizada, há uma certa descrença na possibilidade de vivenciar o amor.

Diferente de Ada que discorreu de modo romântico sobre a vivência desta emoção, Nyathera a qualifica em uma nova posição, onde não fica tão evidente a presença do amor branco romântico-burguês, ao se referir ao amor como potência, troca e revolução, apresentando o cuidado dentro dessa perspectiva como uma parte deste conjunto ações e sentimentos, e não a base para uma relação como se espera da constituição subjetiva de uma mulher a partir do dispositivo amoroso.

Observa-se também a não necessidade de Nyathera em dar um status a sua relação, “mas é isso não assumimos nada né? No sentido assim de ‘somos namorados’, nada do gênero, não havia esse tipo de nomeação”, todo esse modo de organização subjetiva de Nyathera com relação a vivência amorosa, mais uma vez rompe com a lógica do ideal feminino branco cristão que experiencia o amor como sacrifício, submissão e razão de ser da existência da mulher na cultura ocidental.

A dor da relação anterior expressada por Nyathera como abusiva e fragilizadora de sua autoestima, também sinaliza para uma vivência amorosa pressagiada no abismo, onde seu lugar na relação enquanto mulher negra foi despotencializado e deslocado de suas raízes africanas matriarcais. Pode-se afirmar que esta dor e fragilidade nutriram, ainda mais, o não desejo pelo compromisso com alguém e que o encontro com Aren tencionou esse modo padrão de existência.

Outra interpretação possível é que estas mesmas emoções de fragilidade e baixa autoestima, contraditoriamente, abriram caminho para que Nyathera voltasse a se envolver com alguém. A lógica narcísica do amor branco romântico-burguês fez com que a mesma se enxergasse em Aren a partir dos compartilhamentos em comum e talvez isto a fez crer, de modo inconsciente, que estaria segura com alguém que seria a sua imagem e semelhança, o que a levou direto ao alto da colina. Sobre como era o convívio nos tempos iniciais da relação, Nyathera relatou:

era muito bom a companhia dele, porque era isso era uma festa né? Ele assumia as tarefas de casa, compartilhava comigo, tínhamos música todo dia, violão, poesia, muita arte assim na vida, então havia um preenchimento né? Nas áreas que pra mim sempre foram importantes, fora as compreensões mesmo sobre a vida, as discussões que me interessavam, ele sempre foi muito receptivo né? Respeitoso com a

minha religião, respeitoso com as minhas opções teóricas, enfim era um pouco isso né? E foi indo, foi indo.

O tempo entre o namoro e o casamento de Ada e Nyathera foram bem distintos, enquanto a primeira casou-se após um ano de relação, a segunda identificou que nunca houve esse tempo, a relação de namoro já iniciou com uma forte frequência do parceiro em sua casa e que após três meses nesta dinâmica decidiram morar juntos. Agora é chegado o momento de expor os primeiros tempos de casamento ainda em fase de lua mel.

O casamento

Ada relata como seu casamento aconteceu:

Depois de um ano a gente começou a morar junto, ele começou a trabalhar em outra cidade e aí eu disse “eu também vou, eu quero trabalhar e vamos juntar as escovas de dentes!”, e assim aconteceu né? Ele veio morar aqui e eu vim morar com ele. Começou ali né? Com muitas dificuldades! Porque nessa época a gente passou por muitas dificuldades, porque só ele trabalhava, depois eu comecei a trabalhar em casa de família, mas você sabe né? Trabalho em casa de família nunca é valorizado, o dinheiro sempre é pouco. Ele também trabalhava num mercado, acho que ele entregava compras, ele era tipo faz tudo, né?. E a gente ganhava muito pouco, tinha que pagar aluguel, a gente morava num quartinho de dois cômodos. Foi uma época de muita dificuldade, muita dificuldade mesmo, mas naquela época de dificuldade que eu senti que a gente se fortaleceu, sabe? A gente tinha aquela força “ah não a gente vai trabalhar, vamos conseguir o nosso objetivo!” que era construir uma família né? Construir uma casa! Na verdade, formar uma família, né?

Neste trecho é possível identificar mais uma vez, o trabalho como um indicador da constituição das configurações subjetivas da relação de Ada e Danso, pois ambos viviam uma realidade de pobreza e tinham no trabalho precarizado o ponto em comum enquanto pessoas negras, já que o trabalho em “casa de família”, de entregador e “faz tudo” são ocupações frequentemente executadas por mulheres e homens negros, funções estas oriundas dos tempo da escravidão onde as/os mesmas/os trabalhavam lado a lado (bell hooks, 1981).

O trabalho em “casa de família”, pode ser lido aqui como a expressão da imagem da “mucama” ou da qualificação “profissional” de doméstica (Lélia GONZALEZ, 1981) dada às mulheres negras e aqui concretizada na experiência de Ada.

Essa imagem ou noção, constitui as subjetividades sociais e individuais na sociedade brasileira e cria espaços concretos onde as mulheres negras tornam-se

responsáveis pela manutenção e “bom andamento da casa grande: lavar, passar, cozinhar, fiar, tecer, costurar e amamentar as crianças nascidas do ventre ‘livre’ das sinhazinhas” (Lélia GONZALEZ, 1981, p.39), se configurando como uma função que desumaniza estas mulheres e que está diretamente ligada à esfera do trabalho (Winnie BUENO, 2020).

Outro indicador importante a ser destacado é “família”. Ada, ao afirmar na frase “na verdade, formar uma família, né?”, que o objetivo da união com Danso era formar uma família, deixa nítido o quão significativo é este espaço social em sua vida. Esta importância pode estar relacionada à sua própria família de origem, que como já observado, ocupa um lugar de poder na vida de Ada.

O lugar da família de origem, bem como a própria noção cristã de família, intimamente relacionada ao sexismo balizado pelo dispositivo amoroso de gênero e a busca por pertencimento, afeto e acolhimento produzidas pelo racismo nas configurações subjetivas de Ada, fez com que a mesma estabelecesse uma relação com Danso em nome da expectativa da família, do desejo de agradar, ser aceita e receber afeto por parte desta e abrindo mão do próprio desejo.

Esta escolha e pressão para a união dos dois por parte da família de Ada, pode ser compreendida como a expressão do patriarcado em sua configuração subjetiva, a partir da lógica colonial cristã da escolha da família, especialmente por parte da figura masculina, pelo homem que deve casar-se com a mulher.

Na configuração familiar de Ada, ela traz a avó e as tias como estas figuras de autoridade, o que também torna possível em se tratando de uma família negra, como é o caso, a continuidade de uma lógica matriarcal africana onde era dada às mulheres o poder de decisão e gestão das comunidades. Como ilustra Lélia Gonzalez (1981):

Nossas antepassadas vieram da África para o Brasil como escravas para trabalharem nas plantações de cana, nos engenhos, etc. Nos reinos e impérios africanos de onde vieram, as mulheres eram tratadas com grande respeito e, em muitos deles, elas até chegavam a ter participação política. A valorização da mulher pelas diferentes culturas negro-africanas sempre se deu a partir da função materna. É por aí que a gente pode entender, por exemplo, a importância que as “mães” e “tias” iriam ter não só na formação e desenvolvimento das religiões afro-brasileiras (candomblé, tambor de mina, umbanda, etc.), como também em outros setores da cultura negra no Brasil. (Lélia GONZALEZ, 1981, p.114)

Nesta fala de Ada também pode ser identificado o amor branco romântico-burguês gerando sentidos em suas configurações subjetivas a partir do casamento, da noção de

que este era o caminho possível para a formação da sua própria família e construção de um lar, “vamos conseguir o nosso objetivo! que era construir uma família né? Construir uma casa! Na verdade, formar uma família, né?”.

A presença forte do amor branco romântico-burguês e cristão também fica evidente na resposta de Ada ao complemento de frases sobre o indutor “casamento”, quando ela escreveu que: “é algo sagrado que devemos ter maturidade e responsabilidade o suficiente para decidir se queremos ou não tomar esse passo importante em nossa vida”. O uso da palavra “sagrado” neste contexto associado ao que já pôde ser acessado a respeito da constituição subjetiva de Ada, aparece como a expressão do sentido dessa maneira de amar.

Quando procurei saber sobre a convivência e a intimidade enquanto casal durante os tempos difíceis relacionados às questões materiais e de trabalho, Ada disse:

Na verdade essa pra mim foi a melhor fase Flávia, eu estava até olhando umas fotos nossas dessa época, eu sentia felicidade, entendeu? Porque eu tinha esperança que com aquilo ali a gente ia se fortalecer, as vezes que a gente conversava a gente falava muito isso “a gente passou por muita dificuldade tem que valorizar muito isso!” até ele falava sabe? Pra mim foi a melhor época Flávia, que eu convivi com ele, foi essa época! Mesmo com dificuldade. A gente tinha aquelas coisas de casais né? Que todo mundo tem, mas não foi crise, tipo assim “ah a crise financeira abalou o nosso relacionamento”, foi a fase que eu fui mais feliz foi essa fase, mesmo passando por dificuldade! Eu tinha esperança que aquilo ali ia fortalecer, sabe? Foi uma das melhores fases! Até ele mesmo falava, que ali mesmo com dificuldade foi uma fase boa nossa.

As dificuldades materiais e financeiras foram qualificadas por Ada como fortalecedoras do seu casamento, reiterando a afirmação anterior sobre a realidade de pobreza e trabalho na dinâmica afetiva de casais negros como fortalecedoras da relação. Não romantizando a pobreza e o trabalho precário, mas compreendendo-os como constituidores de sentidos dentro da relação amorosa, como indicadores de fortalecimento do compromisso, crescimento pessoal e responsabilidade com o outro dentro da relação.

Tais características dentro de uma relação amorosa rompem com os valores que baseiam o amor branco romântico-burguês como uma emoção que se estrutura no poder de um sobre o outro, na submissão e anulação em especial da mulher. E podem se configurar como o amor “em ação” em concordância com o pensamento de bell hooks (2020) que afirma nesta ação existir uma ética amorosa onde há “cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento” (bell hooks, 2020, p.130)

A fase da lua de mel para Ada e Danso foi marcada por emoções intimamente ligadas às experiências de trabalho racializadas. Indiretamente, isto fica posto no discurso dos dois sobre o quanto esse tempo os uniu e fortaleceu, e do quanto deveriam valorizar o que estas vivências produziram de positivo para os dois. Há uma identificação de trajetórias, um espelhamento possível a partir do mesmo pertencimento racial.

Uma ilustração desta vivência de trabalho racializada ou de racismo no trabalho aparece no discurso de Ada quando discorreu sobre um outro emprego, agora dentro de uma empresa comercial:

Eu via que eu não era valorizada! Eu fazia o meu trabalho, né? Eu trabalhava como serviços gerais e eu tinha, vamos dizer assim, as mesmas características das meninas que trabalhavam lá como vendedoras, né? Segundo grau completo, eu adquiri experiência com vendas, mas eu nunca tive essa oportunidade como vendedora né? Na verdade eu fazia meu papel de serviços gerais e nos intervalos eu vendia, né? As vendedoras ou tava no almoço ou tava todo mundo ocupada, mas nesses anos que trabalhei lá eu percebi que eles não me deram uma oportunidade né?

A noção sobre a própria competência junto às colegas de trabalho, a dupla função e a própria ocupação como “serviços gerais” informam sobre a consciência que Ada tem a respeito do lugar social que lhe é ofertado no cotidiano de trabalho enquanto uma mulher negra.

Ada por mais de uma vez afirmou que esta foi a fase do casamento onde foi mais feliz considerando que para além daquela realidade difícil, o que viviam de conflitos eram “coisas de casais”. A mesma também relatou que nutria neste momento da relação “esperança” de que a partir destas dificuldades, a relação fosse seguir fortalecida.

Ao revelar ter visto fotografias desse tempo, é possível inferir emoções de saudade e melancolia, associadas ao seu gestual que nesse momento da conversação era de sorrir, mas com um olhar de tristeza. Este relato indicou também que esta memória possivelmente passou a ser no futuro um recurso emocional para Ada se manter na relação.

Sobre o casamento de Nyathera, perguntei a respeito dos primeiros meses de convivência e os sentimentos que existiam, então ela discorreu:

Cara, tinha tudo de bom né? Muito tesão, muito sexo, muita conversa, muita comida né? Ele cozinhava pra mim, muita música como eu falei.

Em termos de sentimentos o que eu sentia era como se, não sei, era plenitude mesmo, sabe? Muita paixão!

Aqui a vivência do que se configura como fase da lua de mel se mostra bastante evidente, o uso das palavras “tudo de bom”, “plenitude” e “paixão” reiteram a noção de alto da colina no começo das relações a partir da vivência do amor branco romântico-burguês, e que no caso de Nythera tem forte fundamentação no elo narcísico desenvolvido entre ela e Aren. Mais uma vez as emoções da paixão do início ficam evidentes quando ela em outro momento relatou:

Minha casa era o lugar para onde eu queria voltar depois de um dia exaustivo de trabalho, né? Era o lugar que eu queria voltar, eu lembro que eu falava isso, muito isso assim “como é bom voltar pra casa e ter alguém, né?” eu nunca tinha suposto esse sentimento né? Como eu disse era o contrário, quando eu chegava em casa que eu encontrava meu ex eu tinha vontade de fugir! Vontade de sair correndo! Ir para qualquer lugar, menos ficar ali, mas com ele não, no início, né? Porque isso mudou! (risos), mas no começo era bem esse sentimento de acolhimento, de aconchego, de dizer assim “tenho pra onde ir”

Quando Nythera afirma que a casa era o lugar para onde queria voltar e que nunca supôs vivenciar esse sentimento porque antes experienciava o contrário, além de reiterar a mudança de padrão em seu modo de organização subjetiva, também pode informar sobre uma ausência de amor em sua vida enquanto mulher negra.

Ao contrário de Ada que deixa evidente em seus pensamentos e ações a pouca presença desta emoção e o quanto caminha para buscá-la, especialmente, na relação com a sua família, na experiência de Nythera a pouca presença de amor pode ter um dos pontos de identificação na dificuldade e resistência da mesma em viver relações amorosas, buscando evitá-las, e isto pode ter sido intensificado pelos danos emocionais causados pela relação abusiva anterior ao envolvimento com Aren.

Em seu complemento de frases em resposta ao indutor “casamento” Nythera respondeu que: “é uma construção muito difícil”, o que mais uma vez evidencia sua relação negativa e de evitação com esta instituição, vale considerar que esta resposta foi dada no momento atual, no decorrer do estudo onde a mesma já havia vivenciado a violência no casamento com Aren.

Sobre ser amada, Nythera respondeu: “é ser respeitada, ser vista, ser acolhida, é bom.”. Vemos aqui uma resposta objetiva, sem possibilidades que denotem, mais uma vez, a presença do amor branco romântico-burguês como uma emoção centralizadora nas

configurações subjetivas de Nyathera. Ao responder com “ser vista, ser acolhida” a participante produz um indicador sobre existência e a possibilidade de ser amada enquanto um sujeito integral, o que põe em xeque a lógica dominadora do amor patriarcal.

A pouca frequência de amor na vida das mulheres negras não só caminha na direção das relações afetivo-amorosas, entendendo-se que numa sociedade estruturada pelo racismo e sexismo, a falta de amor na vida das mulheres negras é experienciada em diversos âmbitos da vida. Sobre essa dificuldade amar bell hooks (2010) afirmou:

Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração", e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando (bell hooks, 2010, p.1).

Ainda sobre este início de convivência Nyathera destacou que havia tanta paixão que chegou a preocupar as pessoas do seu convívio íntimo como é possível identificar neste relato:

Muita paixão! Ao ponto assim, de amigas minhas mais antigas ficarem preocupadas né? Porque nunca tinham me visto nesse movimento, de me perguntarem “rapaz é isso mesmo?” aí eu dizia “rapaz é! O que é que eu tenho a perder né?” muito nessa lógica tipo assim “o que é que eu tenho a perder?”. Era como se fosse uma ebulição mesmo né? Era muito eu e ele, muito simbiótica essa relação, muito simbiótica.

Experiências como estas eram tão inéditas na vida de Nyathera que a posição de preocupação das amigas, torna ainda mais evidente a não prioridade que a vivência afetivo-amorosa tinha em sua vida e o quanto, nesta direção, a constituição do dispositivo amoroso nas configurações subjetivas da mesma é bastante despotencializada.

Esta despotencialização na constituição do dispositivo-amoroso de gênero possivelmente ocorre pela não correspondência com a vivência amorosa de muitas mulheres negras, ou até mesmo por esta constituição de afeto está, muitas vezes, mais relacionada ao trabalho, como será possível observar mais à frente.

Ao referir-se a esta vivência amorosa como “não ter nada a perder”, é possível inferir que a pouca presença do amor na vida de Nyathera a levou a construir uma narrativa e a performar uma ação que dialoga com as vivências afetivo amorosas, à beira do abismo. Afinal qual a perspectiva de futuro que uma mulher negra em diáspora forçada

no Ocidente a partir da *maafa*, teria sobre viver e experimentar o amor em uma relação afetiva?

Sem muitas perspectivas de presente e futuro, estruturadas pelas fendas abissais, Nyathera enxerga uma possibilidade de viver o amor em meio ao vazio existente na fratura emocional ao qual se constituiu enquanto mulher negra, então ela permite-se viver o relacionamento amoroso num grau de intensidade que levou ao desenvolvimento de uma relação simbiótica com Aren, como relatou acima, “era como se fosse uma ebulição mesmo né? Era muito eu e ele, muito simbiótica essa relação, muito simbiótica”.

Quando pedi que Nyathera falasse um pouco mais sobre essa relação simbiótica, a mesma discorreu:

eu não tenho noção assim se eu percebia, mas eu acho que era recíproco, eu tenho essa percepção né? Tinha essa dinâmica também...a gente até falava “não tem que sair sozinho, tem que sair com os amigos!” A gente acabava fazendo uns movimentos assim, mas acabava sendo muito bom tá junto, era sempre muito bom! (...) eu percebo que pros meus amigos o espaço foi ficando difícil, ele sempre estava presente! E não era porque ele se impunha, mas porque eu sou essa figura muito acolhedora, então era meio assim “é meu, então é nosso!” e com meus amigos eu também fazia esse movimento “se é seu, então é nosso também!” esse movimento que trazia para o meu ciclo, então assim aconteceu né? Então ele conheceu todo mundo, a minha família, os meus amigos, todos acolheram ele muito bem então tinha essa coisa também assim “Nythera tá apresentando...” uma coisa meio assim de ir abrindo algumas portas sabe? Dele ir se chegando, muito simpático, muito cortês, muito gentil, muito responsável pelo que fazia, tanto na arte quanto na faculdade, então era muito bom! Nossa era tipo assim “casal perfeito”.

O sentido que Nyathera construiu em seu discurso sobre o que compreendia como simbiose, expôs também a constituição das suas configurações subjetivas balizadas pela emoção do acolhimento e da dinâmica das vivências relacionais pautadas na coletividade, “eu sou essa figura muito acolhedora, então era meio assim ‘é meu, então é nosso!’ e com meus amigos eu também fazia esse movimento ‘se é seu, então é nosso também!’”.

Estas são características muito comuns em mulheres negras, já que como foi exposto, houve a constituição de um lugar de cuidado ao longo da trajetória histórica e cultural destas mulheres, que foi se estruturando nas subjetividades sociais e individuais como as noções de “doméstica” e “mãe preta” (Lélia GONZALEZ, 1984).

A simbiose também caracteriza a constituição da emoção do amor branco romântico-burguês, quando a partir da lógica narcísica no mito de Adão e Eva este amor

os levou a viver "imersos em uma paixão quase simbiótica. Compartilhavam de uma relação paradisíaca, na qual formavam uma unidade um com o outro e da humanidade com a natureza" (Renato NOGUERA, 2020, p.88).

Diante do espelho de si mesmos Nyathera e Aren mergulharam nessa intensa convivência cheia de paixão, acolhimento e simpatia, inclusive publicamente, quando segundo a mesma eram vistos como o "casal perfeito", tornando-se uma versão pública do próprio ego e vaidade a partir desta qualificação.

A respeito dessa intensidade, paixão e ego que constituíam as configurações subjetivas da relação nos primeiros meses de casamento, Nyathera relatou:

Era muito prazeroso tá junto, por que quer que fosse! Desde bater um papo, a ouvir uma música, ver um filme, a fazer uma comida, a tá deitado junto conversando bobagem, piadas, falando sobre o que quer que fosse e ali eu tinha essa sensação de que eu podia falar qualquer coisa! Eu podia ser eu integralmente, não tinha que tá me, me... fazendo ponderações né? Como em relações anteriores! Com ele não! Eu podia problematizar à vontade, inclusive, tinha ressonância, ele também fazia! Argumentos e tal! E uma bobagem também rendia né? Então um falava "Ah vamos falar mal de alguém? Ah vamos falar mal de alguém!" não tinha essa coisa de restrições. Acho que tinha essa coisa de "você é você e tá de boa!" tinha esse movimento, então eu acho que isso era ótimo! Era muito bom! Não havia conflitos, assim... tinham pontos de divergência, mas coisas muito banais né? Ou eram coisas assim, eu nem lembro de a gente brigar na verdade, no começo da relação, nem lembro!

Aqui é bastante perceptível o quanto a identificação entre Nyathera e Aren os levavam para diante de um espelho onde não havia a necessidade de esconder ou reprimir emoções. Como esta também era uma relação mono racial, é possível ter havido aqui mais um encontro de semelhanças não só nos prazeres, mas também nas dores enquanto pessoas negras, mesmo que isto não seja mencionado explicitamente, mas Nyathera ao fazer referência a partilhamentos de incômodos com Aren, abre a possibilidade dessa interpretação ser legítima.

Nyathera, como uma mulher negra que nitidamente aprendeu a reprimir suas emoções, tem nesta relação a possibilidade de ser inteira, de "ser vista", e isto pode ser identificado no uso da palavra "integralmente", como um indicador dentro da frase "eu podia ser eu integralmente" e em mais outro momento quando a mesma disse "acho que tinha essa coisa de 'você é você e tá de boa!'". Nyathera não precisava aqui performar a

negra forte e perfeita, porém chama a atenção o quanto neste momento onde aparentemente ambos estão à vontade para serem quem são que não haja conflitos.

A ausência de conflitos no momento onde Nyathera avaliou ser quem era de modo integral e onde só sentia prazer, revela que o acesso aos defeitos de cada um aparentemente não acontecia e por esta razão possivelmente a relação se manteve no alto da colina, onde a emoção do amor branco romântico-burguês os levava a viver mascarados, ou sendo o “senhor e senhora perfeitos”, de acordo com as ideias de Sobonfu Somé (1997).

Esta mesma autora afirmou que o amor-romântico “não deixa espaço para a verdadeira identidade das pessoas aparecer, estimula o anonimato e força as pessoas a se mascararem” (Sobonfu SOMÉ, 1997, p. 9). Aqui estamos a um passo da mudança para a fase de tensão, como bem lembrou Nyathera, nas falas acima, o desejo de voltar para casa existia no início, “porque isso mudou!”.

Na fase da lua de mel se confirma a metáfora utilizada pela filósofa Sobonfu Somé (1997) sobre as relações amorosas no Ocidente se darem a partir do alto da colina, onde “absurdas promessas são feitas” (Sobonfu SOMÉ, 1997, p.109) e a relação se dá com o uso de máscaras.

Aqui a emoção do amor branco romântico-burguês expressa seu auge narcísico, próprio do modo de ser europeu. Centralizados em si mesmos, as pessoas na relação não enxergam o outro e nem a si de modo integral, apenas a face mascarada é visível, apenas o vigor e prazer que o romantismo proporciona é acessado.

Nas configurações subjetivas de Ada e Nyathera, nesta fase de seus casamentos, foi possível identificar emoções como felicidade, bondade, plenitude, paixão e outras que foram acessadas por elas e que não foram ditas aqui. Tais emoções articuladas em suas

subjetividades, configuram-se como a expressão do amor branco romântico-burguês na constituição subjetiva de seus casamentos.

Após este momento é chegada a hora da queda da colina, do encontro com as sombras, a maré alta começa a vaziar e a lua aos poucos vai escondendo seu brilho por entre as nuvens.

A FASE DA TENSÃO

Tempo de maré vazante é tempo de recolhimento: a vivência das tensões

*“Eu tava sonhando acordada
Mamãe sentou do meu lado e me falou
Que aquela dor que doía
Ia encontrar calma nos braços de outro amor”
 (“Prece de Pescador” – Joviniano Barretto e Roque Ferreira)*

Neste momento o encantamento e paixão tão presentes na fase da lua de mel começam a dar lugar a outras emoções. O espelho de narciso em que Adão e Eva se enxergavam começa a rachar, o encontro com a sombra do outro começa acontecer e a lógica do pecado e castigo euro-cristão entra em cena na relação.

Os primeiros cinco anos do casamento de Ada foram avaliados por ela como bons e os conflitos existentes como “problemas de casais”, o que coaduna com os dados sobre as relações com violência doméstica de que as primeiras manifestações desta violência ocorrem a partir dos cinco primeiros anos de casamento (BRASIL, 2016).

Após este tempo, a relação de Ada e Danso mudou. Sobre isto ela disse:

Eu sempre falo Flávia, que a gente teve os nossos problemas de casais né? A gente brigava até porque a gente sabe que duas pessoas convivendo juntas, né? Tem coisas diferentes, mas eu acredito que a nossa relação acabou mesmo foi quando eu descobri a traição dele.

Nesta fala o uso da palavra “acabou” é um indicador de que Ada elaborou um sentido de mudança em sua relação sob uma perspectiva do presente, ou seja, hoje depois da separação ela percebe que o casamento acabou após a descoberta da traição, a relação não foi mais a mesma, porém naquele tempo esta traição não se constituiu como uma possibilidade real para que ela decidisse “acabar” com o seu casamento.

É possível afirmar que experienciar a emoção da traição neste momento foi para Ada um ponto de virada em suas configurações subjetivas, produzindo novos sentidos para ela enquanto sujeito que passa a se reposicionar nesta relação (Fernando REY, 2005), como pode ser ilustrado neste outro relato:

Ali pra mim desabou, sabe? Ali pra mim foi terrível! Primeiro que eu já desconfiava e segundo que a mulher envolvida era uma pessoa da minha intimidade que estava passando um tempo em minha casa, aí eu perguntei a ele e ele não me falou quase nada né? Claro que não! Mas aquilo ali acabou comigo! Não dormi mais direito ali foi a gota d' água pra mim!

Quando Ada disse que aquela situação a “acabou”, que o seu sono perdeu a qualidade, “não dormi mais direito” e que foi a “gota d' água”, estamos diante desta nova posição dela na relação. A mulher que se sentia bem e fortalecida pelas dificuldades que enfrentou junto com o parceiro dá lugar a uma mulher triste, sem forças, sem sono.

A mobilização emocional foi ainda mais intensa porque a traição aconteceu com alguém da sua intimidade o que fere profundamente os valores cristãos patriarcais em que o amor branco romântico-burguês se assenta, ainda mais sendo Ada uma mulher evangélica. Bem como sua autoestima, que também é balizada pela visão do parceiro afetivo, a partir da lógica de validação masculina organizada pelo dispositivo amoroso de gênero em suas configurações subjetivas.

Então, perguntei sobre como estavam os sentimentos e a relação antes desta descoberta e Ada respondeu:

Ada: A gente levava uma vida normal assim, normal no sentido de a gente tinha as nossas brigas, eu sou uma pessoa muito explosiva em algumas coisas, mas não acho que a relação da gente estava ruim não, sabe? Eu nunca proibi ele de ir a lugar nenhum...

Flávia: E você saia também? Tinha essa mesma liberdade?

Ada: Em alguns lugares eu saia, outros não, mas é porque eu não queria mesmo, ele nunca me proibiu de sair pra lugar nenhum, ele nunca me disse “Ada você não vai!”, não, muito pelo contrário ele nunca me proibiu de sair pra lugar nenhum, os lugares que eu não saia era porque eu mesma não sentia bem de sair, mas a nossa relação era boa Flávia, era uma relação boa, eu te falo que não era, claro eu repito mais uma vez, eu tô me repetindo muito isso (risos), mas é porque nenhuma relação é perfeita, mas eu te digo que era uma relação normal entre casais, a gente tinha as nossas diferenças às vezes brigava, às vezes não concordava, mas não era uma relação ruim, te digo que não era ruim mesmo.

Quando pergunto sobre os sentimentos daquele momento, Ada responde com a negação, ela diz que a relação não estava “ruim”, não faz mais referência a felicidade como fez inicialmente. Em seguida ela fala sobre proibição, e aqui é possível observar que a participante faz uma ligação entre proibição e traição, por considerar que havia liberdade entre ambos, a partir da noção do “não proibir e não ser proibida” de sair para lugares, o que provavelmente fez com que Ada questionasse a traição de Danso por esta via.

Este questionamento é tão forte que Ada, por diversas vezes repetia que a relação era boa, sendo esta qualificação atravessada pela noção de liberdade, de que para ela não havia espaço para esta ação de Danso, mesmo havendo conflitos, e aqui também repetidas vezes ela enfatiza o quanto estes são normais, ou seja, para Ada não havia justificativa para a traição ter acontecido, expondo nesse momento a expressão do sexismo em suas configurações subjetivas.

Nesta fala, Ada nos coloca diante de uma das expressões do amor branco romântico-burguês perpassado pelos valores cristãos que estruturam o sexismo nos pensamentos e ações dos sujeitos. Aqui é possível ver a lógica da punição das mulheres, a partir do pecado de Eva, onde as frases “Mas o que foi que ela fez para o homem agir assim? Deu motivo?” são muito frequentes, somando-se a isso o valor do outro como propriedade, especialmente a mulher, sendo esta mais uma expressão do modo colonizador de amar euro-cristão dentro das configurações subjetivas dos relacionamentos amorosos.

De alguma maneira Ada, mesmo com raiva, dialoga com a culpa pela traição que sofreu por acabar ocupando o lugar da mulher que por alguma razão não palpável ou visível “deu motivo” para que o parceiro ferisse o pacto do casamento cristão monogâmico e heteronormativo. Esta “razão invisível” é a expressão subjetiva ou psicológica do sexismo dentro da situação.

Percebi nos gestos e feições de Ada uma certa inquietação e também um silêncio que, para mim, existia por trás do discurso “boa relação com conflitos normais de casais”. Desta percepção interpretei que havia nesse discurso a lógica neoliberal do público e privado, da noção de “briga de marido e mulher ninguém mete a colher”, própria da reconfiguração do amor branco dos tempos do capitalismo.

E por ser nesse momento “das brigas normais de casais”, pelas minhas observações profissionais no atendimento às mulheres, que justamente emerge a violência psicológica nas relações, de modo silencioso e sem que a mulher perceba, já se constituindo a fase da tensão, me senti intrigada por esta frase, então perguntei o que Ada sentia durante esses conflitos, que aconteciam antes mesmo da traição, e ela me respondeu:

Ó, eu sou uma pessoa muito explosiva, eu não vou mentir pra você não! Quando eu brigava eu ia em cima dele tacava tudo que eu tinha na minha mão em cima dele! Não vou mentir! Eu sou dessas! Até minha raiva ir baixando aí depois eu chorava, chorava, chorava e me acalmava, eu só me acalmava depois que eu chorava e eu me arrependia das coisas que eu falava e fazia né? Mas, eu não sei! Aquele sentimento de culpa, sempre de culpa, de culpa, de culpa! “Ah eu não deveria ter feito isso! Eu não deveria ter falado isso!” e ele era assim, ele sempre nas brigas ele fazia questão de não falar nada! Aquilo ali me matava porque eu queria assim que eu brigasse, e eu falasse e ele também! Eu não queria que ele ficasse quietinho sem falar nada não, eu queria que ele falasse no mesmo tom que eu pelo menos nessa época né? Mas nessa época aí que a gente brigava, quando a gente brigava, eu não vou mentir não, eu era a carrasca mesmo! Jogava tudo o que tinha na frente, eu dava uma de doidinha mesmo! (risos)

Nessa resposta, Ada não só expõe uma vivência de violência psicológica, mas também a prática de violência física por parte dela, violência esta nitidamente motivada pela “falta” de verbalização de Danso sobre o que sentia, falta essa que dentro deste contexto pode se configurar como uma prática de violência psicológica por parte dele, como pode ser visto nas frases: “ele era assim, ele sempre nas brigas ele fazia questão de não falar nada! Aquilo ali me matava (...) Eu não queria que ele ficasse quietinho sem falar nada não”.

A opção de Danso pelo silêncio, fazia com que Ada se expusesse a tal ponto que a sua reação era de jogar objetos nele, assim ela passa a ocupar o lugar da “louca” e também, a integrar essa noção em suas configurações subjetivas quando Ada se qualifica nessa fala “eu era a carrasca mesmo! Jogava tudo o que tinha na frente, eu dava uma de doidinha mesmo!”.

É parte da caracterização da violência psicológica, de acordo com a cartilha “Viver sem violência, é direito de toda mulher. Entendendo a lei Maria da Penha” (2015), tentar fazer com que a mulher fique confusa ou acredite que está ficando louca, fazê-la sentir culpa. Sendo a loucura dentro do contexto sexista do casamento muito associada às

mulheres em situação de violência por ser este, por vezes, uma instituição que as confina e enlouquece (Elaine SHOWALTER, 1987 apud Valeska ZANELLO, 2018)

Ao se qualificar como “doidinha”, Ada demonstra esse processo de integração sexista em suas configurações subjetivas e nestas também se articulam outras emoções relacionadas a vivência de racismo ao seu autoconceito enquanto mulher negra, que a exemplo da própria trajetória de trabalho relatada aqui, possivelmente já vivia um processo de baixa autoestima.

Com a vivência da violência psicológica, este rebaixamento da autoestima é potencializado, afinal como deveria ser para Ada enxergar-se enquanto uma mulher que por ser negra já era ser vista e tratada como um corpo que não deveria ser para o amor e sim para o trabalho, e além disso enxergar-se enquanto doida e carrasca diante do homem que escolheu para partilhar a vida?

A raiva e a culpa articuladas subjetivamente na experiência da violência psicológica vivida por Ada, ficam visíveis quando ela diz:

Até minha raiva ir baixando aí depois eu chorava, chorava, chorava e me acalmava, eu só me acalmava depois que eu chorava e eu me arrependia das coisas que eu falava e fazia né? Mas, é (risos) eu não sei! Aquele sentimento de culpa, sempre de culpa, de culpa, de culpa! Ah eu não deveria ter feito isso! Eu não deveria ter falado isso!

Neste relato Ada expõe a importância do choro como um recurso para o escoamento da dor e não como sinônimo de fraqueza, algo que faz parte do aprendizado sobre a repressão das emoções enquanto negra e que por isso, muitas vezes, é combatido e substituído pela performance da mulher negra forte e guerreira.

Neste momento, Ada expressa sua humanidade e todas as emoções que aquela violência a levava a acessar, como raiva, culpa, arrependimento, sendo essas duas últimas muito próprias do patriarcado euro-cristão, relacionadas a imagem pecadora de Eva.

Quando procuro saber como ficou a relação depois da descoberta da traição e os sentimentos que existiam, Ada respondeu que:

Ada: Piorou Flávia, tu sabe por quê?

Flávia: Piorou? Mas não tava boa?

Ada: Assim...pirou, quer dizer assim! (risos) deixa eu explicar! (risos) depois que a pessoa da minha intimidade, envolvida na traição, me

contou a versão dela, né? E aí ela me disse “Ada, no caso tu descobriu isso ontem...ontem mesmo ele me mandou mensagem tal horário pra mim”, ou seja, depois que eu descobri, no outro dia ele mandou mensagem pra ela, continuou mandando mensagem pra ela entendeu? Não mudou nada! Pra mim aí desandou, acabou! Acabou mesmo isso aí...

Flávia: E quais eram os seus sentimentos?

Ada: Ah Flávia, sinceramente, isso dói até hoje sabe? Isso dói demais, demais, demais, mesmo! Porque parecia uma obsessão dele por ela! Depois eu peguei várias outras mensagens dele pra ela Flávia! Aí ele me dizia “Ah Ada eu não vou fazer mais! Eu não sei o que é que acontece comigo! Eu não sei por quê!”, mas ele continuava mandando os mesmos conteúdos de mensagens!

Ada disse que após a descoberta da traição a relação “piorou”, sendo esta qualificação um indicador indireto de que mesmo não dando o nome de violência psicológica e física, existe uma consciência de Ada que a partir daqueles conflitos a convivência com Danso, já estava tensa. Justamente por isso eu a questioneei, pois não fazia sentido uma relação onde a mesma descrevia como boa, depois da traição ter piorado, e não a partir da traição.

A decisão por fazer este questionamento, se pautou na possibilidade que o instrumento da conversação e da metodologia construtivo-interpretativa me davam, enquanto sujeito ativo no processo de construção dialógica com a participante, na busca pela constituição de um espaço inteligível, onde o diálogo aparece como um recurso gerador de tensões, reflexões e mudanças de sentidos, tudo isso pautado nas discussões promovidas pelo psicólogo Fernando Rey e pela psicóloga Albertina Mitjans (2017).

O caminho que Ada trilhou para responder a este questionamento voltou a ter como centro a traição de Danso e não os conflitos anteriores a mesma, onde já havia acontecido as primeiras agressões. É possível inferir que Ada, pela posição que tomava ao fazer uso da violência física como reação a violência psicológica que sofria durante o conflito, estivesse desconsiderando este momento como uma mudança no convívio que ela relatava como bom.

Esta desconsideração pode estar atrelada ao aprendizado cultural a respeito da naturalização das violências, especialmente a violência doméstica contra as mulheres como é ilustrado pelas autoras Martha Narvaz e Sílvia Koller (2006, p.9) “a violência contra as mulheres fica, assim, banalizada, minimizada, negada e naturalizada pela cultura sexista, sendo percebida como algo que não poderia ser evitado”.

Sobre o que passou a sentir, Ada foi muito enfática em seu relato: “dor”. Uma dor que segue até os dias de hoje, cinco anos após a descoberta da traição e mesmo já estando separada de Danso. Outra característica muito marcante da violência psicológica, é a intensidade e o tempo de elaboração pessoal das dores e sofrimentos causados por quem a vivenciou.

Ao notar que depois da sua descoberta nada mudou, Ada demonstra ainda mais sua indignação quando disse, “pra mim aí desandou, acabou! Acabou mesmo isso aí...”. Porém, nesse momento também já se pode identificar a posição de Danso quando nega a própria ação e diz não saber por que razão agiu dessa maneira, aqui começa o movimento para o retorno a lua de mel, é o momento em que a lógica cíclica da violência começa a surgir dentro do relacionamento.

Com relação a isso, perguntei a Ada sobre a reação de Danso após a descoberta dela sobre a traição, e segundo a participante, ele dizia:

“Ah Ada eu não sei porque eu faço isso! Eu não entendo porque eu faço isso! Eu não entendo porque é que eu ajo desse jeito! Não entendo mesmo! Você quer quebrar o meu celular?” Ele me perguntou! “Você quer quebrar o meu celular? Você quer ficar com o meu celular?”, aí eu disse “quero!”, aí ele me deu uma boa enrolada, uma boa enrolada e é claro que ele não ia me dar o celular dele né Flávia? (risos)

A frase utilizada por Ada, “aí ele me deu uma boa enrolada”, me chamou a atenção, e então questionei:

Flávia: Sim...uma boa enrolada?

Ada: Ah que não entendia! O que ele falava era só isso né? Que não entendia... porque que ele fazia isso, porque que ele mandava mensagens para a pessoa da intimidade e que eu não merecia isso e não sei o quê! Só falava mesmo esse tipo de coisa, ele não era muito, também, de ficar falando não, sabe?

Então perguntei o que a motivou a seguir adiante com o casamento e Ada respondeu:

O que me fez decidir foi aquela questão né? Todo mundo erra, ninguém está imune dessas coisas, nós somos humanos, nós erramos e todos nós merecemos uma chance, né? Todos nós merecemos uma chance...foi isso que me fez continuar, foi isso!

É possível identificar que esse é o momento onde a primeira expressão do ciclo da violência acontece no casamento de Ada e Danso, o que ela chamou de “boa enrolada” aparece como um indicador da expressão de sua subjetividade quanto ao sentido que dá

a oportunidade que ofertou a Danso de seguir adiante com a relação. Danso aqui performou a masculinidade branca simbolizada pela imagem cristã de Adão, do homem viril e provedor que luta pela sobrevivência da sua família.

Além disso, há forte presença do discurso euro-cristão sobre o perdão, que aqui pode ser identificado através dos indicadores ligados à ideia de humanidade, erros e chance para se reerguer, presentes na frase “nós somos humanos, nós erramos e todos nós merecemos uma chance”. Esse é o momento simbolicamente representado pelo mito de Adão e Eva onde Deus os perdoa e lhes dá uma nova oportunidade de voltar ao paraíso, que se expressará no desejo do casal de retornar aos tempos da lua de mel.

Outro fator significativo que implicou em maior sofrimento para Ada foi o posicionamento da sua família, sobre isto ela discorreu:

Outra coisa que me dói é que toda a família sabe e ninguém nunca me apoiou! Nunca em nada sabe? Todo mundo nem pra dizer assim “ah ela é errada!”, não! Todo mundo continuou normal! Conversava com ela normal, conversava com ele normal, uma das coisas que me dói também é essa, Flávia! (Ada põe a mão na testa, franziu o rosto, fecha os olhos) “eu digo gente! Será que ninguém enxerga o que é que tá acontecendo não? Me doe o que aconteceu e fica por isso mesmo?!” E aí vem minhas irmãs, minhas primas dizer assim “Ah, Ada, mas você não deveria ter feito isso! Colocado ela dentro da sua casa e tal” aí eu digo “gente, mas ela estava precisando de um lugar pra ficar, ela tava trabalhando, ia trabalhar, eu acho que nada demais isso aí! Nada a ver! Ela que não me respeitou!”, não sei...aí eu não sei nem a palavra sabe? Eu fico me perguntando e se eu não descobrisse isso? O que será que iria acontecer? Né? Até onde eles iriam? Mas isso me dói demais, demais mesmo!

A família de Ada, além de não a acolher em sua dor, fez uso do discurso, aqui já exposto, da justificativa do erro do homem e da culpabilização da mulher como pode ser visto na frase: “Ah, Ada, mas você não deveria ter feito isso! Colocado ela dentro da sua casa e tal”, sendo esta mais uma expressão da estrutura patriarcal constituindo as configurações subjetivas sociais, neste caso, do grupo social da família de Ada.

Como Eva foi a motivação para que Adão pecasse, toda a responsabilidade pela tragédia que ocorreu ao casal tornou-se culpa dela. Eva, simbolizando este feminino branco cristão, apresenta-se como esta noção sexista de que a mulher é a grande culpada pelos problemas da relação e essa lógica colonial perpassa os pensamentos e ações dos sujeitos na sociedade, causando sérios danos à saúde física e emocional das mulheres em situação de violência.

Esta posição da família causou uma tensão emocional em Ada, que neste momento mostrou-se consciente da posição injusta em que estava sendo colocada, mesmo ela já experienciando o sentimento de culpa pelo ocorrido. Essa consciência fica bastante nítida quando a mesma disse: “Eu digo: Gente! Será que ninguém enxerga o que é que tá acontecendo, não? Me doe o que aconteceu e fica por isso mesmo?!”.

Além da consciência, Ada também expressou a necessidade de ser vista em sua dor, em ser acolhida. Esta posição da família auxilia na compreensão sobre as motivações da busca de Ada por afeto e aceitação, aqui podemos inferir que há pouco ou nenhum amor ofertado a Ada por parte de sua família, e isso também dá maior sentido ao desejo que ela tem de constituir a sua própria.

A família enquanto este espaço social que pode ou não ser promotor de saúde humana (Fernando REY, 2004), na cultura ocidental é generificada, e por isso é comum que aconteça a oferta de proteção ao homem em detrimento do sofrimento da mulher. Neste caso, a família torna-se um grupo de convivência hostil para as mulheres em situação de violência e isso fica bastante evidente quando Ada relata:

e aí vem as fofquinhas, aquelas primas, aquelas tias, que finge que está tomando a sua dor, mas não tem nada a ver, sabe? Só pra fofocar mesmo! Escutar aqui, vender ali, tem essas também né? Esse tipo de gente que quando eu percebo isso eu me afasto sabe? Eu acho que é por isso que a minha família me acha assim, não sei, a diferente da história! Até que eu me afastei! Eu me afastei mesmo, eu digo “não dá pra conviver com esse tipo de gente não! Não dá pra conviver com esse tipo de gente do disse me disse!”

A frase utilizada por Ada para qualificar-se dentro do espaço familiar torna-se um indicador de como emocionalmente ela integrou essa vivência em suas configurações subjetivas, “eu acho que é por isso que a minha família me acha assim, não sei, a diferente da história!”.

O sentimento de culpa que impuseram a Ada e que ela já vivenciava no convívio com Danso, fez com a mesma se localizasse neste espaço como a “diferente”, o que reitera a hipótese anterior sobre a necessidade de Ada, da busca por afeto familiar, bem como as decisões que tomou em nome dela. É fundamental a compreensão de que é no espaço social da família que os sujeitos se expressam com maior intimidade e espontaneidade. De acordo com Fernando Rey, (2004) a família enquanto grupo:

dispõe de uma larga margem de liberdade para definir seu próprio sistema de normas, estilo de vida, etc. No entanto, essa liberdade de possibilidades está sempre mediatizada pela sociedade, que exerce um papel decisivo nas funções dos diferentes membros da família, assim como o próprio desenvolvimento individual desses, o qual define as possibilidades de cada indivíduo concreto dentro do seio da família em diferentes culturas e em diferentes momentos históricos de uma mesma cultura. (Fernando González REY, 2004, p. 29)

Desse modo, a família se configura como um espaço extremamente significativo no processo de socialização dos sujeitos, bem como no cultivo e promoção de afeto e saúde, e obviamente por ser mediatizada pela cultura da sociedade em que está inserida será um lugar de expressão dos fenômenos que constituem tal cultura, como o racismo e o sexismo nas sociedades ocidentais que foram profundamente marcadas pelo processo de colonização europeu.

A *maaifa* promoveu sérios danos a formação de famílias para as/os africanas/os em diáspora forçada no Ocidente, causando uma ferida no coração de um povo cuja a cultura fundamentalmente se estrutura a partir da família e nesta a centralidade das mulheres, como afirma a autora Oyèronké Oyèwúmi (2000) “em todos os arranjos familiares africanos, o laço mais importante está dentro do fluxo da família da mãe, quaisquer que sejam as normas de residência no casamento” (Oyèronké OYÈWÚMI, 2000, p.5)

As famílias negras constituídas no Ocidente, como no caso do Brasil, foram perversamente atravessadas pela lógica genocida da cultura patriarcal racista e universalista dos colonizadores europeus. Pressagiadas pelo abismo, estas famílias perderam-se dos seus valores ancestrais e se tornaram um espaço onde os sujeitos negros performam como brancos em suas configurações subjetivas, como acontece na família de Ada.

A respeito das mazelas da escravidão na constituição das famílias negras no Ocidente, o psicólogo Na'im Akbar afirmou:

A escravidão acaba com os pais, assim como as famílias. A escravidão não tem utilidade para pais ou famílias, e suas leis não reconhecem sua existência no arranjo social da plantação. Quando existem, não são fruto da escravidão, mas são antagonicos a esse sistema. (Na'im AKBAR, 1996, p. 20)

A família de Ada, infelizmente, performa esta expressão caricata de família negra ocidental desenraizada culturalmente, mesmo com alguns aspectos matriarcais como é o

caso da avó e tias serem referências. Porém, outros valores aparentemente não resistiram à vivência à beira do abismo na sociedade ocidental brasileira, e acabaram se transformando em uma família onde o patriarcado europeu tomou lugar e passou a ser centralizador dos modos de condução dos sujeitos neste espaço.

Voltando a discussão sobre o que a traição gerou emocionalmente para Ada, ela relatou:

Flávia: Hum...e daí pra frente como é que foi?

Ada: E daí pra frente eu descobri outras traições dele né? Outras traições dele nesse mesmo nível de conversinhas de zap! Outra coisa que eu não gostava era que ele olhava muitos vídeos pornográficos, sabe? Aquilo ali foi me entristecendo porque isso é uma forma de traição também, sabe Flávia? Quando você vê o seu namorado, o seu noivo, o seu marido olhando vídeo! Quando eu olhava no histórico dele era não sei quantos por dia! Entendeu? Eu digo “gente esse homem tá louco? Olhando tanto vídeo?”

Flávia: E você não sabia se havia isso antes?

Ada: Se tinha antes eu não sei te dizer, mas quando eu descobri a traição com a pessoa próxima, eu fiquei obcecada em olhar o celular dele! Eu comecei a rastrear e foi aí que eu descobri WhatsApp-web, essas coisas todas! Eu virei uma detetive do FBI (risos) uma época horrível! Sabe? Essa época pra mim foi horrível! Às vezes eu deixava de fazer almoço, às vezes eu deixava de fazer qualquer coisa, eu acho que eu passava vinte e quatro horas olhando, rastreando o celular dele!E era horrível! E aí eu fui percebendo “Gente, que relação é essa? Queeu não confio mais na pessoa?”, entendeu? Eu dava uma de louca mesmo olhava celular, fazia aquela coisa toda!

Mesmo com a reconciliação e o seguimento do convívio cotidiano, ao perguntar a Ada sobre como ficou a relação depois desse momento ela não expõe nenhuma situação de felicidade ou tregua, como é de costume no momento do perdão na fase da tensão e esse retorno à lua de mel. E se estas situações ocorrerem não foram emocionalmente significativas a ponto de Ada expressá-las em sua fala, o que ela acessa mais uma vez é a dor da traição, da continuidade das traições que como parte do ciclo e da fase da tensão é esperado que voltassem a ocorrer.

Danso, ao que parece, nunca deu tempo ou tregua nas ações que machucavam Ada e que ele, provavelmente, tinha consciência de que doíam, afinal Ada passou a fiscalizá-lo e performar novamente a “louca”, como é possível enxergar nessas frases em que ela disse “eu fiquei obcecada em olhar o celular dele! Eu comecei a rastrear e foi aí que eu descobri WhatsApp-web, essas coisas todas! Eu virei uma detetive do FBI”, “eu dava

uma de louca mesmo!”. Além dos conteúdos pornográficos que ele acessava e que certamente colaboraram para o rebaixamento da autoestima de Ada.

Ada identifica que mudou de comportamento e o quanto essa nova configuração subjetiva da relação passou a ser desgastante para ela, afetando a sua saúde mental e física, “às vezes eu deixava de fazer almoço, às vezes eu deixava de fazer qualquer coisa, eu acho que eu passava vinte e quatro horas olhando, rastreando o celular dele! E era horrível!”.

Ada também questionava a si mesma com relação ao que a motivava a continuar naquela relação onde reconhecia que não sentia mais confiança e o quanto esta ausência de diálogo, culpa e insegurança a motivava a seguir fiscalizando Danso. Sobre o que ela identificava como motivação para manter-se na relação, Ada relatou:

E aí eu comecei a perceber que ele começou a dizer assim, “Ótimo! Parece que ela gosta mesmo de mim, parece que é dependente!”, eu percebia isso tudo Flávia! E aí que eu percebi que ele começou a mudar né? Começou mesmo a, tipo assim, “Ela ficou comigo e eu fiz isso com uma pessoa íntima dela, né? Aconteceu isso tudo! Ela sabe disso tudo! Ela continuou comigo!”, então, eu percebi que a partir daí ele disse “hum essa daí eu já dominei!”, porque era horrível Flávia! E aí a situação só foi piorando mesmo!

Ao fazer uso das palavras “dependente” e “dominei”, Ada nos oferta dois indicadores que reiteram a presença do racismo e do sexismo articulados em suas configurações subjetivas. A qualificação de dependente tanto dialoga com a sua constituição subjetiva enquanto negra no Ocidente, como já foi exposto a partir das ideias da psicóloga Grada Kilomba (2019).

Quanto à performance, à beira do abismo, do feminino branco através do dispositivo amoroso de gênero que, a partir da vivência do amor-romântico colaborou para que ela seguisse adiante com a relação, como a responsável pela restauração do casamento. Além de identificar que Danso a enxergava como “dominada” numa lógica muito própria desta maneira de amar colonizadora, Danso aqui é o reflexo do masculino branco viril e dominador.

Sobre as emoções que Ada passou a experienciar neste momento disfuncional, próprio da fase da tensão, a partir da expressão da violência psicológica onde a mulher sente-se confusa, atormentada e humilhada (BRASIL, 2015), Ada disse:

Eu me senti...ai eu não sei nem falar a palavra, mas sinceramente...minha autoestima ficou só no pó mesmo! Eu me sentia um horror como mulher! Eu me sentia a pior das mulheres! Eu me senti feia, me senti diminuída, eu digo “Gente! Eu preciso fazer alguma coisa! Melhorar a minha aparência física!”, não sei! Eu só sei que eu fiquei doida mesmo! Tem pessoas que reagem e vão fazer alguma coisa, né? Não fazer uma atividade física, mas eu não...pra mim quanto mais eu percebia o que tava acontecendo era como se dissesse “Ai, eu não tenho forças pra levantar! Pra eu ter autoestima, pra eu levantar!” Foi horrível! Foi uma época horrível mesmo!

Ada expõe seu sofrimento e as emoções que o tangenciam, muito próprias da experiência com a violência psicológica quando ela disse: “minha autoestima ficou só no pó mesmo! Eu me sentia um horror como mulher! Eu me sentia a pior das mulheres! Eu me senti feia, me senti diminuída”, aqui é possível observar a expressão do amor branco romântico-burguês nas configurações subjetivas de Ada, como balizador dos sentidos que ela passa a dar a si mesma a partir da emoção da culpa.

A culpa própria desta maneira colonizadora de amar, fez com que mais uma vez Ada performasse, a beira do abismo, como a mulher branca cristã responsável pelos erros do homem no casamento. A traição aconteceu porque ela não é mais uma mulher interessante para ele? Ou por que ele feriu o pacto narcísico de Adão e Eva e passou a revelar suas sombras a partir da quebra do acordo monogâmico do casamento branco-patriarcal? Ada olha para si mesma e questiona: “Gente! Eu preciso fazer alguma coisa! Melhorar a minha aparência física!”, não sei! Eu só sei que eu fiquei doida mesmo”.

Por conta da traição envolver necessariamente outras possibilidades de relações afetivo-sexuais, e neste caso outras mulheres para Danso, é possível inferir que tal emoção mobilizou em Ada o dispositivo-amoroso, em sua constituição atual organizada pelos valores neoliberais, e então a preocupação dela volta-se para a estética, porque ela acabou vivenciando a comparação e a competição própria do sistema capitalista que reverbera nas relações amorosas também desta maneira.

A preocupação de Ada com a estética aqui pode ser relacionada ao “não-lugar” que ocupa na prateleira do amor por ser uma mulher negra. Com a autoestima baixa pela própria vivência do racismo e sexismo ao longo da vida, mais a experiência de violência no casamento, houve uma potencialização negativa da leitura que Ada fez de si mesma, especialmente, com relação a sua estética, já que a mesma não corresponde ao ideal de beleza branca que se localiza a frente da prateleira e que todas as mulheres na sociedade brasileira são socializadas a buscar.

Sobre a lógica da prateleira do amor a psicóloga Valeska Zanello afirmou:

O que se visa, na busca do ideal de beleza, é reconhecimento social e aprovação. É dentre outras coisas, um bom lugar na prateleira do amor. Portanto, a sensação produzida é que, para se estar bem colocada, há que se esforçar (a beleza não como destino, mas como responsabilidade, como conquista social) (Valeska ZANELLO, 2018, p. 87)

Diante desta lógica euro-cristã organizadora das subjetividades sociais no Ocidente, sobre o amor e as relações amorosas, a necessidade de mudança e de esforço para sanar os problemas da relação ficaram a cargo de Ada, inclusive, as necessidades criadas por esse sistema com relação a sua estética.

Mais uma vez é possível observar a disfuncionalidade que ocorre quando uma mulher negra se constitui enquanto mulher, a partir dos referenciais europeus estruturantes do dispositivo-amoroso de gênero. Ada, possivelmente, quando se refere aos cuidados com o corpo, tem como ideal estético o feminino branco que não corresponde ao seu corpo e nem expectativas sobre o seu modo de ser.

Essa experiência gerou um sofrimento que organizado pela violência psicológica na subjetividade de Ada gerou paralisação e perda de força, um caminho que geralmente leva ao desenvolvimento da depressão em mulheres que vivem essa situação, em concordância com o que diz o Núcleo Especializado na Defesa da Mulher Vítima da Violência do Estado da Bahia (NUDEM, s/d), sobre os danos à saúde mental causados por esta violência que são ansiedade, medo, ausência de sono, tristeza profunda e depressão.

Enxergando a si mesma e vivendo o amor à beira do abismo, sem referência das suas raízes matriarcais africanas e de outras possibilidades de amar, Ada não se vê enquanto um corpo vivo, bonito e potente como o das suas ancestrais, tornando-se ainda mais vulnerável dentro desta situação.

Outro aspecto importante é a mudança do estado físico e emocional que Ada passa a transparecer para as pessoas do seu convívio. Sobre isto ela relatou:

As pessoas olhavam pra mim e diziam assim “ô Ada o que é que tá acontecendo? Por que você está com essa cara? Essa cara feia? Parece que tu tá sofrendo!”, aí eu digo “Oh gente, eu tô sofrendo mesmo! As pessoas que eu tinha intimidade eu falava! Eu tô sofrendo mesmo! Por que está acontecendo isso e isso e isso, e eu não tô aguentando mais!”, mas foi uma época horrível Flávia! Horrível mesmo!

Uma característica da violência psicológica dentro da dinâmica do ciclo é que a relação fique bastante distante da vida pública, sendo comum que a mulher seja isolada propositalmente por quem pratica a violência contra ela. Esta ação se configura como o reflexo dos valores euro-cristãos capitalistas na estrutura do ciclo da violência, a partir da lógica do público e privado.

Ada rompeu com esta lógica ao expor publicamente o que vivia em sua relação, mesmo sem aparente consciência da violência que havia. Rompeu também com a performance de feminino branco que em nome do status social, vinculado ao seu grupo racial, mantém os problemas no âmbito privado em nome da família e do casamento cristão. Pelo contrário, aqui estamos diante uma mulher negra que apesar da pouca frequência do amor na vida e pouca presença de uma rede afetiva de apoio, possuiu a coragem de quem sempre lutou pela sobrevivência e libertação, justamente por não ter nada a perder (Lélia GONZÁLEZ, 1981).

Sobre a importância de uma rede de apoio para mulheres negras em situação de violência doméstica, que como Ada, vivem um vazio de rede afetiva estruturada pelo racismo e sexismo na cultura ocidental. E também sobre a importância da quebra com a lógica público-privado própria do amor branco romântico-burguês, trago a ideias da autora africana Sobonfu Somé (2007) sobre o valor da “comunidade” na vida de um casal:

Quando você não tem uma comunidade de amigos e familiares envolvidos em um relacionamento, baseia todas as suas expectativas de intimidade em seu casamento. O que realmente é difícil, é exigir demais de qualquer relacionamento. (Sobonfu SOMÉ, 2007, p. 40)

Viver o casamento sob a égide do “privado” faz com os casais se fechem em sua intimidade e queiram alimentar a lógica narcísica do casamento perfeito. A falta de compartilhamento sobre os problemas da relação com a comunidade do casal colabora para a manutenção da violência dentro do casamento, bem como para a potencialização da vulnerabilidade da mulher que sem o apoio da sua comunidade dificilmente consegue romper com o ciclo da violência doméstica.

Portanto, é fundamental que mulheres negras tenham sua comunidade afetiva! Mas como constituir uma comunidade em meio a uma existência estruturada pela solidão? Um caminho possível é a busca por uma construção política de laços afetivos com as suas e os seus semelhantes, no resgate das suas origens, que podem encontrar inspiração nas

que vieram antes de nós como verdadeiras “yalodês” ou rainhas, como já disse a médica e ativista negra Jurema Werneck (2010).

Quando pergunto a Ada o que a esta altura da relação ela sentia por Danso para que seguisse com a decisão de manter-se neste casamento, a mesma disse:

Aí eu lembrava Flávia, sabe do que? Da época que a gente passou por tanta dificuldade, sabe? Na época do início, a gente passou por tanta dificuldade, né? E eu digo “eu acho que vale a pena eu reconstruí, eu sei lá! Eu vou tentar ver se vai dar certo! Né? De alguma maneira, acho que isso me ajudava e me fortalecia! Mas a situação só foi piorando, a situação não ficou boa não, foi só piorando cada vez mais!

Nesta resposta, Ada revela a lógica do ciclo da violência estruturando o seu casamento. Na fase da tensão, depois que a violência se manifesta e há uma tentativa de retorno à lua de mel, há também uma mobilização afetiva organizada pelo dispositivo-amoroso de gênero nas configurações subjetivas das mulheres em situação de violência doméstica que aciona emoções como saudade e esperança. Aqui é o momento onde Ada, metaforicamente, começou a olhar para as fotos do passado e relembrar o “tempo bom”!

No caso de Ada essa mobilização afetiva, pressagiada no abismo, pode ser identificada em suas configurações subjetivas a partir das articulações emocionais promovidas pelo dispositivo-amoroso de gênero, quando ela faz referência a ideia de reconstrução da relação, expressando os valores euro-cristãos que constituem o amor branco romântico-burguês estruturando a ideia da mulher como a responsável pela manutenção do casamento.

E também promovidas, pelas mobilizações afetivas estruturas, a beira do abismo, pela experiência de trabalho e luta nos tempos das dificuldades materiais e financeiras muito presentes na vida de mulheres e homens negros/as, conectando-os subjetivamente num lugar de força e companheirismo que podem ser constituídos, a partir dos compartilhamentos em comum para seguir em frente, como foi visto na lua de mel.

Infelizmente a relação foi piorando e saberemos mais sobre este momento na próxima fase, a explosão. Sobre a experiência de Nythera na fase da tensão temos pontos em comum e outros bastantes divergentes da relação de Ada. A fase da lua de mel no casamento de Nythera durou cerca de quatro meses, após este período a mesma relatou:

Teve um congresso do nosso curso de graduação em outra cidade e nós fomos. Eu tava tentando marcar uma consulta com um profissional de

saúde que era um amigo e ex-paquera que trabalhava nessa cidade, e aí quando voltamos de viagem em algum momento conversando eu falei que tinha tido uma relação com esse amigo há mais de onze anos atrás e que na época ele tinha um relacionamento estável, e aí pronto! A partir desse dia...antes disso ele já tinha feito, ceninhas de ciúme, como por exemplo, da gente passar em algum lugar, algum homem me cumprimentar e ele perguntar quem é, de onde eu conhecia, se eu já tinha tido alguma coisa, e eu sempre muito aberta e franca, se eu tinha tido alguma coisa eu dizia “tive!” se eu não tivesse tido, eu dizia que “não tive!”, e muitas vezes eu tive! (risos) e eu não hesitava em falar! Até o dia que ele começou a me importunar muito, aí eu disse “você quer uma lista? De quantas pessoas eu já beijei, transei e já fiquei na vida? Com foto e endereço?” Porque assim, eu sempre fui muito tranquila em relação a isso e não tinha nada a esconder...

Podemos observar a partir deste relato de Nyathera que a construção da fase de tensão foi iniciada, a partir do ciúme de Aren que já existia antes dele acessar a informação sobre a intimidade dela naquele momento. A emoção do ciúme é muito presente na violência psicológica e por começar de modo sutil e silencioso, dificilmente a mulher a enxerga como um sinal de violência dentro da relação.

O ciúme de Aren já comunicava que o mesmo performava o masculino branco dominador, a imagem do colonizador que invade e se apropria daquilo que deseja controlar, isto fica perceptível quando Nyathera disse: "antes disso ele já tinha feito ceninhas de ciúme, como por exemplo, da gente passar em algum lugar, algum homem me cumprimentar e ele perguntar quem é, de onde eu conhecia, se eu já tinha tido alguma coisa".

Quando a intensidade do ciúme passa a incomodar Nyathera que disse se sentir importunada e reagir com a resposta: “Você quer uma lista? De quantas pessoas eu já beijei, transei e já fiquei na vida? Com foto e endereço? Porque, assim, eu sempre fui muito tranquila em relação a isso e não tinha nada a esconder”. Aqui estamos diante, mais uma vez, de uma mulher livre, com uma trajetória amorosa, aparentemente diversa e sem os atributos morais próprios dos valores euro-cristãos constituidores do amor branco romântico-burguês.

Nyathera espontaneamente discorreu sobre o que acreditava motivar o ciúme de Aren:

Eu acho que tinha uma insegurança, porque eu era uma mulher muito mais velha, muito mais vivida, digamos assim, em termos de relações. Então de alguma forma é, tipo assim, claro que na época eu não lia assim, mas ele começou a se mostrar muito ciumento, então sempre tinha algum comentário, algum questionamento, ba, ba, ba, e aí a

derradeira foi esse cara! Quando ele soube dessa relação que eu achei que eu já tinha contado, inclusive, quando a gente era amigo, então foi um comentário bem desprezioso eu disse “oxe aquele menino, aquele cara que eu fiquei há dez anos atrás e tal, tal, tal, aquele casado!”, aí pronto o mundo acabou pra ele! A gente teve uma briga terrível!

Para Nyathera havia uma questão etária que perpassava o ciúme de Aren, o etarismo articulado ao sexismo nas configurações subjetivas do mesmo, possivelmente potencializou a insegurança enquanto um homem que performava o masculino branco dominador e centro do universo, diante de uma mulher que rompia com a imagem do feminino branco, puro, ingênuo e responsável pela manutenção da família.

Então, a relação simbiótica e narcísica se rompe, o espelho racha e as sombras emergem na relação. Sobre a “briga terrível” Nyathera discorreu:

Ele me disse coisas horrendas nesse dia...que ele não me respeitava mais como mulher, que eu era uma fraude, que como é que eu tinha me envolvido com uma pessoa rompendo com meus princípios e valores, que ele achava que eu tinha enganado ele, que se sentia traído, nossa! Várias coisas! Aí arrumou a mala dizendo que ia embora, eu fiquei desesperada, chorando muito! E eu ainda né? Fui me justificar que não tinha nada a ver a relação anterior e a existência dele, que não era nada que eu me orgulhasse, mas que também não ia ficar mentindo porque foi relacionado a algo que eu fiz que realmente foi uma coisa inusitada na minha experiência de vida, mas ele me julgou assim absurdamente e eu fiquei destruídíssima! Fiquei péssima, fiquei na “bad”, me sentindo uma pessoa horrível! Eu fiquei arrasada! Porque nossa ele é esse homem incrível né? E aí ele vai embora por conta de uma coisa que aconteceu há dez anos atrás? (Nessa momento Nyathera para e dar um longo suspiro, parece agitada) e aí naquela hora mesmo que eu soubesse racionalmente que não tinha motivos para aquele chique todo eu fiquei muito arrasada, muito!

Nesta briga evidenciou-se a motivação sexista própria do patriarcado branco na violência psicológica praticada por Aren, quando o mesmo expõe em seu discurso o choque entre a imagem de Nythera e a imagem do feminino branco representado pela metáfora de Eva, acusando-a de ser uma fraude, de ter rompido com os princípios e valores, e ter o traído.

Aren, em seu discurso nitidamente fundamentado pelos valores morais euro-cristãos, referia-se a ele mesmo, ao seu ego e expectativas feridas pela quebra da imagem da “senhora perfeita” (Sobonfu SOMÉ, 2007) que ele enxergava em Nyathera, afinal ele era o “senhor perfeito” e ambos formavam o “casal perfeito”.

Nyathera é julgada por Aren e aqui estamos diante da representação do pecado de Eva associado a noção de “mulata” (Lélia GONZALEZ, 1984), onde a mulher negra é vista como a prostituta, a partir do processo de erotização constituído nas configurações subjetivas sociais na cultura ocidental, por meio da expressão do racismo no cotidiano (Grada KILOMBA, 2019). A imagem da mulher negra luxuriosa que destruiu o casamento branco (bell hooks, 1981).

Mais uma vez é possível localizar socialmente Nyathera no lugar da mulher negra que rompe com a imagem do feminino branco patriarcal, e nesta experiência de violência evidencia-se o quanto a imagem de controle da “mulata” com relação a sexualidade das mulheres negras é nutrida pelos valores euro-cristãos. Segundo a autora Winnie Bueno (2020):

Os comportamentos e a sexualidade de mulheres negras serão não apenas utilizados como justificativas para a sua opressão como também como modelos desviantes em relação aquilo que é considerado “normal”, “humano”, “civilizado”. As imagens de controle informam um processo de diferenças que se dá a partir das lógicas do pensamento binário, e a objetificação de mulheres negras enquanto o outro da sociedade é o que organiza o controle. (Winnie BUENO, 2020, p.81)

Sobre as emoções que experienciou durante a briga, Nyathera relatou: “eu fiquei destruídíssima! Fiquei péssima, fiquei na “bad”, me sentindo uma pessoa horrorosa! Eu fiquei arrasada!” sensações muito comuns na vivência da violência psicológica, como pudemos acessar também na história de Ada.

Outra interpretação possível é que neste momento Nyathera também acessou a emoção da culpa, quando a mesma fez uso da palavra “justificar” dentro da organização discursiva, sendo esta palavra um indicador para compreender a decisão da mesma em dar uma explicação a Aren sobre o seu comportamento no passado com medo de perdê-lo, já que ela o qualificava como “um homem incrível”.

Ao qualificá-lo deste modo é possível inferir também, que naquele momento Nyathera hierarquiza a relação com Aren, onde ela passa a ser inferior a ele por ter quebrado com o ideal feminino branco de mulher para casar, passando a ser a prostituta negra destruidora da família. Essa hierarquização também é parte da lógica sexista de poder dentro das relações amorosas constituídas a partir do amor branco romântico-burguês.

Mesmo tendo consciência da ausência de culpa por uma traição que não ocorreu na relação com Aren, Nyathera não deixa de sentir essa emoção em suas configurações subjetivas que associada a valoração que atribuía a Aren, provavelmente colaborou para o rebaixamento da sua autoestima e a sensação de estar arrasada, como disse: “e aí naquela hora mesmo que eu soubesse racionalmente que não tinha motivos para aquele chlique todo eu fiquei muito arrasada, muito!”

Após esta briga, Nyathera relatou que:

aí ele saiu bateu a porta, horas depois ele resolveu ligar para saber se poderia voltar e aí beleza o tempo foi passando essa história foi agravando ele começou a fazer uma espécie de investigação, inclusive, com esse meu amigo que eu havia rompido, ficava juntando, tentando buscar pontos de mentira, tentando encontrar brechas, né? Fez uma varredura no meu computador! Investigou né? Foi buscar conhecido meu, tentar fazer acareação mesmo, de casos e ficava me perguntando quantas vezes eu fiquei com esse e aquele cara e tal, e aí eu não queria falar porque eu já estava tão cansada daquilo tudo e sempre rolava brigas e brigas e brigas! Ofensas! E eu ali né? Até que eu disse “olha se você quiser ficar comigo, o que foi passou não há o que fazer! Então, assim, se você está achando que não vale a pena, termina e ponto! Vai embora”, então a gente ficou um tempo assim né? Nessa instabilidade...

A primeira característica de que o ciclo da violência começa a se expressar no casamento de Nyathera pode ser visualizada a partir deste retorno, onde nem mesmo um diálogo sobre desculpar-se e seguir adiante ela trouxe sobre a volta de Aren para sua casa, o que posteriormente ficará mais evidente em seu discurso. Isto também pode ser constatado através do uso da palavra “agravando”, que serve como um indicador de que a situação iria piorar.

As ações que seguiram após o retorno de Aren para casa, podem ser entendidas como a inauguração da fase da tensão, onde a violência psicológica passa a ser uma reguladora das configurações subjetivas deste casamento.

Ao fazer uma “varredura” no computador de Nyathera, bem como investigar e fazer acareações sobre sua vida amorosa, Aren pratica a chamada “regulação das atividades pessoais” da mulher, acessando sua privacidade pelas vias tecnológicas, como e-mails, rede sociais, etc., buscando ter o controle de sua vida (GEDEM, 2016).

Além disso, as brigas e ofensas recorrentes também se configuram como violência psicológica que tem como características a humilhação, xingamentos e ameaças com o

objetivo de rebaixar a autoestima da mulher. Isto pode ser observado quando Nyathera relata que reagia dizendo: “olha se você quiser ficar comigo, o que foi passou não há o que fazer! Então, assim, se você está achando que não vale a pena, termina e ponto! Vai embora”.

Mesmo agindo em defesa própria, Nythera não decide sair da relação, atribuindo esta decisão a Aren, “se você está achando que não vale a pena, termina e ponto! Vai embora”, o que pode ser interpretado como um sinal desta autoestima baixa e da falta de forças para romper o vínculo, alimentando a lógica de manutenção do ciclo.

Além disso, pode-se inferir que nas configurações subjetivas de Nyathera começa a emergir a imagem, constituída a beira do abismo, da “serva dependente do seu senhor” (Grada KILOMBA, 2019), como vimos também na situação de Ada.

Então pergunto a Nyathera o que ela sentia nesse momento e como as reconciliações aconteciam. Sobre isto, ela relatou:

Ah péssima! Sei lá! Não, na verdade não houve uma ruptura né? Ficou aquela coisa das brigas e aí eu lembro que eu estava fazendo o meu estágio na época, porque eu já estava para concluir o curso, era um inferno! Então, toda vez que eu tava no meu estágio tinha um desentendimento, eu comecei a ter problemas de pressão arterial que eu nunca tive! Eu tinha pressão alta, eu chorava muito, muito entristecida né? E não conseguia falar para as pessoas porque ele era um rapaz muito bem visto! Então só quem sabia o que eu vivia era minha companheira de estágio Orê., porque Orê via a cara que eu chegava no estágio aí perguntava “Mulher o que foi que houve?” aí eu contava e ela ficava sem acreditar! Na época ela dizia “Nyathera não é possível! Aren?” Porque era isso, quem era ele? O músico, o poeta, o estudante que estava se engajando no movimento estudantil, que fazia apresentações e etc. e tal, então foi um ano infernal! Quer dizer, o primeiro ano da relação foi bom até metade do ano!

Contrariando os dados sobre as primeiras manifestações da violência doméstica nas relações amorosas e casamentos, a violência e o ciclo se organizaram em menos de um ano dentro da relação de Nyathera e Aren. Ou seja, o tempo entre a fase da lua de mel e da tensão foi de apenas cinco meses, segundo a participante.

Os impactos à saúde física e mental de Nyathera, também começaram a ocorrer quando a mesma relatou que passou a ter pressão alta, a chorar muito, sentir-se péssima e triste, o que corrobora com estudos que associam a experiência de violência doméstica ao desenvolvimento da depressão, ansiedade, transtornos pós-traumáticos, suicídio, entre outros processos de adoecimento (Mariana PEDROSA e Valeska ZANELLO, 2016).

A percepção da amiga sobre o estado de saúde de Nythera e a opção pelo silenciamento da situação, não só alimentaram a dinâmica da violência psicológica e do ciclo, como mais uma vez acionaram para a importância da mulher que vive nesta situação ter uma rede afetiva de apoio ou a sua comunidade.

Nythera, ao escolher não expor a situação que vivia, sustentava para a sociedade, e mais especificamente, para os grupos sociais em que circulava a imagem do “senhor e senhora perfeitos” ou do “casal perfeito”, preocupando-se mais com a construção da imagem pública de Aren do que com a sua própria saúde que neste momento, já estava nitidamente prejudicada.

Esta posição pode estar relacionada a sua constituição subjetiva enquanto mulher negra que além do aprendizado sobre dar pouca importância às necessidades interiores em nome do cuidado com o outro, também teve no aprendizado sobre a repressão das emoções a noção de controle das situações em nome da sobrevivência, para que os outros não acessem suas fragilidades, instabilidades e situação de vulnerabilidade (bell hooks, 2010).

Aqui podemos estar diante da imagem da “mãe preta” (Lélia GONZALEZ, 1984) que cuida, educa e preserva o legado do seu povo, esta noção pode ter se expressado nas configurações subjetivas de Nythera quando ela demonstra uma preocupação em manter a boa imagem de Aren, um homem negro que mesmo sendo um promotor de violência em sua vida, fora dela, também está sujeito as violências motivadas pelo racismo na sociedade.

Ainda sobre os conflitos que seguiram em curso na relação, Nythera relata a vivência da violência moral em seu casamento, quando Aren a expôs diante da sua família, após descobrir um episódio de traição no casamento de uma parente. Sobre esse momento ela discorreu:

A parente dele acabou descobrindo uma traição, e nossa! Como ele me julgou! A moça ficou péssima! Eu fiquei me sentindo péssima! Aí ele disse “é isso aí ó? Que gente como você faz!” e aí ele contou daquele meu envolvimento, me expôs pra família! E eu me sentindo um lixo! Ali eu me senti um lixo! Quando eu vi o desespero daquela mulher chorando, nossa! Eu fiquei me sentindo uma mulher horrível, uma pessoa de baixo valor, né? Como eu nunca tinha sentido ao longo daqueles dez anos, eu senti uma culpa absurda! Uma vergonha, nossa que vergonha que eu senti! Quer dizer, né? Eu não tinha nada a ver com aquela traição, aquela que estava acontecendo, mas era como se fosse

eu! Eu chorava muito, eu fiquei péssima! Tentando fazer de tudo para confortar a parente dele, que era uma pessoa que eu tinha um apreço, mas acima de tudo com aquele sentimento de culpa, né? De vergonha diante da família dele.

A exposição da intimidade de Nyathera diante da família de Aren, após uma situação delicada vivenciada por aquele grupo se configurou como uma violência moral e também psicológica, já que nesta dinâmica, além da exposição pública ofensiva e humilhante diante de pessoas conhecidas (BRASIL, 2016), alimentou em Nyathera sentimentos de culpa e vergonha próprios da violência psicológica.

Nas expressões das violências moral e psicológica há uma convergência entre a lógica neoliberal do público e privado expressa na dinâmica subjetiva da relação amorosa. Aqui há uma quebra da imagem de Nyathera como a “senhora perfeita” para o grupo familiar de Aren, com o objetivo de causar dor, constrangimento, afastamento e conflitos na relação entre ela e a família dele, no qual é possível identificar que havia algum afeto e intimidade.

Após o relato desta vivência vergonhosa e humilhante, Nyathera seguiu contando como a relação continuou, então fiz alguns questionamentos:

Nyathera: enfim...então isso seguiu, aí chegou uma época que deu uma pausa né? Sempre com uma piadinha, eu acho que depois daquele dia nada mais foi igual... Mas é isso! A gente foi levando, foi levando, foi levando! (Nyathera aparenta certa impaciência)

Flávia: Mas quando você diz assim “foi levando”, como é que as coisas voltavam a ficar, aparentemente, “bem”? Vocês brigavam e aí tinha esse momento de conversar? De reconciliar?

Nyathera: Tinha! Tinha! Ele pedia desculpas, dizia que tinha se excedido, que tinha falado muito alto e que ele ficava muito mobilizado com isso tudo e pedia desculpas, que não queria me ver assim mal, que eu era a mulher da vida dele, blá, blá, blá, né? (Nyathera aparenta impaciência), enfim! E era meio isso aí, tipo eu pensava “poxa é isso mesmo né? Casais têm problemas, a gente vai levando”, mas era bem complicado.

Neste momento fica mais evidente a dinâmica do ciclo onde da fase da tensão o casal busca migrar para a fase da lua de mel, Aren ao pedir desculpas e tentar justificar as suas violações para Nyathera, performa a figura de Adão no momento em que recebe o perdão divino pelos pecados de Eva. Aren no íntimo não se sente responsável pelos problemas que gerou dentro da relação, culpando e responsabilizando Nyathera pelos seus erros.

Aren recorre ao alimento do ego de Nyathera, afirmando ser ela a mulher sua vida uma ação bastante característica do amor branco romântico-burguês, que na lógica narcísica de se relacionar precisa nutrir o ego do outro a partir das máscaras presentes nos tempos do alto da colina, ou seja, da lua de mel.

Ao expressar o pensamento que a motivou a seguir com a relação, Nyathera revela a presença do amor branco romântico-burguês em suas configurações subjetivas, ao expor que pensou nos “problemas de casais”, muito próprio do discurso cristão, que assim como na situação de Ada, serviram de argumento para seguirem mantendo as relações com violência, bem como a estrutura do ciclo como reguladora dos seus casamentos.

Pode-se observar, ao menos no que foi possível acessar através das conversações, que tanto no casamento de Nyathera como no de Ada não havia espaço para o diálogo sobre os problemas vivenciados nem dentro das suas relações e muito pouco fora delas. Evidenciando mais uma vez a dinâmica do ciclo da violência que leva o casal da tensão direto para a lua de mel, sem o tempo de pausa para olhar honestamente e buscar resolver o que geraram aqueles conflitos.

O que chama a atenção para a necessidade do que a autora Sobonfu Somé (1997) nomeou de “ritual”. A presença do ritual dentro das relações amorosas é lida neste estudo, como a importância do diálogo e da quebra com a lógica narcísica das máscaras que mantém o casal no esforço eterno, especialmente as mulheres, para o retorno ao alto da colina ou fase da lua de mel.

Este esforço é feito sem um olhar atento aos problemas que estruturam a relação, sendo mobilizado apenas pelo desejo de reviver os tempos iniciais do relacionamento, alimentando as expectativas e idealizações de parceiras/os perfeitas/as.

Fazer ritual é construir o verdadeiro “espírito da intimidade”, é importante para “manter a paz, para manter os pés no chão, para melhorar a comunicação” (Sobonfu SOMÉ, 2007, p.53). A filósofa africana afirma também que uma relação amorosa sem a presença da comunidade e do ritual corre perigo, rompendo com a lógica neoliberal e cristã que estrutura o amor branco romântico-burguês.

A autora em sua proposição de construção da intimidade põe em xeque o racionalismo branco-ocidental dentro das relações afetivas, afirmando a importância da

exposição e vivência sincera das emoções no momento do ritual. Não se deve usar máscaras, não há necessidade de performances de senhor e senhora perfeitos, apenas a presença do humano em sua integralidade, pois “a mente não sabe sentir, sua lógica não pode satisfazer o desejo do coração” (Sobonfu SOMÉ, 2007, p.66). Em se tratando de pessoas negras, este é um grande desafio, já que existe o aprendizado intenso sobre a repressão e negligência das emoções.

Então perguntei a Nyathera se, nesse tempo ela se sentia verdadeiramente amada por Aren:

Oxe total! Nossa, demais! Muito! Como não né? Era tipo assim, que sensacional né? Sensacional! Era muito bom, era muito reconfortante, e aí foi isso assim, eu acho que foi isso aí por muito tempo, sabe? Aí eu saí da universidade, né? Me formei, comecei a trabalhar, a nossa rotina mudou um pouco, a gente se desgrudou mais e aí nesse percurso ele foi buscando outros grupos, começou a participar do movimento estudantil da faculdade, e eu profissional né? Correndo atrás! E aí beleza, dois anos depois eu passo numa seleção de mestrado em outra cidade, muito por incentivo dele, eu não queria fazer naquele ano, eu me sentia despreparada para fazer e ele assim, muito parceiro mesmo né? Me estimulando, dizendo que eu tinha que ir, que eu era capaz, estudava língua estrangeira comigo que é uma deficiência que eu sempre tive, então a gente estudou muito juntos, ele sempre me apoiando e tal.

Diferente do casamento de Ada, os efeitos do retorno a fase da lua de mel ficam bem visíveis na relação de Nyathera, que desenvolveu com Aren um afeto muito balizado pelo potencial intelectual que ambos tinham e que alimentava a vaidade e o vínculo narcísico entre os dois. Porém, em se tratando de um casal formado por pessoas negras, além da vaidade pode-se inferir que havia uma parceria onde ambos se elevavam e buscavam ocupar espaços que historicamente foram negados à população negra no Brasil.

Assim como na experiência de Ada, onde o trabalho tinha uma dimensão fortalecedora nas configurações subjetivas da relação com Danso, os estudos e a intelectualidade, na relação de Nyathera e Aren, também eram dimensões fortalecedoras das configurações subjetivas do casal.

A partir desses compartilhamentos em comum, destes espelhamentos, estes casais foram encontrando caminhos para a manutenção das suas relações, mesmo em um contexto de violência. E aqui cabe ressaltar o protagonismo de Ada e Nyathera sendo em suas relações íntimas o reflexo do que são as mulheres negras na sociedade brasileira: a base onde se estrutura e sustenta toda a sociedade, performando a beira do abismo as

imagens da “mulata”, “empregada doméstica” e “mãe preta” nas configurações subjetivas sociais deste país.

Voltando ao casamento de Nyathera, com as novas mudanças em sua vida, a relação com Aren também mudou. Sobre esse momento ela discorreu:

Nyathera: Começou a ficar uma discrepância, né? Passei no mestrado em outra cidade e comecei a conciliar mais dois empregos, ficava indo e voltando, eu fiquei aí quase oito meses nessa subida e descida.

Flávia: Só você trabalhava?

Nyathera: Hun rum! Sim! Ele começou a trabalhar a noite, dava aulas, mas era uma remuneração bem escassa, então o “grosso” da dinâmica familiar era eu que arcava e não era um problema pra mim! Porque eu sempre tive essa concepção de que se quem não podia e eu podia? Eu supria as necessidades e no caminho oposto, eu supunha que também seria igual! E aí pronto, foi isso só que eu fiquei muito cansada do trabalho, era muito trabalho mesmo! Muito exausta, eu tenho doença crônica, então eu tava sentindo muitas dores, e as brigas virava e mexia aconteciam, a gente foi se distanciando mesmo, então num dia que eu pude estar em casa, era algum dia especial, eu preparei alguma coisa pra gente comer, avisei a ele, aí ele “ah tô terminando a reunião aqui e tô indo!”, e nesse indo foi dez, onze horas da noite que ele chegou, então tipo assim “Pô, custava avisar?”, aí era bem assim “Ah você está querendo mandar na minha vida!”, aí já mudou o jogo, né?

A esta altura da relação percebe-se que a dinâmica do ciclo segue o fluxo com as brigas frequentes, somando-se a isso um novo elemento passar a compor a sua dinâmica: o trabalho. A experiência do trabalho trouxe grandes impactos para o convívio intenso e simbiótico entre Nyathera e Aren, gerando distanciamento e promovendo mais uma vez benefícios para Aren que além de contribuir menos para as despesas, começou a desenvolver outros vínculos afetivos.

Para Nyathera, além do distanciamento de Aren o trabalho promoveu cansaço, dores, excesso de carga-horária e o lugar de quem provém a família, o que corrobora com as reflexões sobre o lugar do trabalho na vida das mulheres negras, bem como com os dados sobre as mesmas serem em maioria as provedoras de seus lares. Aqui estamos, especialmente, diante da imagem da “empregada doméstica” (Lélia GONZALEZ, 1984).

Sobre o distanciamento e os sentimentos que existiam quando Nyathera investia o pouco tempo que tinha em alimentar afeto na relação, ela disse:

Nyathera: Eu comecei a parar, né? A me distanciar, me sentia péssima! Era como se a coisa tivesse mesmo degradingando ali né? Então era perceptível que a gente estava distante! Em vários níveis. Então a

sensação que eu tinha era como se fosse assim, ele já estava mais ambientado, já tinha alguns recursos, digamos assim, tinha amigos, já tinha algum dinheiro, não mais tinha uma dependência extrema, digamos, daquela relação, inclusive ele ameaçava largar o curso, sair do curso, por questões financeiras e que ele ia embora pra casa da família dele, começar a trabalhar no comércio ou em qualquer lugar! E eu, “não faz sentido! Eu tô ganhando dinheiro e dá pra gente se bancar” e ele sempre com esse argumento e eu dizia “rapaz você é uma pessoa talentosa, um cara capaz, como é que você vai largar o curso? Se você largar o curso, você não volta!”, então a gente começou a ter muitas brigas por conta disso, né? Por conta dessa coisa dele querer largar o curso, mesmo eu custeando todas as despesas, e aí eu lembro de uma briga, em especial, que (Nyayhera revira o olhos para cima e ri) ela chega a ser ridícula! Onde ele falava que eu só queria que ele se formasse para eu poder dizer pro mundo que eu tinha um marido graduado! E aí eu disse a ele, que eu não tinha porquê, até porque eu já era graduada, já estava no mestrado, então ele me acusou neste dia de ser racista, de ser capitalista, porque eu tinha me envolvido no passado com um homem branco com grana, que era aquele cara! Então assim, de uma briga sobre outra coisa ele resgatava essa pessoa né? No meio da história! E eu raramente falava e aí isso levou muito tempo, né? Esses desdobramentos, essas confusões, esse distanciamento.

Neste relato é possível identificar o jogo de manipulação psicológica de Aren. Fazendo jus ao significado do seu nome “águia”, ele enxergava com nitidez as características que compunham a subjetividade de Nyathera e, diferente dela que estava ainda mais fragilizada por conta das vivências de violência, ele aparentemente estava mais fortalecido emocionalmente, por estar mais ambientado, com relações de amizade e dinheiro.

Então para alcançar seus objetivos Aren usava a violência psicológica para potencializar as fragilidades de Nyathera e seguir alimentando a dinâmica emocional do ciclo da violência. Esta interpretação é possível quando em seu relato Nyathera expõe os conflitos envolvendo as questões financeiras como condicionadoras para continuidade dos estudos de Aren e a acusação que ele fazia contra ela quando afirmava que a mesma desejava um “marido graduado”.

Nesta situação, Aren movimenta as emoções da culpa, medo, rejeição, vergonha, entre outras emoções possíveis, nas configurações subjetivas de Nyathera garantindo que a mesma siga sendo sua provedora e ao mesmo tempo acesse novamente a culpa e vergonha por ter tido no passado um envolvimento com um homem casado que além de branco, tinha dinheiro, fazendo ofensas diretas quando a chamou de “racista” e “capitalista”.

Aren, performando o masculino branco dominador ou melhor dizendo, colonizador, com sua prática invasiva, destruidora e controladora, joga com a autoestima baixa de Naythera que amando, a beira do abismo, performa as noções de “mãe preta” e “empregada doméstica” em suas configurações subjetivas, para garantir aquela pouca oferta de afeto em sua vida e ao mesmo tempo colaborar para o impulsionamento social de Aren através da continuidade dos seus estudos.

Aqui podemos estar diante do que o Grupo de Ação e Defesa da Mulher e população LGBTQIA+ (GEDEM) vinculado ao Ministério Público da Bahia (MP-BA), chamou de “teoria do controle coercitivo”, onde a prática da violência implica na destruição da resistência da mulher com o objetivo de controlá-la e fazê-la parecer cúmplice da própria dominação, “usando métodos consistentes e propositais para garantir o controle: coação, ameaças, abuso econômico, inversão de culpa, negação, depreciação” (GEDEM, 2016), entre outras características.

Com a frequência da violação psicológica no convívio com Aren, somada a dinâmica intensa de trabalho Nyathera começou a ter novos impactos negativos em sua saúde que chegaram a afetar o seu desejo sexual, sobre isto ela relatou:

Aí a gente foi se distanciando, o sexo foi ficando cada dia que passava mais escasso, ele começou a me cobrar isso, né? Essa coisa de estar disponível e a fazer muitas, muitas comparações, de que eu tinha disposição pra tudo! Pra ajudar a família, para fazer várias coisas, só não queria transar com ele, mas na verdade eu já tava, além do cansaço, sem muito desejo e eu não conseguia identificar na época, que era por conta da relação que já estava desgastada, eu lembro que eu cheguei a ir na médica ginecologista e ela observou que eu estava com uma baixa de testosterona, e cheguei até a usar um medicamento né? Eu passava um produto pra ver se a testosterona ficava equilibrada! Ele me viu usando o remédio e perguntou o que era e eu falei, aí ele “ah! Mas você não me disse! Que tava com esse problema!” e aí eu disse “é e você não me perguntou! Porque eu fui na médica e você foi incapaz de me perguntar!” aquele cuidadoso, atencioso, era uma pessoa totalmente diferente né?

É comum que com a convivência desgastada e desestimulante por conta alta frequência de violência no cotidiano, as mulheres em situação de violência sintam menos desejo sexual o que corrobora para o desvelamento do caráter relacional entre as emoções e o corpo físico, se configurando como um fenômeno complexo que se expressa de diversas maneiras e que aparece direta ou indiretamente em quase todas as manifestações humanas (Fernando REY, 2004).

Com a nova rotina de trabalho, Nyathera passou a ficar menos tempo em casa e mesmo assim a dinâmica de manutenção do ciclo da violência seguia sendo nutrida. A este respeito, Nyathera disse:

nos dois últimos anos de casamento eu já tinha a sensação de que eu era uma pessoa casada sozinha! Eu era muito dinâmica, ele muito encostado, muito sabe? E aí eu comecei a ser acusada de ser neurótica, porque eu queria fazer as coisas agilmente, coisas básicas do cotidiano como lavar os pratos, limpar a casa, que não tinham mais aquela cumplicidade, em contrapartida quando eu chegava de viagem, às vezes, tinha um jantar todo arrumado, tinham pétalas na escada sabe? Recadinhos, então eu acho que essas coisas acabavam amolecendo né? Quebrava um pouco essa rudeza dos outros dias, então era meio assim "nossa, que encanto, que fofo!". E isso foi perdurando né? E aí chegou uma época que eu já não brigava mais, né? Porque eram tantas brigas, momentos em que eu já não sentia mais força, eu tava tão cansada que eu não queria brigar. Então isso começou a virar constante, né? Essas confusões por qualquer coisa, e aí aquela casa que eu sentia vontade de voltar, já não tinha mais vontade! Foram uns três anos nisso, uns seis meses muito bons e três anos muito idas e vindas, não de ruptura né? Mas de muita briga, muita confusão, bem ciclo da violência né? Com momentos muito bons e aquela esperança de voltar a ser o que era, até que degradingolou de vez, desceu ladeira abaixo!

Aqui podemos observar nitidamente as oscilações entre as fases da tensão e lua de mel que caracterizam fortemente a presença do ciclo da violência no casamento de Nyathera e Aren. Entre brigas, reconciliações e o cotidiano de trabalho intenso, Nythera ia perdendo força e encontrando no silêncio um recurso emocional para evitar os conflitos e a geração da dor que os mesmos lhe causavam.

É possível inferir que este silêncio tem uma íntima relação com as articulações emocionais geradas pelo racismo através da repressão das emoções que é muito evidente na constituição das configurações subjetivas de Nyathera, assim como a centralidade no trabalho.

Desse modo observa-se que a constituição do ciclo da violência nas relações amorosas de Ada e Nyathera se deram pela complexa articulação entre o racismo e o sexismo como fenômenos balizadores de suas configurações subjetivas, tendo na pouca oferta de afeto, contenção das emoções e dinâmica de trabalho uma maior centralidade na busca e condução das relações amorosas, do que toda a centralidade de suas subjetividades e ações organizadas pela busca do amor de um homem que as escolha, a partir do dispositivo amoroso de gênero.

Tal dispositivo constituído a beira do abismo, reforçou nas trajetórias das participantes o não-lugar na prateleira do amor ou a posição “a margem”, onde além da não correspondência estética, também não há uma correspondência das características do modo ser do feminino branco havendo, uma performance deste feminino que articulado às noções ou às imagens de controle a respeito das mulheres negras, potencializaram seus sofrimentos e a manutenção do ciclo.

FASE DA EXPLOSÃO

Tempo de maré baixa e praia seca: os grandes conflitos

“Paixão me fez marinheiro

Fez do meu cais meu saveiro e me navegou

Sai cantando vitória

Tristeza virou história de pescador”

(“Prece de Pescador” – Joviniano Barretto e Roque Ferreira)

Caminhamos agora, para a última e indigesta fase do ciclo da violência: a explosão, aqui a lua está completamente escondida, a escuridão paira no céu, a praia está seca, o mar recuado. É a representação da queda da colina, Adão e Eva foram expulsos do paraíso. Em breve o ciclo seguirá seu curso, a lua voltará a ficar cheia anunciando luz e novas águas.

Os últimos dez anos do casamento de Ada foram movidos pelo ciclo da violência doméstica, especialmente pela fase da tensão. É comum que com a frequência da tensão conflitos mais intensos aconteçam gerando novas expressões de violência. Sobre os últimos quatro anos de casamento Ada relatou:

Ele comprou um carro e depois que ele comprou esse carro, minha filha! A situação piorou...é aquela frase “dê poder ao homem, pra você ver que ele vai mostrar quem ele é!” (Ada põe as mãos nos lados da cabeça e fechar os olhos) a situação piorou mesmo! De uma vez por todas! Ele comprou esse carro e não me falou nada, só disse que ia comprar e comprou! Ele fazia isso, queria comprar as coisas e não me pedia opinião não só dizia que ia fazer e ponto. Eu digo “gente como é que eu convivo com essa criatura há tantos anos, ele vai comprar um carro não me pede opinião, vai e compra assim”, essas pequenas coisinhas sabe? Aquela coisa da água, sabe? Na pedra? Que vai desgastando...aí era isso.

Nesta fala, Ada expõe mais uma vez as movimentações silenciosas de Danso e do quanto este silêncio a fere enquanto alguém que compõem uma relação que denota parceria. A partir da frase: “gente como é que eu convivo com essa criatura há tantos anos, ele vai comprar um carro não me pede opinião, vai e compra assim” pode-se inferir que o silêncio de Danso e as ações de apenas comunicar a Ada decisões que também a envolveriam, expressa falta de respeito e cumplicidade por parte dele.

Danso performando o masculino branco dominador alimenta a lógica do poder patriarcal na relação com Ada, por meio das aquisições materiais o que corrobora com o pensamento de bell hooks (2020) quando afirmou que o patriarcado enquanto um sistema de dominação precisa sempre que exista um lado superior e um inferior, uma pessoa forte e outra fraca para que se torne natural que o poderoso domine o que não tem poder, sendo a manutenção deste poder e controle feita por qualquer meio.

No início do casamento de Ada e Danso era possível enxergar o amor como uma ação de compromisso e responsabilidade, em concordância com as ideias de bell hooks (2020). Com o estabelecimento do ciclo da violência no casamento, o silêncio e a autonomia de Danso para tomar decisões que interferiam na dinâmica da relação com Ada, bem como a violência psicológica praticada por ele, refletiam o rompimento desta vivência do amor como ação.

Sobre esta falta de diálogo e o modo silencioso como Danso se expressava na relação, Ada discorreu:

Ada: Eu sempre fui uma pessoa que falava o que tava gostando e o que não tava gostando, conversava com ele mesmo, várias vezes! Eu pedia pra conversar, às vezes, eu até me humilhava, eu achava bem humilhante as coisas que eu fazia, eu pedia a ele pra conversar, eu começava a conversar e ele começava a andar, eu pedia a ele pra sentar pra gente conversar, ele dizia “ah pode continuar que eu tô ouvindo”, né? Muitas vezes não respondia as perguntas que eu fazia, entendeu? Aí eu me achava bem assim, numa situação bem humilhante né? Eu fazia de tudo pra chamar a atenção dele, sabe? Aí quando eu falava, falava, falava, que eu via que ele não falava nada o que era que eu fazia? Reagia, tacando alguma coisa, indo em cima dele

Flávia: E qual era a reação dele?

Ada: Às vezes ele reagia, segurava no meu braço né? Às vezes não, ficava rindo dizendo que eu tava doida, que eu tava louca! Era assim que ele falava aí que me irritava ainda mais, sabe? E aí eu começava a chorar, sempre eu acabava chorando! (Ada fala num tom de desaprovação e ri ironicamente) por quê? Porque a conversa não adiantava, eu “taca-lhe” as coisas não adiantava! O choro me

acalmava...eu chorava, chorava, chorava, depois eu me acalmava e depois eu tinha que me consolar sozinha, sempre foi assim! Aí no outro dia eu tô um caco! Eu já tive muitas brigas assim com ele sabe? De meu físico no outro dia, eu tá toda dolorida, cheia de dores sabe? Parecia que eu tinha tomado uma surra! Mas era porque eu me desgastava demais e ele não tava nem aí!

O silêncio nitidamente proposital de Danso, mobilizava nas configurações subjetivas de Ada a emoção da humilhação que está intimamente ligada a emoção da vergonha, isto pode ser inferido a partir do indicador “eu me achava” dentro da frase onde ela disse que se via em uma situação humilhante, sendo esta mais uma circunstância que caracteriza a violência psicológica. Sobre a emoção da vergonha Gershen Kaufman e Lev Raphael, s/d apud bell hooks (2020) disseram:

É a emoção mais perturbadora que experimentamos diretamente em relação a nós mesmos, pois no momento da vergonha nos sentimos profundamente divididos internamente. A vergonha é como uma ferida provocada por uma mão invisível, uma reação à derrota, ao fracasso ou à rejeição. No mesmo momento em que nos sentimos desconectados ao máximo, desejamos abraçar a nós mesmos mais uma vez, nos sentirmos restaurados. A vergonha nos divide de nós mesmos, assim como nos separa dos outros, e, porque ainda ansiamos pela união, a vergonha é profundamente perturbadora. (Gershen KAUFMAN, Lev RAPAHEL, s/d apud bell hooks, 2020, p.257)

É possível identificar que as emoções da vergonha, rejeição e humilhação são movidas nas configurações subjetivas de Ada a partir do silêncio e da indiferença que Danso demonstrava ao ignorar a sua fala e a sua existência sendo esta uma maneira de violentar psicologicamente. O dispositivo-amoroso de gênero articulado à imagem racista da “serva dependente” ou da “empregada doméstica” movimentava Ada a insistir em ações humilhantes em busca de ser ouvida, acolhida e amada.

A reação com violência física as ofensas verbais e ironia de Danso reforçava ainda mais o lugar de “louca” que Ada já experimentava desde a fase da tensão, desta vez podemos identificar que Danso, também reagiu a esta violência segurando firme o braço dela, podendo ser identificada nesse momento a “explosão” da tensão que perdurava desde os conflitos mais antigos onde, aparentemente, Danso não reagia da mesma maneira.

É possível notar os impactos à saúde mental e física de Ada quando fez referência ser “a louca” e às dores que sentia no corpo ao ser ignorada por Danso. O choro, mais uma vez, apareceu como um recurso emocional para acalmá-la e se restaurá-la de alguma maneira à violência sofrida, sendo esta reação orgânica promovida pelas emoções

sentidas no momento do conflito. O consolo a si mesma dialoga com o “abraço de si mesmo” a partir da sensação de vergonha, como afirmou bell hooks (2020).

As emoções de vergonha e humilhação estavam intimamente ligadas às da tristeza e infelicidade que Ada vivia naquele momento. As sombras de Adão e Eva estão totalmente visíveis um para o outro, o espelho de narciso se quebrou. Sobre os seus sentimentos e a decisão de manter-se na relação Ada disse:

Meu sentimento primeiro era de arrependimento, sabe Flávia? Porque assim, como eu te falei eu comecei a namorar com ele na base da pressão né? Todo mundo dizia “a Ada ele é um menino bom, todo mundo conhece a família dele” e aí eu ficava naquela né? Porque a minha família sempre me via como “ah! Ada é isso, Ada é aquilo” e eu não queria também decepcionar a minha família (Ada põe a mão nos olhos, faz uma expressão de dor) “gente eu não acredito que eu fiz isso comigo!”, eu conversei até com um dos líderes da Igreja e eles me perguntaram se ele chegava a agredir fisicamente e eu disse que não, mas que psicologicamente sim! E aí eles apoiaram a minha separação. Mas eu pensei muito na minha família e aí eu não queria me separar por isso, mas é um sentimento mesmo de arrependimento de passar tanto tempo com uma pessoa, de pensar nas dificuldades que a gente passou, tanta coisa! Eu pensava "ele pelo menos poderia olhar pra isso!", né? E ele nunca olhou, ele nunca me respeitou! A gente fica frustrada! Fica se sentindo a pior das mulheres, sabe?

Nota-se a lógica da manutenção do ciclo da violência bem presente neste trecho, onde Ada fez referência ao passado, as dificuldades que viveram juntos, ao tempo onde viviam a lua de mel, da esperança e expectativa de que a relação voltasse a ser prazerosa e estivesse novamente no alto da colina. Sendo a esperança esta emoção mobilizadora do dispositivo-amoroso de gênero organizado pelo amor branco romântico-burguês, nas configurações subjetivas de Ada colaborando para sua permanência no ciclo.

Chama a atenção o acolhimento da Igreja para a situação de Ada, já que no Brasil 40% das mulheres em situação de violência são evangélicas (GELEDÉS, 2016) contradizendo os dados e também o discurso patriarcal euro-cristão que fundamenta a existência das Igrejas, se configurando como um espaço de acolhimento para Ada.

Importante destacar, mais uma vez, que em se tratando de uma mulher negra a centralidade do dispositivo amoroso na figura masculina perde a força como sendo principal aspecto impulsionador, articulando-se com outros aspectos de força centralizadora. No caso de Ada, a família pode ser vista como um indicador desses outros aspectos centrais em suas configurações subjetivas.

Ao citar a decisão de casar-se com Danso e de manter-se com ele por medo de decepcionar a família, onde a mesma ocupa o lugar da “diferente” como já mencionou anteriormente, fica bastante evidente que a subjetividade de Ada é regulada pelo desejo de aceitação e oferta de afeto por parte da sua família, performando mais uma vez a imagem da dependente, infantilizada e serva assexuada (Grada KILOMBA, 2019).

É possível identificar também a repressão das emoções em nome do cuidado e bem-estar do outro, e assim como na trajetória de Nyathera, esta repressão tem relação profunda com o desejo de ser amada, já que na trajetória de mulheres negras a ausência ou pouca frequência de amor é bastante comum (bell hooks,2010).

Aqui também chamo a atenção para a experimentação da emoção do auto-ódio. Numa dinâmica subjetiva onde mulheres negras aprendem a negar os próprios sentimentos, a não se amar, a não se priorizar e a estar sempre a serviço do outro, seja para cuidado ou para o trabalho. Como é possível constituir-se enquanto sujeito seguro e amoroso num contexto social que te ensina o contrário e com isso promove a sua desumanização?

Como não aprender a se odiar num território que hostiliza, violenta e mata corpos como os seus todos os dias, de diversas maneiras? A possibilidade de construção de afeto e família a partir das relações afetivo-amorosas, que nos foi tirado pela colonização, pode ser uma possibilidade de futuro distinto para muitas de nós, rompendo com a lógica do abismo. Porém na visão deste estudo, para que isso aconteça as referências culturais sobre amor e relacionamento devem ter maior conexão com o lugar de onde viemos.

Retornando ao casamento de Ada, um novo elemento passa a compor o convívio violento entre ela e Danso, o álcool. Sobre isto ela discorreu:

O carro parece que deu poder a ele, porque ele saía pra outros lugares, chegava a hora que queria, e o carro possibilita isso, né? Tem mais amigos, essa coisa toda! Mas ele começou a beber demais depois do carro! Depois do carro ele virou um alcoólatra! E aí, teve um evento que a gente foi uma vez e ele tava bebendo, eu tinha medo! Eu não entrava mais naquele carro de jeito nenhum, já tinha meses que eu não andava com ele porque eu tava com medo, eu já passei por umas situações que eu fiquei com trauma mesmo de sair com ele bebendo! Aí no dia desse evento na volta eu disse “criatura vá mais devagar!” quanto mais eu falava essas coisas aí que ele aumentava a velocidade, pulava quebra-mola, aí quando chegamos em casa eu comecei a brigar! Eu disse “eu não acredito! É por isso que eu não quero sair com você! Você chega nos lugares e fica bebendo, na volta eu fico com medo de andar com você, porque você corre, pula quebra-mola, pensando que

você é o bam-bam-bam que tá no volante!”, e aí a gente brigou mesmo, sabe? Nesse dia a gente brigou bastante, e ele já tava bebendo, né? Eu lembro que nesse dia eu fui em cima dele por causa de alguma coisa, ele veio em cima de mim e me empurrou, aquela coisa bem violenta mesmo, nesse dia foi brabo!

Neste relato fica evidente o que se chama de fase da explosão na relação, que é quando outras manifestações de violências começam a acontecer ou a ocorrerem com maior intensidade. Além da violência psicológica que Danso praticava ao amedrontar Ada aumentando a velocidade do carro e passando por cima dos quebra-molas, ao chegarem em casa seguiram com o conflito que culminou na violência física.

Estas duas violências não eram novidade na dinâmica do ciclo dentro do casamento de Ada e Danso, porém com o uso abusivo de álcool por parte dele os riscos de danos e potencialidade da violência poderiam ser maiores, além de ser bastante comum a presença do uso abusivo de álcool por parte de quem pratica a violência dentro das situações de violência doméstica (BRASIL, 2016).

Seguindo com a escuta atenta, perguntei o que mais acontecia e deixei Ada à vontade para não falar se não quisesse, então ela seguiu:

Ô Flávia, eu tava muito infeliz com esse casamento! Tava muito infeliz em todos os sentidos, tinha dias que eu não queria fazer mais nada, sabe? Tinha dias em que várias vezes eu pensava em sumir pra ninguém mais me ver! Eu não tinha vontade de fazer nada! Às vezes eu não tinha vontade de fazer comida, aí que me dava um respiro e eu pensava, “mas eu preciso estudar!”, pelo menos estudando é um futuro que eu vou ter alguma coisa, eu tenho que estudar! Mas como é que eu vou estudar se eu não tô com cabeça pra estudar? Era um conflito terrível! Eu chorava! Tinha finais de semana que eu passava chorando demais, porque eu já sabia que quando ele chegasse ia ser tarde e aquele ciclo sabe? Aquele ciclo de chegar bêbado...eu lembro uma vez que eu tava conversando com meu colega no telefone e ele chegou bêbado como sempre, tomou o celular da minha mão e botou o celular no ouvido, e meu amigo lá falando e ele ouvindo e eu sem saber o que fazer sabe? Aí meu amigo lá conversando e ele só escutando, aí quando ele viu que não era nada demais ele devolveu o celular, aí eu também não falei nada! Eu fiquei com medo nesse dia, claro né? Eu não disse nada, aí no outro dia eu fui “vem cá quem você pensa que é? Que moral você tem? Você fica aí de conversinha no celular com mulher casada, de mulher com namorado, pessoas do seu ciclo, e você vem pra cá pegar o meu telefone com o meu amigo?”

Novamente nos deparamos com os efeitos danosos a saúde mental e física das mulheres que sofrem com a violência doméstica, em concordância com dados e informações já apresentados, a forte presença da violência psicológica deprime as mulheres, compromete o sono, a alimentação e muitas vezes as leva ao suicídio, tendo a

emoção do medo como mais uma nova experiência nas configurações subjetivas de Ada, sendo a mesma articulada a geração da emoção angústia e paralização.

Outra violência presente é a patrimonial, que pode ser identificada quando Danso toma a força o celular de Ada retendo um objeto pessoal pertencente a mesma. Mais uma vez ele também pratica a violência psicológica ao invadir a privacidade de Ada e intimidá-la com a força e surpresa da ação, gerando novamente medo. E mesmo optando pela paralização Ada, decide no outro dia questionar Danso sobre esta ação.

É possível identificar as contradições nas ações de Ada, que ao mesmo tempo questionava e muitas vezes utilizava da violência física como reação às violações de Danso, mas não tinha essa mesma força reativa para decidir romper a relação que a fazia infeliz.

Tais contradições nos remete novamente às articulações de gênero e raça em suas configurações subjetivas, onde em nome do amor branco e cristão movimentado pelo dispositivo amoroso e da imagem subserviente da “empregada doméstica” em sua subjetividade, Ada opta mais uma vez por sacrificar a si mesma em nome de um outro, que neste caso seria a sua família e não o companheiro em si.

Outro importante recurso emocional encontrado por Ada para seguir resistindo a convivência difícil foram os estudos. Apesar da fragilidade e grande tristeza que vivia, os estudos eram nas configurações subjetivas de Ada, geradores de sentido de futuro, possibilidades e esperança, mesmo que apareçam balizados pela lógica racial da sobrevivência material e não necessariamente de um investimento em si mesma.

Isto pode ser visualizado a partir do indicador “eu vou ter alguma coisa” dentro da frase “pelo menos estudando é um futuro que eu vou ter alguma coisa” que articulado a trilha intensa de trabalhos precarizados ao longo da vida de Ada, pode aparecer com esta conotação de sobrevivência material, bem mais que o desejo por um caminho acadêmico e intelectual como era o caso de Nyathera.

A tensão na convivência ficou ainda maior até que Ada decidiu romper com o ciclo, sobre esse momento ela discorreu:

Flávia: E aí você foi levando, foi levando e aí essa decisão?

Ada: Até essa decisão! Porque ô Flávia eu não tava suportando mais não! Eu acho que se eu passasse mais uns seis meses com aquele homem eu ia enlouquecer! Aí teve um dia que ele chegou, eu estava dormindo, ele chegou na porta e falou alguma coisa e eu acordei assustada! A minha reação só foi chorar mesmo, né? E ele ficou rindo! Aí simplesmente ele disse “ô porque você não fechou a porta?”, aí eu disse “ô criatura você não sabe que eu não gosto de dormir com a porta fechada, só durmo com a porta aberta?”, aí ele “a aí agora você fica chorando?”, ô Flávia, engraçado, eu já te falei né? Que várias vezes eu chorei quando eu via que ele não ia ter reação nenhuma, a minha reação era chorar e várias vezes eu já chorei na frente da criatura! E a criatura ria da minha cara, ele fisicamente nunca fez nada comigo, mas psicologicamente ele acabava comigo! Já pensou você chorando na frente da pessoa e a pessoa rindo da sua cara? Dizendo assim, eu não tô acreditando que você tá chorando! Tipo assim, sabe? Afff ele me machucou demais!

Danso criava um clima de tensão, terror e desrespeito na vida de Ada a partir da violência psicológica, com uma série de ações que a ameaçavam e assustavam, potencializando a expressão das emoções do medo, angústia e vergonha nas configurações subjetivas de Ada.

O choro aparece em cena como o recurso de escoamento do medo e constrangimento diante de Danso, que ao rir e debochar da reação de Ada expõe o aprendizado sobre a repressão e negligência das emoções muito presentes dentro da comunidade negra, especialmente entre os homens sob a lógica sexista que estrutura as masculinidades.

Isto é possível de acessar a partir da negação do choro de Ada na frase: “eu não acredito que você tá chorando!”, após tê-la assustado, sinalizando para este aprendizado que diante da dor deve-se silenciar, resistir e até mesmo debochar e potencializando a dor de Ada através desse discurso.

Além disso tais ações também colaboraram para o rebaixamento da autoestima de Ada que ao ter consciência da própria vergonha e situação de humilhação, se culpava pela dor que sentia e pela noção de que não deveria estar vivendo naquele contexto, uma sensação muito comum em mulheres em situação de violência.

A paralisação gerada pelo medo da violência de Danso e da rejeição e desaprovação da família foi levando Ada a manter-se no ciclo da violência, até que a mesma teve a oportunidade de fazer psicoterapia e nesse processo decidiu interromper o ciclo ao qual estava imersa. A este respeito Ada relatou:

Flávia: E o que foi te motivando a sair da relação? A pedir a separação?

Ada: Primeiro a terapia me ajudou muito, viu Flávia? A terapia me ajudou muito e assim eu comecei a perceber que se eu não tomasse uma atitude eu ia ficar doente! Porque eu já tava mesmo quase um zumbi! Tava quase um zumbi mesmo! Aí foi isso que me levou a tomar essa decisão.

Flávia: Sim...e como é que estão os sentimentos agora?

Ada: Agora eu me sinto bem melhor Flávia, eu te digo mesmo, eu me sinto bem melhor! Bem melhor, pra mim está sendo ótimo! Você tendo paz, sabe? É a melhor coisa! Você poder dormir e não ter que ficar pensando, sabe? Com aquele medo, assustada, é a melhor coisa né? E agora eu te digo que meu sentimento é de paz, de tranquilidade, sabendo que não tem uma pessoa que tá ali e que a qualquer momento você não sabe a reação da criatura, porque sinceramente eu tinha medo disso também! Porque ele era uma pessoa sempre calada e eu ficava “sei lá o que é que vem de lá”, pelo menos ele nunca foi de me agredir fisicamente, mas eu sei lá! Devido às situações, ele bebendo, sei lá o que é que poderia acontecer! Eu já estava ficando tensa, eu não conseguia dormir direito! Às vezes eu ia dormir, duas, três horas da manhã, esperando ele chegar pra ele dormir, pra eu dormir, né? E aí ficava pensando nos finais de semana como que iria ser, aí eu digo “mais um final de semana que eu vou passar por isso!”, mas agora não! Agora é sentimento de paz, sabe? De tranquilidade e de esperança também! De esperança, sabe? Eu tenho esse sentimento!

Outra contradição possível de ser identificada nas configurações subjetivas de Ada, é a negação da violência física praticada por Danso e por ela também. Mesmo não havendo uma frequência alta, houve episódios de violência física o que também corrobora com a noção de que enquanto não houver este tipo de violência não existe a violência doméstica no casamento ou relação, enquanto a presença da psicológica é tolerada, mesmo quando a mesma produz uma série de danos físicos e emocionais para a saúde da mulher, podendo até mesmo levá-la a morte.

A importância da psicoterapia no processo de Ada traz um importante destaque sobre os cuidados profissionais necessários à saúde mental da mulher que está ou já esteve em situação de violência doméstica. Não sendo a única possibilidade, mas de extrema relevância no processo de elaboração das vivências com violência, acolhimento, fortalecimento da autonomia e promoção da saúde mental.

Sobre a importância da psicoterapia Fernando Rey (2005) fala sobre ser um espaço de desenvolvimento de novos sentidos subjetivos que só são possíveis quando o paciente tornar-se sujeito da situação que vive, fazendo uma análise crítica sobre esta vivência, e assim ser capaz de gerar novas emoções e processos simbólicos para o seu desenvolvimento subjetivo e recuperação da saúde.

É possível inferir que Ada recobra a consciência de que para além do trabalho, estudos e apoio religioso, o investimento nos cuidados sobre a sua saúde mental deveria ser prioridade para que tivesse, inclusive, melhores condições para exercitar tais funções.

Poder falar, ser ouvida e acolhida em seu processo psicoterápico certamente elevou e fortaleceu a autoestima e autonomia de Ada para os cuidados consigo e a noção de que mesmo sem o acolhimento da sua família, ela tinha o direito de viver sem violência, sobretudo de amar a si mesma e continuar a sentir esperança.

Já sobre o percurso do casamento de Nyathera pela fase da explosão, ela relatou:

Eu acho que a gente foi vivendo esses movimentos de tentar repor alguma coisa que tava muito legal no começo, né? Foram só alguns meses bons, depois né? Quase quatro anos assim, sempre com brigas! Era muito recorrente esses episódios, essas cenas de ciúme, então era assim, uma pessoa que a gente encontrasse na rua, qualquer homem que a gente encontrasse na rua, que falasse comigo de um modo mais empolgado né? Um amigo, que fizesse qualquer menção, “oi Nyathera! Como é que vai?”, já era um motivador para os questionamentos! Se eu já tinha namorado, se eu já tinha ficado, se eu já tinha transado, quantas vezes eu fiquei, quantas vezes eu transei, se eu transei na primeira vez que eu encontrei a pessoa, então era um inquérito! Houveram situações da gente sair, encontrar uma pessoa e eu falar com a pessoa e ele fechar a cara, fazer um escândalo! E eu lembro de uma situação em específico em que ele foi extremamente grosseiro comigo, né? De dizer que se fosse pra continuar com a minha vulgaridade, com a minha putaria, com a minha baixaria, que eu rompesse com ele, tipo assim, simplesmente eu tinha cumprimentado a pessoa!

Com a fase da tensão já instaurada na relação de Nyathera e Aren, com o passar do tempo a intensidade dos conflitos aumentaram, as oscilações entre momentos bons e ruins, ou de retorno a lua de mel eram cada vez menores, corroborando com as afirmações já expostas sobre o aumento da frequência da violência durante o ciclo quanto mais o tempo passa. A esse respeito o “Balanço 180” de 2016, constatou que a frequência da violência é muito alta em 71,10% dos casos.

O sexismo e misoginia que balizam as emoções do ciúme e controle nas configurações subjetivas de Aren, se tornam ainda mais evidentes nesse momento da relação onde, além da importunação e invasão a privacidade de Nyathera ele reage com ofensas e acusações a sua integridade moral, bem como aparenta mais agressividade nesta exposição. Esta inferência pode ser feita a partir do indicador "escândalo" usado por Nyathera na frase, ao descrever o comportamento do mesmo.

Esta postura moralista, sexista e controladora de Aren, contraditoriamente, entra em xeque quando Nythera descobre um contato dele com outra mulher, sobre isso ela discorreu:

Uma vez, e eu lembro disso com uma certa nitidez, ele recebeu uma foto de uma menina, uma foto da vagina dela! Sim ela fez uma, como é que chama? Uma depilação diferente eu não sei o nome que dá, depilação com desenho! E ela mandou pra ele e eu vi na hora! Porque foi uma mensagem tipo messenger né? No computador e obviamente que aquilo me chamou a atenção! Porque assim né? Ô era uma o quê?! Aí eu perguntei do que se tratava e ele falou, mas inicialmente negou que já tinha tido um lance com essa moça, mas já tinha tido e depois de um tempo ele admitiu, e obviamente né desqualificou essa mulher, que era uma louca, ou seja, a mulher louca né? E que tinha problemas psiquiátricos e blá, blá, blá! Então, era tipo assim ele recebia uma foto de genitália de uma outra mulher e eu simplesmente “dizia oi, como vai?” a um homem, e o meu “oi, como vai” era lido como um frete!

Quando exposto em sua contradição Aren recorre novamente ao controle coercitivo a partir da violência psicológica e reverte a situação a seu favor, praticando misoginia contra outra mulher a partir desta mesma violência, a qualificando como louca e com problemas psiquiátricos. Tal discurso tem a forte marca da cultura ocidental, que associa os homens a racionalidade e as mulheres a insanidade e loucura (Elaine SHOWALTER, 1987 apud Valeska ZANELLO, 2018).

Após a ação explosiva de Aren, organizada pela expressão da violência psicológica a partir do uso das palavras, aconteciam as reconsiderações por parte de Nythera, dando continuidade ao ciclo e retornando a fase da lua de mel. É possível identificar essa afirmação a partir deste relato:

Então isso era muito recorrente, muito frequente, né? E aí vinha aquela coisa mesmo do ciclo! Depois “ah desculpa, não era bem isso, fiquei nervoso”, o pedido de perdão que aquilo não ia acontecer! Então o que era isso senão amor né? Enfim, e aí ao passo que tinha essas demonstrações desrespeitosas que me deixavam chateadíssima! Vinham outros movimentos do tipo publicar uma poesia numa rede social, ressaltando o quanto eu era incrível, eram vários poemas, às vezes, eu chegava cansada do trabalho aí tinha lá um jantar né? Preparado por ele, com decoração de coraçãozinho, essas coisas bem assim, romantiquinhas, né? E ficava nessa oscilação.

Além da dinâmica cíclica de transição da fase da tensão para a lua de mel é possível identificar a concepção de Nythera sobre amor, fundamentada pela concepção do amor branco romântico-burguês quando através dos indicadores: “Então o que era isso senão amor?” e na palavra “romantiquinhas” fica visível a relação desta concepção com

a descrição feita por Nyathera sobre as ações de amor de Aren como as declarações públicas de afeto, os poemas, produção do jantar, sempre após um grande conflito.

O que contradiz a resposta de Nyathera sobre o amor em seu complemento de frases, já que nesta resposta ela não faz nenhuma alusão ao romantismo ou a ações que são geralmente lidas como românticas, mas que aqui ela faz relação e dentro de uma dinâmica de violência, que é possível afirmar ser a grande característica do amor branco romântico-burguês, a busca eterna pelo prazer da lua de mel, sem um comprometimento e responsabilidades reais no cotidiano que por consequência resultam em conflitos e ações violentas.

A falta desse compromisso e responsabilidade tem em suas bases o individualismo próprio da lógica narcísica desta maneira de amar, que ao se deparar com dificuldades geradoras de conflitos decide por não os enxergar, por não querer resolvê-los em nome do próprio ego. Neste modo de amar o outro é uma posse, uma propriedade que precisa se movimentar ao gosto de quem domina, sendo esta a expressão colonizadora do amor branco romântico-burguês.

O ciclo da violência doméstica, na visão deste estudo também poderia ser intitulado como o ciclo do amor branco romântico-burguês, sendo este a base fundamentadora da violência que se expressa de diversas maneiras dentro das relações afetivo-amorosas, sempre em busca deste ideal perfeito, racional, universal de ser uma pessoa e parceiro/a afetivo/a com base no berço cultural europeu. Uma maneira de amar extremamente invasora, centralizadora e controladora, características próprias do processo de colonização.

Retornando aos relatos de Nyathera, com a intensidade da violência e a rotina de trabalho, ela discorreu:

Eu tinha que fazer tudo, organizar tudo, né? Ver as coisas de casa, ver as coisas dele, ver as minhas coisas e ainda ter tempo e disposição pra transar, pra escrever textos e ainda ficava fazendo comparativos com a Nyathera que eu podia ser com a Nyathera que eu era, né? Que eu não queria fazer mais nada! E eu acho que eu fui integrando, né? Eu acho que juntou tudo! Meu cansaço físico, meu cansaço mental, meu desgaste de subir e descer de viagem, e ainda voltar pra casa e não ter um acolhimento, né? Porque era só julgamento, crítica e cobrança! E não havia mais aquele lugar de apoio era muita demanda! Eu tinha que ler o que ele escrevia, quantas vezes eu chegava exausta, queria dormir e fui acordada? Tipo onze e meia da noite que ele tinha um trabalho pra entregar da faculdade no dia seguinte e queria a minha apreciação? Isso

aconteceu várias vezes! Quando na verdade eu estava produzindo também, e ele nunca lia nada, ele só veio ler minha dissertação quando ela estava em finalização para entregar, mas não neguei né? Em ser esse apoio, eu acho que esse é um ponto que eu preciso tocar...eu não tinha esse apoio, mas eu dava! Continuei a dar! Eu acho que era tanta lamúria, minha mãe hoje diz assim “você ficou com ele por pena”, minha mãe diz isso! “Você ficou com ele porque ele estava perto de se formar! E você não queria que ele não se formasse!”, né?

Ao expor o cansaço relativo aos três contextos desgastantes de trabalho, estudos e convívio abusivo com Aren que, além de tudo também não respeitava o sono de Nyathera, temos mais uma evidência dos danos à saúde física e mental da mesma, sendo possível afirmar o quanto estes danos impactam na permanência da mulher na situação de violência doméstica.

Lembrando que a boa saúde é construída na “qualidade dos processos de vida” (Fernando REY, 2011, p.19), e esta qualidade visivelmente foi sendo perdida nas vidas de Ada e Nyathera ao longo da convivência com seus ex-parceiros durante os tempos de casamento.

Importante destacar a leitura consciente que Nyathera faz da sua posição na relação, quando ela disse “mas não neguei, né? Em ser esse apoio” e no restante do seu raciocínio, temos um indicador desta consciência que denota a responsabilidade dela enquanto sujeito ativo na relação, que fez escolhas, mesmo sob o impacto da violência em suas configurações subjetivas.

Por mais delicada que seja esta avaliação, não pode deixar de ser feita, já que existe alguma autonomia e poder de decisão da mulher na relação, e do quanto esta mesma posição pode levá-la a em algum momento a romper com o ciclo, por esta razão nos referimos, preferencialmente, as mulheres que sofrem violência como uma vivente da situação, como sujeito ativo e não como “vítima”, denotando a ideia de passividade e anulação.

Neste relato também podemos identificar o quanto é significativo na constituição subjetiva de Nyathera o lugar do trabalho e dos estudos, numa lógica de sobrevivência e do prover aqueles que fazem parte de sua rede afetiva, já que em um outro momento a mesma afirmou que sempre pensou “o que é meu é de todo mundo” sendo mais um indicador da expressão das noções de “mãe preta” e “empregada doméstica” presentes na trilha subjetiva de Nyathera e tantas mulheres negras no Brasil.

Destas noções existe aqui, especialmente, a lógica do cuidado com o outro, da oferta de afeto e bens materiais para os outros e a negação ou falta de exigência deste cuidado para si mesma. Aren podia acordar Nythera a qualquer hora da noite para sanar suas questões com relação aos estudos, mas não fazia o mesmo por ela que também estava em processo de produção acadêmica e também não o exigia esta reciprocidade.

Não havia o compromisso e responsabilidade, por parte de Aren, que o amor como uma ação e não apenas um sentimento, exigiria segundo as ideias de bell hooks (2020). Esta mesma autora também afirmou que a presença da emoção do egoísmo dentro das relações amorosas é um dos aspectos que as levam a fracassar, pois há um diálogo com a recusa da existência do outro e a necessidade de doação para esse outro dentro da relação.

Infelizmente, chega o momento em que outras violências se expressam na relação. Nythera fez um longo relato sobre um evento em outra cidade onde havia familiares e amigos de Aren, e que ela havia ido como sua acompanhante por insistência do mesmo.

Durante todo o evento Nythera ficou isolada e deslocada enquanto Aren passou todo o tempo interagindo com um amigo. Então, surge a oportunidade de Nythera dar carona a uma familiar de Aren e nesse momento ela decide ir embora direto para a casa da família dele, onde estavam hospedados.

Ao noticiar a Aren que não voltaria para festa eles acabam discutindo e o mesmo decide entrar no carro, acompanhando-a durante a carona. Após este momento quando chegam em casa a discussão entre os dois se intensifica e então ela decide voltar para a cidade onde moravam. Sobre esta situação, Nythera relatou:

Aí cheguei na casa da família dele pra poder pegar minhas coisas, isso pra lá das onze horas da noite! E a briga começou a se intensificar, ele segurou meu braço, tomou a chave do meu carro da minha mão e disse que eu não iria sair dali! Aí eu enlouqueci mesmo! Comecei a gritar! Pra ele devolver “a banana” da minha chave! Que o carro era meu! Que eu tinha o direito de sair dali e ele continuou segurando meu braço, aí eu disse “você tá me machucando!”, ele apertou pra eu soltar a mão, né? Pra chave cair! Então ele escondeu a chave do meu carro, não deixou eu sair e eu comecei a gritar! Ele ligou pra um familiar para que fosse lá me impedir de sair! Eu só conseguia chorar e sentir raiva, eu pensei que eu ia dar um troço, a família dele tomou um susto né? Porque nunca me viram naquele estado, um parente disse “calma Nythera!” e eu falava “calma uma banana!” e outros nomes que eu não vou reproduzir aqui, eu fiquei muito exaltada! Muito nervosa! Com vontade de ir embora, com vontade de sumir daquele lugar, de não olhar pra cara dele nunca mais! E ele me prendeu ali!

É possível identificar aqui a violência física quando Aren segura com força o braço de Nyathera, machucando-a, a violência patrimonial quando o mesmo retém a chave do carro que não o pertence, escondendo-a. E mais uma vez as violências psicológica e moral tanto nas ofensas que depois passaram a acontecer diante da família de Aren, quanto na privação de liberdade de Nyathera ao impedi-la de viajar e ainda envolver terceiros nesta ação.

Aqui estamos diante da fase da explosão onde além da intensa expressão das violências já recorrentes, emergem a expressão de outras e neste caso numa mesma situação. Após esse terrível conflito, Nyathera e Aren passam um tempo distantes, mas voltam a se reconciliar.

O tempo passa, Aren conclui a graduação, faz a mesma seleção de mestrado que Nyathera, é aprovado e diferentemente dela se recusa a viajar toda a semana para realizar seus estudos. Então Aren convence Nyathera de que seria melhor que se mudassem para a cidade onde se localizava a universidade, por ser maior e haver mais possibilidades de emprego para ela que em breve concluiria a pós-graduação.

Porém, em detrimento da realidade financeira que havia mudado, pois Nyathera já não tinha mais os dois empregos, apenas a bolsa que recebia da pós-graduação que, também já estava próxima de acabar. Houve a sugestão de um familiar da mesma para que eles fossem morar na casa da família dela que ficava numa cidade mais próxima da cidade onde se localizava a universidade. Sobre este momento, Nyathera discorreu:

Eu arrumei tudo pra essa mudança! E aí várias tretas né? Vai não vai, se tem bolsa pra ele, se não tem, se tiver só no meio do ano, e a casa já toda organizada, os móveis todos embalados, peguei dinheiro emprestado, um familiar meu trouxe os móveis, e vale dizer que Aren não participou da mudança! Ele não se dispôs a vir na semana que iríamos fazer a mudança por causa dele! Então ele não carregou um prego! Eu tive que me virar, acionar minha família, como sempre minha família né? Pagar gente, chamar alguns amigos que fizeram essa gentileza por minha causa, e ele de lá da outra cidade dando nota e ainda querendo saber onde estava os documentos que ele deixou não sei aonde! E aí, se o negócio já estava ruim? Aí foi ladeira abaixo!

Mais uma vez estamos diante da expressão do racismo através da imagem da “serva dependente” ou da “empregada doméstica”, articulada ao sexismo do dispositivo amoroso de gênero nas configurações subjetivas de Nyathera, que novamente assume o controle da situação para resolver uma questão do outro, que neste caso é o parceiro amoroso.

Esta é a lógica sexista do sacrifício cristão balizado pelo amor branco romântico-burguês, articulada à lógica racista da mulher negra que precisa cuidar e trabalhar para sustentar o outro branco, ou o outro que performa o branco e possui este lugar de poder na relação.

A posição de controle, decisão e organização de Nyathera nesta relação pode ser compreendida como uma posição movida pelas emoções do medo da perda ou rejeição, muito presente nas subjetividades de mulheres negras, a partir dos processos de socialização no lugar da pobreza material e afetiva, levando-as ao desenvolvimento de vínculos frágeis, onde a oferta mínima de afeto é agarrada com toda a força, como já foi explanado.

Importante destacar aqui a presença e apoio da família de Nyathera, a partir do indicador: “como sempre minha família né?”, que diferente da situação de Ada, aparece como um espaço social que respeita e colabora para a execução das decisões da mesma, se configurando como uma rede de acolhimento ou uma comunidade para Nyathera.

Seguindo com a conversação, procuro saber de Nyathera como estava o afeto a esta altura da relação, e a mesma me respondeu:

Não tinha espaço! O espaço era quando ele precisava de mim, então ele precisava do meu computador, ele precisava da minha leitura, ele precisava dos meus ouvidos, ele precisava do meu apoio, ele precisava da minha companhia para viajar, porque era isso eu era uma muleta! Eu me tornei uma muleta! De mulher, companheira a muleta!

Esta fala de Nyathera, fortalece a reflexão anterior a respeito do seu modo de organização subjetiva, onde a mesma se vê como alguém a serviço, à disposição do outro apenas para a satisfação das necessidades materiais e afetivas, mas sem direito a receber o mesmo de volta. Aqui vale lembrar o pensamento de bell hooks (2010) quando discorre sobre as noções de afeto para população negra em diáspora se expressarem a partir da garantia material para sobrevivência.

Então, existe um processo de socialização e constituição emocional sobre amor e sobre amar para a população negra no Ocidente que perpassa a noção da garantia material, do amor demonstrado através do sacrifício pelo trabalho excessivo para ofertar para si e para os seus, condições básicas de sobrevivência, o que entra em choque com as perspectivas de afeto dos colonizadores.

Chega o momento da conclusão do mestrado de Nyathera, segundo a participante foi um momento “sublime”, ela foi muito elogiada pela banca e também surpreendida com a maciça presença de amigos e familiares no momento da defesa. Como já é possível imaginar, a postura de Aren foi de mais uma vez usar da violência psicológica para rebaixar a autoestima de Nyathera. Sobre isso, ela discorreu:

Ele voltou o caminho todo, esculhambando a dissertação, né? Desqualificando (pausa, Nyathera chora muito)...tentando encontrar ali erros que não foram vistos pela banca, ele já tinha esculhambado o texto, né? E ali ele tentava desqualificar a dissertação e foi super agressivo né? No jeito de falar! Eu vi o ódio saindo do olhar dele, é como se eu tivesse cometido um crime, sabe? E eu fiquei meio assim, sabe quando você fica anestesiada? Aquela sensação de assim “Oi? É comigo?”, sabe? Eu tava tão eu sei lá! Só que eu não conseguia nem celebrar, eu não consegui celebrar a minha conquista! (Nyathera volta a chorar) por causa dele, né? Porque era horrível! Era um tempo onde eu só conseguia chorar, sabe? Vontade de dormir o tempo todo, eu não queria falar com ninguém, tava bem mal assim sabe? Bem desanimada! Engordando...

É possível acessar a partir deste relato os impactos profundos que a violência praticada por Aren geraram emocionalmente para Nyathera e os reflexos destes em seu corpo. Possivelmente Nyathera caminhava para um processo de adoecimento psíquico ou para um processo depressivo onde, assim como na situação de Ada, as reações físicas no corpo e mudanças de comportamento eram indicadores do mesmo, como o choro constante, excesso de sono e isolamento. E como esta situação reverbera até hoje, já que durante o relato, Nyathera se emociona e chora bastante.

O moralismo misógino de Aren novamente entra em xeque quando ao passar a viajar para realizar seus estudos de pós-graduação conhece uma outra mulher. Sobre isto Nyathera relatou:

então numa dessas viagens ele começa a falar de uma moça, que era muito interessante, que queria que eu conhecesse, que o marido dela, também tinha a mesma profissão que a gente aí eu disse “porramassa!”, eu nunca fui uma pessoa assim ciumenta, né? Claro que se eu visse alguma situação de um flerte na minha frente era poxa, menos né? Mas nunca fui aquela mulher de ficar perguntando, querendo saber quem é, quem deixa de ser! Mas ele começou a falar muito dessa moça, muito! Virava e mexia ele falava dessa moça, um belo dia ele me falou uma história que não batia muito, um ponto de contradição muito grande...nem sei explicar mas sabe aquelas coisas que vem assim “olha isso!” sabe? Que a gente chama de intuição? Resolvi seguir a minha intuição! Nós tínhamos compartilhamento de senha das redes sociais e eu resolvi olhar! E lá tinha uma conversa dele com essa mulher, onde ele procurava saber dela onde estava, onde estaria num determinado horário, que ele estaria indo perto da casa dela e aí eles marcaram um ponto de encontro e se encontraram! E ele me chega em casa e me conta

que a encontrou casualmente e acabou indo parar na casa dela e que chegou lá o companheiro dela não tava! Sendo que na mensagem dizia que o marido dela estava viajando, então ele já sabia, né? E além de tudo! (Nythera aumenta o tom de voz) ainda tinha essa dinâmica de deslealdade sendo que era algo que a gente sempre compartilhava, né? “Pô se surgir um interesse por outra pessoa vamos abrir um pro outro, e a gente vê como se resolve! Se a gente rompe, se a gente continua, se vive a experiência, então eu não sei realmente como seria, mas tinha essa coisa né? Essa pactuação de lealdade! Acho que era mais lealdade do que fidelidade e ele foi desonesto comigo!

Esta situação expõe a contradição de Aren com relação a seu modo ciumento, controlador e misógino de se relacionar com Naythera, onde o mesmo a julgava e ofendia por uma situação de traição do passado que não o envolvia. Mas aqui, nesta situação ele performa o masculino branco dominador e ditador das regras, autorizado pelo patriarcado sexista a sentir-se à vontade para ter uma conduta desleal com sua parceira ou quebrar o pacto monogâmico do casamento hetero-cristão.

Lealdade que foi pactuada pelos dois enquanto casal e que o mesmo fere, mais uma vez demonstrando a falta de compromisso, responsabilidade e respeito com sua parceira afetiva. Isto corrobora com o pensamento do autor Na'im Akbar, já exposto, sobre a ferida da escravidão gerada na masculinidade negra levando-os a desconexão com sua cultura de origem e isto se tornar um grande dando a constituição das famílias negras e para a valorização das mulheres negras.

Enfim, chega a hora em que Nythera decide romper o ciclo da violência e terminar o casamento com Aren. Esta decisão se deu a partir de uma discussão envolvendo a necessidade de cuidados com a saúde espiritual de sua mãe biológica e a própria vivência dessa espiritualidade por parte da mesma através da sua religião, o candomblé. Tal necessidade foi questionada por Aren que desejava que Nythera abrisse mão de acompanhar a mãe nesses cuidados para estar com ele.

Então, o conflito ficou mais intenso, sendo qualificado por Nyahtera como a “gota d’água”. Sobre esse momento, ela discorreu:

Aí quando eu estava lá no terreiro com a minha mãe e ele sabia que eu estava lá, ele começou a fazer perguntas como se não soubesse onde eu estava, “onde é que você está?”, eu disse “como? Eu tô no terreiro!”, ele “oxe! ainda?”, eu disse “você esqueceu?” aí ele começou a me acusar de estar sendo muito grosseira, que ele não sabia porque eu estava sendo tão agressiva! Que ele não via motivos para isso! Aí eu me revoltei! Sabe quando chega um momento na discussão que você diz “chega!”? Eu disse “olhe sabe de uma? Chega!”, isso

foi por mensagem escrita não foi nem falada, “pra mim já chega! A partir de hoje basta! A partir desse momento você não tem mais nenhum vínculo comigo, se sinta desobrigado de requerer qualquer coisa minha porque a partir desse momento nós estamos nos separando! Vá viver a sua vida! Vá viver o que você bem quiser e entender! Você não precisa de mim para mais nada! Tudo o que você precisava conquistar já conquistou! Então eu não sou mais útil, você já tem a sua formatura, já tem o seu mestrado, já tem onde morar na cidade em que estuda! Então me deixe em paz e siga em paz! Se desobrigue! Você já me disse uma vez que nós não temos nada que nos prenda não é verdade? Graças a Deus não tivemos um filho, não tivemos nada! Então siga em paz! Vá na luz e me deixe em paz! Eu terminei no dia de dona Nanã, "saluba!", dentro do meu terreiro, eu rompi naquele dia e desde então, um dia sequer de arrependimento!

O silêncio de Nyathera é quebrado, ela expõe todo o seu pensamento e mais uma vez em sua fala fica evidente o lugar da “empregada” e “mãe preta” em que ela foi se constituindo dentro da relação com Aren. Aqui a voz da “mãe preta” ecoa: “você já tem a sua formatura, já tem o seu mestrado, já tem onde morar na cidade em que estuda! Então me deixe em paz e siga em paz!” e fica evidente o compromisso de Nyathera com a garantia das condições materiais e futuro profissional de Aren.

Pode-se observar o quanto na situação de Nyathera ter o apoio de sua comunidade familiar e religiosa foram fundamentais para que ela rompesse o ciclo, reforçando, novamente, a importância de uma rede afetiva de apoio para que a mulher em situação de violência doméstica conseguisse romper com o ciclo.

Mais do que uma centralidade no homem, o dispositivo amoroso de gênero nas configurações subjetivas de Nyathera articulado às questões raciais, conduzem a uma centralidade no trabalho e na família, assim como foi possível observar em Ada. O lugar da família aqui, não se constitui necessariamente a partir da lógica branca generificada, mas em sua organização extensa, como acontece nas culturas africanas.

O ponto mobilizador para Nyathera foi, justamente, o desejo de Aren de ser totalmente central em sua vida desejando que ela desse preferência a ele ao invés da mãe e isto juntamente com a vivência religiosa, para Nyathera era “inegociável”, com pode ser ilustrado nesta fala:

Ele mexeu com a minha mãe! Sabe? (Nyathera aumenta o tom de voz) e aí veio mexer com a minha família, né? Ele botou em xeque a minha mãe e a minha religião, a gente vinha tendo uns atritos sobre a minha religião né? Dele tá questionando quando eu ia, os dias de guarda e isso pra mim é inegociável!

É possível observar que há também uma centralidade na religião, o que questiona a própria ideia de centralidade em se tratando de uma mulher negra, já que para além desta ser uma característica do berço cultural europeu, diz também da quantidade de demandas as quais estas mulheres precisam se debruçar. Mais urgentes que a presença de um homem e a composição de uma família generificada, é a luta pela sobrevivência, pela própria existência.

Vimos em Ada e Nyathera o que Lélia Gonzalez, (1981) chamou de “espírito quilombola”:

A situação da mulher negra hoje, não é muito diferente de seu passado de escravidão. Enquanto negra e mulher, é objeto de dois tipos de desigualdades que fazem dela o setor mais inferiorizado da sociedade brasileira. Enquanto trabalhadora, continua a desempenhar as funções modernizadas da escrava do eito, da mesma mucama e da escrava de ganho. Enquanto mãe e companheira, continua aí, sozinha, a batalhar o sustento dos filhos, enquanto o companheiro, objeto da violência policial, está morto ou na prisão, ou então desempregado e vítima do alcoolismo. Mas seu espírito de quilombola não a deixa sossobrar. (Lélia GONZALEZ, 1981, p.114)

TEMPO DE ÁGUAS CALMAS, A LUA VOLTA A BRILHAR E A MARÉ A ENCHER...

Durante os tempos iniciais de seus casamentos, a fase da lua de mel, Ada e Nyathera relataram emoções de felicidade, plenitude e paixão, com o passar do tempo de convivência chegaram a fase da tensão onde as primeiras manifestações da violência psicológica e moral emergiram e junto com elas as emoções de culpa, vergonha, raiva, bem como as repercussões destas no corpo causando dores, choro, dificuldades para dormir.

Com a chegada da fase da explosão, Ada e Nyathera, além das emoções de culpa, vergonha e raiva, das dificuldades para dormir e das dores no corpo, vivenciaram através das manifestações de violências física e patrimonial, o medo e o arrependimento. Em nenhum momento das conversações elas trouxeram relatos de violência sexual, e quando fiz a pergunta diretamente as respostas foram negativas.

O tema das emoções por ser complexo e pouco discutido, especialmente, pela psicologia (Fernando REY, 2004) é bastante desafiador, exigindo tempo, dedicação e

sobretudo uma sensibilidade que necessita de um deslocamento do lugar racionalista e objetivo muito próprio da produção científica Ocidental para a escuta do coração, das emoções.

Mais do que o acesso às emoções em si, o que pôde ser observado foi um pouco do modo de ser de cada participante a partir do acesso às suas vivências e subjetividades, aqui organizadas teoricamente pela categoria de análise “configurações subjetivas” que de acordo com Fernando González Rey(2011) são:

um recurso teórico para conhecer redes simbólico-emocionais em processo, como a forma humana de sentir e de viver tramas complexas de vida social nos marcos da cultura. Essas configurações subjetivas são produções dos sujeitos e dos espaços sociais protagonistas de tais tramas de vida. (Fernando González REY, 2011, p.23)

A experiência amorosa e de violência nas vidas de Ada e Nyathera tanto trouxeram mudanças para seus modos de ser, como potencializaram o que em suas configurações subjetivas já promovia fragilidades em suas vidas, sendo estas geradas por esse tecido cultural racista e sexista em que vivemos. A trajetória enquanto mulheres negras, atravessadas por esses fenômenos, sem dúvidas costuraram linhas em suas vidas que em diversos aspectos se chocaram e construíram nós.

Os entrelaces entre as questões de gênero e raça existentes em suas subjetividades, a partir dos processos de socialização dentro de uma cultura dominada pela herança da colonização europeia, ou seja, pela expressão de poder do berço cultural europeu dentro do território brasileiro, precisam ser entendidos como fundamentais para que as subjetividades de pessoas negras se constituam a beira do abismo, ou seja, sem referências sobre suas origens, aprendendo a odiar as produções culturais africanas.

Diante disso, mulheres negras neste território genocida aprendem através das experiências de racismo a se odiarem, a trabalharem em excesso e a não priorizarem a si mesmas. Articulado a isso, aprendem com o sexismo que são corpos para o sexo, que são feias e que apenas servem para cuidar e estar a serviço do outro, dentre diversas outras possibilidades de existência que sem dúvidas não se esgotam na discussão proposta por este estudo. Como afirmou Sueli Carneiro (2011) a respeito da saúde das mulheres negras:

Racismo e sexismo produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida, que se manifestam em sequelas emocionais com danos à saúde

mental e rebaixamento da autoestima. (Sueli CARNEIRO, 2011, p.127)

Num contexto racista que promove para a população negra a falta de amor, a morte, a dor, rejeição, abandono, a negação aos direitos básicos de sobrevivência, entre outras desgraças, inevitavelmente, somos jogados/as para o abismo onde as diversas expressões da violência irão se manifestar. Então, como as mulheres negras não estariam no topo do *ranking* brasileiro sendo as maiores vítimas da violência doméstica? Se as nossas famílias, pressagiadas pelo o abismo, se constituem muitas vezes a partir destas violências?

Voltando à dinâmica do ciclo da violência, nas trajetórias das duas participantes ficou bastante evidente a presença do mesmo e do quanto os fatores tempo, frequência e intensidade foram aumentando os danos à saúde mental e física das mesmas, bem como aumentaram os riscos e a vulnerabilidade. Esta dinâmica foi chamada pela socióloga feminista Heleieth Saffioti (2004) de “rotinização”, que segundo a autora colabora para o estabelecimento de um codependência e de uma relação fixada.

A rotinização da violência torna o casamento uma prisão para os/as envolvidos/as na relação gerando graves consequências à saúde e até mesmo a morte, especialmente, das mulheres, já que esta dinâmica é fundamentalmente enraizada no gênero e dentro de uma relação cisheterossexual, o homem para manter-se no lugar de poder faz uso da violência.

Ao decidirem romper com seus casamentos, os relatos das participantes foram de sentir paz, tranquilidade, não arrependimento, esperança. Destacando-se aqui a importância de uma rede de acolhimento ou comunidade, para que a mulher em situação de violência consiga “quebrar” o silêncio tangenciado pela lógica neoliberal do “público-privado” dentro do ciclo.

Ter a presença e apoio da família, da instituição religiosa e acesso a psicoterapia, foram de extrema relevância nas trajetórias das participantes, quer seja nas palavras de apoio dos pastores e poder da escuta e da fala em psicoterapia para Ada, quer seja na convivência acolhedora da família, do espaço do terreiro e poder da fé em Nyathera.

A violência doméstica segundo o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres do ano de 2011, é considerada um problema de Estado sendo uma das principais formas

de violação aos direitos humanos das mulheres "atingindo seus direitos à vida, à saúde e à integridade física" (PNPM, 2011, p.15).

A partir a Lei Maria da Penha (2006) e da PNPM (2011) uma série de políticas públicas para combater, prevenir e acolher mulheres em situação de violência foram planejadas e executadas. Como a criação das redes de enfrentamento e atendimento a exemplo das Secretarias federal, estadual e municipal de políticas para as mulheres (SPM), Centro de Referência de Atendimento às Mulheres (CRAM), Unidades Móveis de Atendimento e Acolhimento às Mulheres (CRAM-volante), entre outras.

Todas estas políticas foram pensadas, articuladas e conquistadas pelas mulheres brasileiras através da luta dos movimentos sociais feministas e de mulheres organizadas em sociedade civil e poder público. Infelizmente, essas conquistas vêm sendo atacadas e desmontadas desde que forças políticas conservadoras voltaram a governar o Brasil, extinguindo ministério e secretarias de políticas para as mulheres e diminuindo cada vez mais o investimento nos equipamentos de políticas públicas de atendimento às mulheres em situação de violência existentes.

Outro destaque feito pelo PNPM (2011) é que a violência doméstica atinge a todas as mulheres sem distinção de classe, origem, religião, escolaridade, estado civil ou raça. Sobre a raça e aqui falamos sobre as mulheres negras, é fundamental, na visão deste estudo, que a discussão encontre com outras águas.

Para além da constatação da violência doméstica que é real e, infelizmente, uma realidade maior entre as mulheres negras do que aos outros grupos raciais existentes no Brasil, é preciso falar sobre a necessidade de um resgate cultural, sobre a centralidade das mulheres negras nas culturas africanas antes do processo de *maafa*.

É preciso lembrar das ações de resistência das próprias mulheres negras no passado, as nossas mais velhas, para que chegássemos aqui. É preciso falar de sankofa, de construção de comunidade e outras perspectivas de viver o amor.

Viver o amor como ação, com realismo e perpassado pelos valores do compromisso, cuidado, respeito e responsabilidade, sobretudo viver esse amor por si mesmas enquanto mulheres negras como já afirmou bell hooks (2010). Iniciar as relações pela base da montanha, com propósito, construção de intimidade e de comunidade como

propõe Sobonfu Somé. A construção do amor como um ato político-poético como afirma a autora Aza Njeri (2020):

Quando se trata de pessoas negras, em estado de opressão e genocídio, esse subir a montanha se agrega também à possibilidade de ter alguém íntimo para dividir o fardo dessa existência e, de forma lúcida, escolherem transformar essa relação no seu quilombo primeiro, lugar de saúde e fôlego de Amor, cujo fruto será a permanência, mais um Ato Político-Poético (Aza NJERI, 2020, p.66)

A vivência do amor como uma ação política, construção de comunidade, como uma ação de reparação, resgate cultural e ancestral. Uma vivência amorosa que é muito maior e muito mais simbólica do que simplesmente a existência de um homem ou da possibilidade de uma união afetiva em um namoro ou casamento.

Uma vivência que construa rede e relações autênticas, que não precise do anúncio de um corpo sexualizado para a geração do desejo, das idealizações e expectativas. Uma vivência onde o amor seja uma “energia fundante de movimento, necessária para a luta dos oprimidos no Ocidente” (Aza NJERI, 2020, p.71).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ingressar no mestrado eu ainda estava encerrando meu ciclo de trabalhos pelas Unidades Móveis de Atendimento as Mulheres em situação de Violência Doméstica. Vivendo uma mistura de emoções por este encerramento, pela novidade do mestrado que chegava e pelo contexto político tenebroso resultante das eleições recentes no país.

O primeiro ano de estudos, 2019, foi bastante gratificante pois além dos vínculos afetivos que pude estabelecer dentro do PPG-NEIM pude conhecer mais a fundo as discussões a respeito da saúde mental e gênero, bem como as discussões do feminismo negro brasileiro e norte-americano, e feminismo decolonial.

Com a chegada da pandemia viral do COVID-19 em 2020, a realidade do mundo mudou e os impactos no meu processo de pesquisa, saúde mental e física foram imensos! A princípio porque eu não teria condições de realizar as conversações pessoalmente e nem os encontros de orientação, e posteriormente pelas implicações emocionais que os conteúdos da pesquisa em conjunto com o meu novo contexto de distanciamento social, trabalho em home-office e morar sozinha promoveram.

Neste estudo mergulhei profundamente nas águas das participantes envolvidas, mas também nas minhas! Sendo o resultado de todo esse processo um verdadeiro “parto” permeado por dores e amores intensos que iluminaram ainda mais o meu olhar sobre mim mesma e a minha comunidade. E então, movida pelas forças e amor ancestrais e da minha aldeia afetiva, segui em frente e cheguei até aqui!

O tema da violência doméstica contra as mulheres é bastante conhecido e estudado tanto no Brasil quanto no mundo. Apesar de toda a sua popularidade arrisco-me afirmar que em muitos destes estudos existe uma escassez na profundidade sobre a compreensão das engrenagens que movimentam a expressão e manutenção de tal fenômeno em nossa sociedade.

Afirmo isto com base na crença de que moram nas emoções boa parte dos sentidos que estruturam e sustentam esta modalidade de violência e como já disse o autor Fernando Rey (2011) o tema das emoções é pouco estudado e utilizado, especialmente, nas práticas dos profissionais de saúde, aqui em destaque, da psicologia.

O desafio necessário de olhar para a violência doméstica através das lentes da interdisciplinaridade é também uma provocação e convite para que a psicologia descentralize-se de si mesma enquanto uma área de atuação profissional e de produção acadêmica que, em muitas situações, vale-se dos próprios construtos para interpretar os fenômenos sociais como se suas bases epistemológicas não fossem também forjadas a partir dos contextos histórico-culturais.

Neste estudo foi evidenciado o quanto este diálogo interdisciplinar e também político dentro da área psi pode ampliar seus modos de interpretação a respeito da violência doméstica, bem como a atuação profissional e os conteúdos que devemos acessar dentro do espaço acadêmico durante a graduação.

É urgente que tenhamos em nossos currículos discussões que envolvam as questões de raça e gênero para que possamos ter maior compreensão do que seria, neste caso, a violência doméstica, e a partir do debate racializado compreender como este fenômeno se expressa de maneiras distintas entre grupos raciais dentro de um mesmo território.

Em se tratando de uma discussão sobre emoções, são muito amplas as possibilidades interpretativas e, portanto, as mesmas não se esgotam neste estudo. O que pôde ser observado é que de fato existe no processo de socialização de mulheres negras a integração de valores e concepções da cultura Ocidental e brasileira, a respeito de suas autoimagens e autoconceitos.

Esta integração é balizada a partir do racismo e sexismo em suas subjetividades a partir dos possíveis arranjos emocionais que vão constituindo um emaranhado complexo de sentimentos que colaboram com o rebaixamento da autoestima, para um olhar negativizado sobre si e de como este processo reverbera na pouca ou nenhuma vivência de amor por si mesmas

Tanto no percurso de Ada como no de Nyathera é possível enxergar as noções de “mãe preta”, “mucama” e “doméstica” cunhadas por Lélia Gonzalez (1984), a partir desse processo de socialização na cultura brasileira e de como suas dinâmicas subjetivas as levaram a estabelecer relações afetivas disfuncionais e abusivas. Compreender a violência doméstica no Brasil é compreender parte da trajetória histórica das mulheres negras em diáspora neste território, afinal somos nós as maiores vítimas desta violência.

A expressão do ciclo da violência nas relações amorosas de Ada e Nyathera, também evidenciou o quanto a violência psicológica dentre todas as outras tipificadas pela Lei Maria da Penha (2006) tem efeitos danosos a saúde física e mental, e se apresenta como principal reguladora da manutenção do ciclo, já que neste jogo violento de palavras as emoções são ainda mais mobilizadas e evidenciadas nesse movimento circular entre a fase da lua de mel e a fase da tensão.

Outro aspecto importante a ser destacado é a não centralidade do amor pelos parceiros nas vidas de Ada e Nyathera o que aponta para outros atravessamentos emocionais como principais mantenedores das mesmas no ciclo da violência. A preocupação com a correspondência das expectativas da família em Ada, e com o prover material e intelectualmente o ex-parceiro em Nyathera, aparecem como principais pontos de mobilização de seus dispositivos amorosos.

Ada na constituição de seu casamento, possivelmente, buscava construir a família, comunidade ou espaço seguro que não encontrava em sua própria família. Nyathera, possivelmente, buscava construir seu espaço seguro no encontro consigo mesma através do espelhamento que estabeleceu na relação com Aren.

Família, estudos e trabalho surgem como os principais atravessamentos que mobilizavam os dispositivos amorosos das participantes na geração de emoções balizadas pelo racismo e sexismo em suas subjetividades, na busca por validação, segurança, acolhimento, reconhecimento e amor, e assim secundarizando os próprios desejos interiores em nome do cuidado com o outro ou das suas expectativas.

Tal busca é parte da trilha das mulheres negras que ao longo das suas vidas deparam-se constantemente com a rejeição, abandono, morte, violências. Construir um lugar seguro, onde possa haver a possibilidade de cultivar afetos acaba sendo raro e por isso, provavelmente, o casamento ou as relações amorosas podem surgir como faróis que iluminam o encontro com o amor.

A escassez afetiva na vida de mulheres negras as torna vulneráveis ao desenvolvimento de relações afetivo-amorosas com violência. Assim como, tal violência compromete a constituição e sobrevivência das famílias negras. Afinal a quem interessa nossas mortes físicas e emocionais? A morte das nossas famílias e o comprometimento

da nossa continuidade? As engrenagens racistas e sexistas sustentadas pelo patriarcado branco-europeu.

Nesta realidade vivemos a beira do abismo como afirmou a autora Aza Njeri (2020) e a partir desta mesma autora o amor como ato político poético aparece como uma proposta de existir e viver com dignidade para mulheres e homens negros, para as famílias negras em diáspora no Ocidente. Obviamente este caminho de construção para “subir a colina” (Sobonfu Somé, 1994) não é nada fácil e muito menos surge aqui como uma alternativa romantizada e sem conflitos.

O movimento de subir a colina exige paciência, cuidado, respeito, honestidade e autenticidade. Será mesmo que existe disposição para viver um amor no encontro com a própria integralidade e com a do/a outro/a? Uma construção amorosa onde não caibam máscaras ou performaces? O convite para viver o amor a este modo exige um rompimento diário com os valores ocidentais e ao mesmo tempo um resgate e integração dos valores africanos perdidos na diáspora.

Mas como viver um amor e constituir uma família de base africana no território da *maafa*, ou seja, Ocidente? É preciso fazer sankofa! E para isso há de ter disposição, afinal o que realmente queremos ou esperamos do amor e da vivência em comunidade?

São muitas as perguntas, poucas respostas e um caminho adiante para ser vivido. Já que é na vivência e no sentir que existimos africanamente! Então que vivamos! E que nossas existências em comunidade, ou melhor dizendo, em aquilombamento seja o que buscamos alcançar nesta travessia de volta para casa.

REFERÊNCIAS

- ANI, Marimba. *Yurugu, uma crítica africano-centrada do pensamento e comportamento cultural europeu*. Africa World Press, 1994.
- AKBAR, N'aim. Psychological Legacy of Slavery. In: *Breaking the Chains of Psychological Slavery*. Tallahassee: Mind Productions & Associates, 1996. p 1-25. Traduzido para fins didáticos por: Roberta Maria Federico, Sankofa Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro, 2020.
- AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BAIROS, L. Nossos Feminismos revisitados. *Revista Estudos Feministas*, ano 3, 2º semestre, Florianópolis, 1995.
- BRASIL. Cria mecanismos para coibir a violência contra a mulher. *Casa Civil. Lei nº11.340*. Brasília. Diário Oficial da União, 2006.
- BRASIL. Balanço 180 1º semestre de 2016. Brasília. *SPM-PR*, 2015.
- BRASIL. Viver sem violência é direito de toda mulher, entenda a lei Maria da Penha. Brasília. *SPM-PR*, 2015.
- BAHIA. Mulher, vire a página. Salvador. *GEDEM*, 2016.
- BAHIA. Enfrentamento à violência doméstica. Salvador. *NUDEM*, s/d.
- BUENO, Winnie. *Imagens de Controle. Um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins*. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- CARDOSO, P.C. Amefricanizando o Feminismo: o pensamento de Lélia Gozalez. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, 2014.
- CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Revista Geledés- Instituto da Mulher Negra*. São Paulo, 2011.
- CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CARNEIRO, S. Mulheres Negras e Violência Doméstica: decodificando os números. *Geledés Instituto da Mulher Negra*. São Paulo, 2017.
- CHAVES, E. S. *O racismo na trajetória escolar e profissional de professoras universitárias*. 2006. 412. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*, Tradução Heci Regina Candiani. Ed. Boitempo: 2016.

- DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.
- DOVE, Nah. *Mulherismo Africana uma teoria afrocêntrica*. *Jornal Estudos Negros*. 1998.
- FISCHER, A.; JANSZ, J.H. Emoções são singulares na personalidade ocidental? (Reconciling Emotions with Western Personhood Tradução: E.S.Chaves). *Journal for the Theory Of Social Behaviour*, 25 (1) 59-80. 1995.
- FLASCO. Mapa da Violência 2015- Homicídio de Mulheres no Brasil. *Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais*. Brasília, 2015.
- FONSECA, H. D.; RIBEIRO, G. C.; LEAL, B.S.N. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. *Psicologia & Sociedade*. (p.307-314). João Pessoa, 2012. p. 307-314.
- GELEDÉS; CRIOLA. A situação dos direitos humanos das mulheres negras no Brasil. Violências e Violações. *Geledés e Criola Organização de Mulheres Negras*. São Paulo, 2015.
- GELEDÉS; 40% das vítimas de violência contra a mulher são evangélicas. *Portal Geledés*. São Paulo, 2016.
- GONZALEZ, L. (1983) - Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p.223-244.
- GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1988, p. 69-82.
- GONZALEZ, L. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. Filhos da África, 2018.
- HOOKS, bell. (2020). *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução: Stephanie Borges. Elefante. São Paulo, 2020.
- HOOKS, bell. (1981). *Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo*. Tradução livre. Plataforma Gueto, Janeiro, 2014.
- HOOKS, B. Vivendo de Amor. *Revista Geledés- Instituto da Mulher Negra*. São Paulo, 2010.
- HOOKS, B. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, 2015, pp. 193-210.
- IPEA. Dossiê Mulheres Negras: retratos das condições de vida das mulheres negras no Brasil. *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada*. Brasília, 2013.
- LABRONICI, L.,M. Processo de resiliência nas mulheres vítimas de violência doméstica: um olhar fenomenológico. *Contexto em enfermagem*. Florianópolis, 2012.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios do racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MOORE, Carlos. *Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte. Mazza Edições, 2010, Cap.9.

NARVAZ, M.G.; KOLLER, S.H. Mulheres vítimas de violência doméstica: compreendendo subjetividades assujeitadas. *PSICO*. Porto Alegre, 2006, p 7-13

NJERI, A. Amor: um ato político-poético. *Ética e Filosofia: gênero, raça e diversidade cultural*. Porto Alegre, 2020.

NOGUERA, Renato. *Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor*. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil: 2020.

ONU-mulheres. Banco Mundial analisa aumento de violência de gênero durante COVID-19 no Brasil. 2020.

OYÈWÚMI, O. Laços Familiares/Ligações Conceituais: notas africanas sobre sobre epistemologias feministas. (*Summer*), 2000, pp. 1093-1098. Tradução para uso didático por Aline Matos da Rocha.

OYÈWÚMÍ, O. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. 2004, p. 1-8. Tradução para uso didático por Juliana Araújo Lopes.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Mulher negra: afetividade e solidão*. EDUFBA: Salvador: 2013.

PEDROSA, M.; ZANELLO, V. (In)visibilidade da violência contra as mulheres na saúde mental. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília , 2016.

QUEIROZ, K. S. *Convivendo com os orixás: a trajetória religiosa de crianças adeptas ao candomblé e o contexto escolar*. 169. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

REY, Gonzalez Fernando Luiz. *Sujeito e subjetividade*. São Paulo: Thomson: 2003.

REY, Gonzalez Fernando Luiz. *Personalidade, saúde e modo de vida*. São Paulo: Thomson: 2004.

REY, Gonzalez Fernando Luiz. *Pesquisa qualitativa em psicologia*. São Paulo: Cengage Learning: 2005.

REY, Gonzalez Fernando Luiz. *Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade. Uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thomson Learning: 2007.

- REY, Gonzalez Fernando Luiz. *Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia*. São Paulo, Cortez: 2011.
- REY, Gonzalez Fernando Luiz.; MARTINÉZ, Albertina Mitijáns. *Subjetividade, teoria, epistemologia e método*. Campinas-SP, Editora Alínea: 2017.
- SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo. 2 ed; 2015.
- SANTOS, Antônio Bispo. *Colonização, quilombos, modos e significados*. Brasília: INCTI, 2015.
- SANTOS, H. M. A importância de discutir gênero em psicologia. *Gênero na psicologia: articulações e discussões*. CRP 03, Salvador, 2013, p.19.
- SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro. As vicissitudes da identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *In: Educação e Realidade*.1995, p. 71–99.
- SOMÉ, Sobonfu. *O espírito da intimidade. Ensinaamentos africanos sobre maneiras de se relacionar*. São Paulo: Odysseus, 2007.
- ZANELLO, Valeska. *Saúde mental e gênero: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba, Appris Editora: 2018.
- WERNECK, J. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. *Revista da ABPN*. 2010.

APÊNDICES

ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Senhora,

Convidamos a senhora a participar da pesquisa intitulada “Raça, Gênero e Emoções: implicações no processo de permanência de mulheres negras no ciclo da violência doméstica”, realizada pela discente Flávia Damasceno Dias, no Mestrado no Programa de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob a orientação da Profa. Dra. Darlane Silva Viera Andrade.

O objetivo do estudo é compreender as configurações subjetivas da permanência de mulheres negras em situação de violência doméstica e familiar. A participação na pesquisa consiste em realizar uma ou mais conversas sobre o tema, em horário e local que lhe seja mais conveniente. A duração da conversa pode variar de 30 minutos a 2 horas.

A participação no estudo é voluntária e não envolve riscos, salvo algum desconforto que possa sentir ao falar sobre o tema. Caso se sinta desconfortável em participar ou responder a alguma pergunta durante a/s conversa/s, poderá deixar de participar, sem qualquer prejuízo.

A participação no estudo é confidencial, ou seja, seus dados pessoais não serão revelados, garantindo o sigilo. O conteúdo da conversa será utilizado para fins científicos em publicações acadêmicas.

Os procedimentos desta pesquisa incluem registros de áudio em gravador, transcrição das conversas e produções textuais a partir da análise dos dados. Todos os registros efetuados no decorrer deste estudo estarão sob a responsabilidade da Profa. Dra. Darlane Silva Viera Andrade e da discente Flávia Damasceno Dias.

Destacamos ainda não haverá nenhum ônus (gastos financeiros) para a senhora, uma vez que a pesquisa será custeada pela discente.

A senhora tem a liberdade para perguntar e sanar dúvidas que possam surgir em qualquer momento da pesquisa. Essas perguntas podem ser dirigidas às pesquisadoras Profa. Dra. Darlane Silva Viera Andrade, pelo telefone (71) 991186446 ou para a estudante Flávia Damasceno Dias, pelo telefone (75) 99179-9841, ou por e-mail falddias@hotmail.com

Finalmente, tendo compreendido tudo o que lhe foi informado sobre a sua participação voluntária e sigilosa nesta pesquisa e, estando ciente dos direitos, responsabilidades, riscos e benefícios que esta participação implica, assine este termo de Consentimento, indicando seu RG ou CPF. Você receberá uma cópia deste termo de concordância, sem que para isso tenha sido forçada ou obrigada.

Salvador, ____ de ____ de 2020

Nome e Assinatura da Participante, CPF ou RG

Profa. Dra. Darlane Silva Viera Andrade.
Orientadora da Pesquisa – CPF 98662201504

Flávia Damasceno Dias
Discente Pesquisadora – PPGNEIM/UFBA - CPF 03400112542

ANEXO 2 - QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO

Idade:

Sexo:

Gênero:

Orientação sexual:

Cor:

Religião:

Escolaridade:

Profissão e ocupação:

Você reside com quem?

Quem provém a casa ? Qual o total da renda doméstica? E a sua renda (individual)?

Naturalidade:

Cidade onde reside:

Estado Civil:

Você já compartilhou residência com parceiro? Por quanto tempo?

Tem filho(s)/a(s)? Quantos?

ANEXO 3 - TEMÁRIO DAS CONVERSÇÕES

Questão disparadora: Fale sobre a relação amorosa, como se conheceram?

Início do relacionamento

Sentimentos do início

Questão disparadora: Depois de um tempo de convivência, o que mudou?

A emergência das violências

Sentimentos no final da relação

ANEXO 4 - COMPLEMENTO DE FRASES

Amar...

Ser amada...

Casamento...

No casamento eu gostava...

No casamento eu não gostava...

Ser casada com um homem negro...